

### HÁ FRONTEIRAS DEFINIDAS ENTRE OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS COMPLEXAS?

Katia Emmerick Andrade  
Roberto Botelho Rondinini

O presente trabalho resulta de uma pesquisa qualitativa proveniente de questionamentos acerca da existência de linhas divisórias intransponíveis entre processos de formação de palavras complexas. Evidências de fluidez na demarcação dos limites de processos circunvizinhos em função de suas propriedades, tal como ocorre entre a composição e o cruzamento vocabular, levaram-nos à análise de aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos de dados coletados empiricamente, com vistas a investigar: (i) em que medida podemos depreender nitidamente os seus liames e (ii) sua possível distribuição em um macro *continuum* morfossintático, nos termos apresentados por Andrade (2013). Para tanto, tratamos de aspectos relativos à caracterização de palavras compostas, a exemplo de *escola-modelo*, *futebol de areia* e *criado-mudo*, baseando-nos, fundamentalmente, em Rio-Torto e Ribeiro (2011), além de cruzamentos vocabulares, como *sacolê* (*saco* + *picolê*), *mãedra* (*mãe* + *madrasta*) e *falsiane* (*falsa* + *N-iane*), cujas análises se pautam em Andrade (2008) e Basilio (2003; 2005; 2010). O resultado de nossas investigações aponta para uma maior coerência da configuração contínua e móvel da fronteira entre os processos morfológicos, em que algumas formações ocupam posição central (consideradas prototípicas para dado processo) e outras, posição periférica, sem a existência, portanto, de delimitações estanques. Ademais, salientamos a recorrência de padrões que conferem autonomia do cruzamento vocabular em relação ao processo de composição regular.

### SHIPPAGEM: UM USO MORFOLÓGICO DO CRUZAMENTO VOCABULAR

Vitória Benfica da Silva

A *shippagem* é um fenômeno pelo qual palavras são criadas cruzando os nomes dos integrantes de um casal, como em *Brumar* (<Bruna+ Neymar). De acordo com o Dicionário Informal online, *shippar* corresponde a um “verbo, usado quando você gosta de um casal por exemplo, ‘Eu *shippo* Justin e Selenia (*Jelena*)’”. Este fenômeno, comum na esfera das celebridades, é resultado do cruzamento vocabular, um processo de formação de palavras em que dois vocábulos se fundem em um todo fonético, com um único acento, sem perder os traços semânticos das bases. Bem como outros processos não-concatenativos de formação de palavras, o cruzamento vocabular é pouco investigado em literaturas morfológicas do Português, diferentemente de fenômenos considerados “regulares” na língua. Sendo assim, o presente trabalho visa expandir os estudos acerca deste processo, com o *corpus* formado exclusivamente de cruzamentos cujas bases são antropônimos. Desta forma, objetiva-se no presente trabalho analisar a *shippagem* à luz da morfologia, comparando-se os dados de *shippagem* com outros dados de cruzamento vocabular, e estudar o valor discursivo do fenômeno, além de outros objetivos específicos. Compondo a base teórica deste estudo descritivo estão Gonçalves (2003, 2006), Andrade (2008), Silva (2017), entre outros. Os resultados indicam que,

embora a *shippagem* seja uma realização do cruzamento vocabular, ela possui suas particularidades em relação aos demais dados já coletados.

**Palavras-chave:** morfologia; cruzamento vocabular; *shippagem*; antropônimo.

## **‘ATACAREJO’: UM FENÔMENO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO**

Ana Carolina Luz da Silva  
Luciana Moraes Barcelos

Por compor a formação de uma cultura e reforçar a identidade de quem a utiliza, o estudo de cada língua ultrapassa a barreira do importante, tornando-se imprescindível. Assim, compreender os processos de formação de palavras de uma língua perpassa aspectos formais, mas os ultrapassa, abrangendo aspectos culturais e sociointerativos. Ademais, embora a formação de novas palavras seja um fenômeno frequente, a descrição e a análise nem sempre acompanham o ritmo dessas mudanças. Dessa forma, a presente comunicação apresenta os dados iniciais de nossa pesquisa de Iniciação Científica, vinculada ao grupo DEALP – Descrição e Análise da Língua Portuguesa –, que pesquisa, descreve e analisa as palavras formadas no português brasileiro que não seguem a nenhum padrão de formação de palavras por composição. Aronoff (1981) afirma que a formação de palavras se vincula à aplicação de uma regra a uma palavra já existente. Cabe destacar que as regras que envolvem a formação de palavras por composição, segundo Basílio (1991) e Sandmann (1992), incluem a participação de dois radicais; Laroca (2005: 76) assevera que a composição pode ser feita por justaposição, aglutinação ou truncamento de bases livres ou presas. Diante disso, observa-se que os materiais de descrição morfológica da língua estabelecem como critério a obediência à segmentação morfêmica da palavra (por exemplo: radical, vogal temática, afixos), sem oferecer critérios de análise para as formações que não obedecem nem às regras de composição, nem às de segmentação. Um exemplo prático, título de nossa pesquisa, é a palavra ATACAREJO (nome próprio de um estabelecimento que comercializa produtos diversos, tanto no atacado como no varejo). Claramente, essa palavra foge aos padrões de composição, pois não utiliza nenhuma variação da opção radical + radical, nem apresenta uma opção que respeita as delimitações morfológicas das palavras envolvidas na formação. O modo inusitado de criação vocabular possui o propósito de chamar a atenção de quem se depara com essa forma de comercialização de produtos. Em face desse fenômeno linguístico, propomo-nos a analisar a estrutura formal e as motivações sociodiscursivas que envolvem a formação desse tipo de palavra, uma vez que pesquisar a finalidade da formação das palavras é tão importante quanto a própria palavra, afinal, estudar as intenções é estudar a língua.

### **Referências bibliográficas**

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. 2. ed. Cambridge: Massachusetts, 1981.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 3 ed. Editora Ática, 1991.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. 5 ed. Campinas: Pontes, 2005.

SANDMANN, Antônio. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

### **-TECA: UM OLHAR DERIVACIONAL**

Camila Nunes de Melo  
Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Gonçalves e Andrade(2016) elencam uma série de características que são responsáveis por diferenciar afixos de radicais. Essas características estão sendo aplicadas a diversas palavras que contêm o formativo *-teca*, com o fim de fazer um mapeamento do comportamento morfológico desse item. A hipótese que se levanta, neste trabalho, é que o elemento citado vem ganhando algumas características de afixo, apesar de ainda manter algumas características de radical. Um *corpus* com 75 palavras foi montado a partir de pesquisas em sites de relacionamento (como Facebook, Orkut), sites de buscas (como Google, Yahoo), programas de televisão (como Fantástico na Globo), jornais e revistas de grande circulação (como O Globo e Veja), etc. Todas essas palavras foram colocadas à luz das características desenhadas pelos autores citados, com a finalidade de entender como o formativo anda se comportando na língua. A aplicação dos testes revelou que, de fato, a partícula em questão, principalmente no que diz respeito às novas formações, comporta-se tal como afixo. Essa nova forma de categorização do elemento corrobora para uma análise escalar entre essas classes, análise essa proposta por Gonçalves(2011), Gonçalves e Andrade(2012) e Gonçalves e Andrade(2017). Para os autores, os elementos ditos neoclássicos devem ser analisados de forma gradual entre as classes radicais e afixos e, por consequência disso, participariam de um processo de formação de palavras que estaria entre a composição e a derivação, vistas também por esses autores como polos de um *continuum*.

### **Referências bibliográficas**

GONÇALVES, C.A.V.; ALMEIDA M.L.L de. *Língua portuguesa: identidade difusão e variabilidade*. Rio de Janeiro: AILP/UFRJ, 2008.

GONÇALVES, C.A.V.; ALMEIDA M.L.L de. *Diadorim- interface morfologia-semântica, Língua & Discurso*. Rio de Janeiro:Fac.Letras/UFRJ, 2008.

GONÇALVES, C.A.V.; ALMEIDA, M.L.L. de. Por uma cibermorfologia: abordagem morfossemântica dos xenconstituintes em português. In: MOLLICA, Maria Cecília; GONZALES, Marcos (Orgs.). *Linguística e ciência da informação: diálogos possíveis*. Curitiba: Appris, 2012. p. 105-127.

GONÇALVES, C. A. Composição e derivação: polos prototípicos de um *continuum*? Pequeno estudo de casos. *Domínios da lingu@gem*, Uberlândia, 5 (1), p. 62-89, 2011a.

GONÇALVES, C. A. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *Revel – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, 14, 2011b.

GONÇALVES, C. A. V. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES, C. A. V. Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. *Revista da Abralin*, Curitiba, v. 10 (2), p. 67-90, jul./dez., 2011c.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. *Delta. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (Online), v. 32, p. 261-294, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición/derivación en portugués. *Linguistica* (Madrid), v. 28, p. 3-24, 2012.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Atuais tendências em formações de palavras*. Rio de Janeiro: Contexto, 2016.

## **A INTERFACE MORFOLOGIA-FONOLOGIA NA ANÁLISE DA HIPOCORIZAÇÃO: UM OLHAR POR MEIO DA MORFOLOGIA PROSÓDICA**

Bruno Cavalcanti Lima

Neste trabalho, analisam-se dois padrões de hipocorização: o que apresenta reduplicação à direita, mais especificamente na sílaba tônica, como ocorre, por exemplo, em *Bebel* (hipocorístico do antropônimo *Isabel*), e o de antropônimos compostos, que se verifica, por exemplo, em *Cadu* (hipocorístico do nome composto *Carlos Eduardo*). A análise se baseia na Morfologia Prosódica (doravante MP), modelo proposto por McCarthy (1986) e revisto por McCarthy & Prince (1993). A MP é um modelo teórico que tem por objetivo explicar a interação Morfologia-Fonologia e, para chegar a esse fim, leva em consideração o papel mediador da Prosódia. O hipocorístico deve constituir palavra mínima na língua e, por isso, não pode apresentar mais de um pé binário e, na MP, o molde, gerado pelas condições de minimalidade que atuam no *input*, é uma forma de *output* que passa a ser forma de *input* sobre a qual podem atuar algumas condições de boa formação. A forma de *output* real emerge, então, quando essas condições são satisfeitas (LIMA, 2008). Como *corpus*, utilizam-se informações coletadas em testes e dados que compõem o dicionário de hipocorísticos de Monteiro (1999), disponível em <http://www.geocities.com/Paris/cathedral/1036>. Para constatar a presença de padrões mais gerais, aplicaram-se testes de aceitabilidade de formas. Para cada forma proposta nos testes, verificou-se qual delas sobressaía em relação às outras. Essa forma destacada seria, portanto, o *output* real.

### **Referências bibliográficas**

LIMA, B. C. *A formação de 'Dedé' e 'Malu': uma análise otimalista de dois padrões de hipocorização*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2008.

McCARTHY, J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry*, 12 (3): 373-417, 1986.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic morphology I: constraint interaction and satisfaction*. Cambridge: Rutgers University, Center for Cognitive Science, 1993.

MONTEIRO, J. L. (1999). *Dicionário de hipocorísticos*. Disponível em: <http://www.geocities.com/Paris/cathedral/1036>. Acesso em: 10 jul. 2018.

## **O ENANTIOMORFISMO PROSÓDICO DA LINGUAGEM “TTK”: UMA ANÁLISE POR RANQUEAMENTO DE RESTRIÇÕES**

Felipe da Silva Vital

Como continuidade do projeto iniciado em 2016, esta apresentação traz como objetivo primevo uma proposta de ranqueamento fixo na hierarquia de restrições, baseado nos princípios gerais da Teoria da Otimalidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993), para o fenômeno gíriático conhecido como linguagem TTK ou Gualin, que consiste na metátese silábica, em sentido enantiomórfico (GONÇALVES, 1992) à palavra-matriz, em função de uma acentuação oxítônica ([*'kɛ. ru*] >> [*ro. 'kɛ*]; [*ga. 'ro. tɐ*] >> [*ta. ro. 'ga*]). Outro objeto da pesquisa consiste em testar que há regularidade nos processos tidos como "marginais" pela Gramática Tradicional (GT) ou "os mal-comportados na formação de palavras", nos termos de Jensen (1991), e que tal regularidade consiste na interface fonologia-morfologia. Esta apresentação é baseada em Gonçalves e Vital (2017), (em "Novos horizontes da pesquisa em morfologia"), do qual saíram os dados aqui analisados. Desta forma, propomos, de maneira definitiva, à luz de uma teoria paralelista, um ranqueamento fixo entre as restrições para inputs/outputs que apresentem um pé (concebido à luz de Hayes (1995)) como domínio para a aplicação do fenômeno morfoprosódico em tela. Para palavras trissilábicas, assumimos a proposta, seguindo o autor, de incorporação direta à palavra prosódica (w) (SELKIRK, 1982) da sílaba que não integra o pé, na contramão do licenciamento prosódico (ITÔ, 1986), entendendo a condição FootBin (pés são binários em mora ( $\mu$ ) ou em sílaba ( $\sigma$ )) na perspectiva silábica ( $\sigma$ ).

### **Referências bibliográficas**

GONÇALVES, C. A. V. Aférese e prótese: verso e reverso fonológico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 65-78, 1992.

GONÇALVES, C. A. V.; VITAL, F. S. Fonologia e morfologia: enantiomorfismo na "gualin do ttk" ("língua do Catete"). In: GONÇALVES, C. A. V.; HIGINO DA SILVA, N. (Org.). *Novos horizontes da pesquisa em morfologia*. Campinas: Pontes, 2017, v. 1, p. 131-146.

HAYES, B. *Metrical stress theory*. Principles and case studies. Chicago, the University Chicago Press, 1995.

ITÔ, J. Syllable. *Theory in prosodic phonology*. Doctoral dissertation. University of Massachusetts, 1986.

PRINCE, A. S.; SMOLENSKY, P. *Optimality theory: constraints and interaction in Generative Grammar*. Boulder: University of Colorado, 1993.

SELKIRK, E. O. *The syntax of words*. (Linguistic Inquiry Monographs 7.) Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1982.

## **O FENÔMENO DA NASALIZAÇÃO MARGINAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UM ESTUDO DE ATITUDES**

Paula Pinheiro Costa

O presente trabalho se ocupa de analisar as atitudes linguísticas de falantes naturais de diversos municípios do Brasil. Todas as regiões brasileiras, que são contempladas neste estudo, por se tratarem de uma extensão considerável entre si e por terem seus históricos difusos em suas constituições dialetais, apresentam falares que se distinguem, majoritariamente, por ocorrências fonéticas. No nosso enfoque, trazemos à luz o fenômeno de nasalização fonética, típica do português brasileiro, por três processos distintos: a assimilação de longa distância, a uniformização prefixal de /iN-/ e a nasalidade espúria. Tende-se como crença a de que falantes originários da região nordeste são os maiores produtores da nasalização. Ainda, coloca-se a escolaridade como fator preponderante para que a nasalidade se manifeste ou se iniba em indivíduos de maior grau de escolarização. De posse dessas afirmações, fazemos o estudo nos moldes teórico-metodológicos da Sociolinguística com foco em estudos de atitudes linguísticas, analisando respondentes com terceiro grau completo e com graduação em curso das mais variadas localidades confirmam a posição que se assumiu previamente

## **FLEXÃO, DERIVAÇÃO E INFERÊNCIA DESENCADEADA: O CASO DO PRONOME “ILLE” E SEUS PRODUTOS PORTUGUESES**

Matheus Bezerra de Azevedo

Na língua latina, o pronome “ille” era considerado como um demonstrativo, função que originou o seu correspondente português “aquele” (por meio da forma “\*eccuille”). Além dele, o “ille” também originou o pronome pessoal, (do chamado “caso reto”) “ele”, bem como o artigo definido “o” e o pronome pessoal oblíquo “o” —também chamado clítico. Claramente, trata-se de casos de lexicogênese da língua portuguesa, isto é, estas palavras foram herdadas pelo português da língua latina, tendo os processos de formação de palavras ocorrido já nessa última (BIZZOCCHI, 1998). Esta pesquisa visa a demonstrar como a chamada “inferência desencadeada” (SILVA, 2006; TRAUGOTT; DASHER,

2002) contribuiu para a existência de usos do “ille”, ainda em latim, como núcleo de sintagma nominal, primeiramente exercendo uma função de natureza anafórica e, posteriormente, uma forma de caso reto para a terceira pessoa, que se repetem, semelhantemente, no português contemporâneo (CASTILHO, 2010; NEVES, 2011). Discute-se, ainda, a questão do estatuto dos produtos quanto a questões de flexão e derivação em português, ou seja, se são de fato significantes diferentes, dois vocábulos distintos com a mesma palavra (a saber, mesma referência no semântica, no mundo biossocial [CAMARA JÚNIOR, 2001]) como propõem os dicionários descritivos como Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (2009) e, se isso de fato se confirma, as razões pelas quais são assim classificados, tendo em vista que palavras de mesmo étimo são agrupadas numa mesma entrada lexical, a não ser os casos de formas divergentes, como “mancha” e “mágoa” (do latim “macula, -ae”) conforme Viaro (2011).

**Palavras-chave:** ille; pronomes; artigos definidos; flexão e derivação; morfologia lexical.

## **O SUFIXO –*inho* E A SUA UTILIZAÇÃO A PARTIR DE UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA E DA LINGÜÍSTICA DE *CORPUS***

Pedro Paulo Nunes da Silva

Esta pesquisa apresenta uma análise estilística (LAPA, 1977; MONTEIRO, 2009; MARTINS, 2011), com relação ao sufixo –*inho*, num *corpus* literário com duas variedades da língua portuguesa, a fim de constatar em qual variedade linguística o uso desse sufixo é mais recorrente. O uso do sufixo –*inho*, em língua portuguesa, é apresentado por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1995), como de aplicação usual pelos brasileiros, mas preterido por portugueses. Pelo princípio de iconicidade linguístico (CUNHA, OLIVEIRA e MARTELOTTA, 2015), a utilização do sufixo –*inho* não indica apenas derivação de grau, pois, quando adicionado às diferentes classes sintáticas das palavras, ocasiona alterações morfossemânticas diversas, designando funções como afetividade, pejoratividade ou intensificação (GONÇALVES, 2006). À vista disso, este estudo averiguou o uso desse sufixo como aspecto linguístico-cultural entre escritores brasileiros e portugueses. O objeto de estudo é um *corpus* de 2 milhões de palavras (*tokens*) composto por 32 textos literários. Esse *corpus* de estudo contém obras de 22 autores consagrados pela comunidade lusófona e subdivide-se em dois *subcorpora*: o *subcorpus* com a variedade do português brasileiro, contendo 16 obras de autores(as) brasileiros(as); e o *subcorpus* com a variedade do português europeu, que apresenta 16 obras de escritores(as) portugueses(as), contendo cada *subcorpus* aproximadamente 1 milhão de *tokens*. A partir desse *corpus* em formato eletrônico, utilizou-se da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004), por meio da ferramenta computacional *AntConc* (ANTHONY, 2018), para veicular dados quantitativos para posterior análise a respeito do sufixo –*inho* e, consequentemente, empregar conhecimentos advindos da estilística de *corpus* (FISHER-STARCKE, 2010). Inicialmente, os dados coletados evidenciam que o uso desse sufixo é muito mais recorrente entre os autores brasileiros do que entre os portugueses, o que corresponde a 70,47% das ocorrências no *corpus* de estudo, ou seja, quase 2,5 vezes maior do que o seu *subcorpus* comparável. Por consequência, as considerações preliminares indicam o sufixo –*inho* como uma característica linguístico-cultural proeminente, em textos literários, na variedade do português brasileiro.

## Referências bibliográficas

ANTHONY, Laurence. *AntConc (Version 3.5.7)* [Computer Software]. Tóquio, Japão: Waseda University, 2018. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora Ltda., 1977.

FISCHER-STARCKE, Bettina. *Corpus linguistics in literary analysis: Jane Austen and her contemporaries*. Nova York: Continuum, 2010.

GONÇALVES, Marcos Antônio. O uso subjetivo das formações x-inho: Uma abordagem baseada na Linguística de Corpus. In: *Linguagem: teoria, análise e aplicações*, p. 205-224, 2006. Disponível em: <[http://www.pgletas.uerj.br/linguistica/textos/livro01/LTAA01\\_a11.pdf](http://www.pgletas.uerj.br/linguistica/textos/livro01/LTAA01_a11.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2017.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. São Paulo: Edusp, 2011.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2009.

## ESQUEMAS CONSTRUCIONAIS ANTROPONÍMICOS DE ORIGEM FRANCESA EM NOMES DE PESSOAS NO BRASIL

Deise da Silva Conceição  
Natal Almeida Simões Neto  
Juliana Soledade

Esta apresentação é um desdobramento de um trabalho de conclusão de curso que investigou a influência francesa na antroponímia feminina do português brasileiro, a partir dos nomes tradicionais de origem francesa e dos nomes neológicos construídos com formativos da língua francesa, como *-ane*, *-ele*, *-ene*, *-ete* e *-ine* (CONCEIÇÃO, 2018). Os dados foram extraídos das listas de aprovados no vestibular da UEFS, dos anos de 2017 e 2018. Esses nomes encontrados foram consultados nos dicionários onomásticos do português, a saber o Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa, de Antenor Nascentes (1952), e o Dicionário Etimológico Onomástico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado (1981) e na Bíblia. Foram considerados nomes tradicionais os que constavam nessas fontes, ao passo que os não encontrados foram classificados como



neológicos. Estudos como de Castro (2004) e Mexias-Simon e Oliveira (2004) têm apontado que a neologia é um dos principais fatores que diferenciam a antroponímia brasileira e a portuguesa. Neste trabalho, pretendemos fazer um estudo sobre os esquemas X-ete (Marinete, Georgete, Eliete, Suzete), X-ene (Mariene, Chayene, Zulene), X-ane (Suelane, Doriane, Tailane), X-ele (Mariele, Marinele, Juliele) e X-ine (Sabrine, Juline), a partir do paradigma teórico da Morfologia Construcional, à maneira como tem sido desenvolvida por Booij (2010) e Gonçalves (2016). Os resultados obtidos desta pesquisa vêm a somar com os trabalhos de Rodrigues (2016) e Simões Neto e Soledade (2018), na compreensão de que o uso da Morfologia Construcional no estudo antroponímico é bastante salutar, pois os mecanismos morfológicos e cognitivos atinentes à formação de nomes próprios não se diferenciam significativamente dos de nomes comuns, como se postulou na tradição da Onomástica.

**Palavras-chave:** antroponímia; neologismo; morfologia construcional.

### Referências bibliográficas

BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CASTRO, I. A atribuição do nome próprio no espaço luso-brasileiro: dados paulistas. In: AGRELO, A. I. B. (Org.). *Novi te ex nomine*: estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer. Coruña: Fund. Barrié, 2004. p. 245-256.

CONCEIÇÃO, D. S. *Galicismos antroponímicos e neologismos com elementos de origem francesa*: olhares para o léxico de Salvador e de Feira de Santana-BA. 2018. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional*: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

MACHADO, J. P. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3 v. Lisboa: Horizonte; Confluência, 1981.

MEXIAS-SIMON, M. L.; OLIVEIRA, A. *O nome do homem*: reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952. t. II.

RODRIGUES, L. S. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, p. 1295-1350, 2018.

# CONSTRUÇÕES DE GÊNERO GRAMATICAL: ARQUITETURA DA GRAMÁTICA E SEUS IMPACTOS NA CONCEPTUALIZAÇÃO DO MUNDO

Wallace Bezerra de Carvalho

Certamente, a discussão sobre quais são as formas que representam o gênero morfológico no português encontram relativo espaço nos círculos linguísticos do Brasil até hoje. Discutida detalhadamente por Câmara Jr. (1970), a questão ainda passa pelos estudos de Kehdi (1999) (ambos estruturalistas) e, mais recentemente, Nascimento (2005) aborda o objeto a partir de uma visão construcionista, baseada em Goldberg (1995). Decerto, a partir dessa discussão, diferentes concepções de gramática são utilizadas, e, consequentemente, diferentes formas de se entender gênero gramatical surgem. Desse modo, é dentro desse tópico que esta comunicação se insere. Partindo também de um viés construcionista, baseado principalmente ao que Pinheiro (2016) se refere como Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), este trabalho busca apresentar possíveis representações das construções de gênero gramatical do português. Para além disso, também se busca discutir de que formas a categoria gênero gramatical e suas relativas construções na rede de construções de um falante contribui para a maneira como alguém conceptualiza o mundo. Para tanto, lança-se mão dos estudos de Phillips & Boroditsky (2003), El-Yousseph (2006), Vandewynckel (2008), Cubelli *et al* (2011) e Semenuks *et al* (2017). Assim, discute-se, em conjunto com a arquitetura gramatical da língua, o papel que essa desempenha na forma como seres humanos conceptualizam o mundo.

## Referências bibliográficas

CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Editora Vozes, 1970.

CUBELLI, R. *et al*. The effect of grammatical gender on object categorization. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v. 37, n. 2, p. 449, 2011.

EL-YOUSSEPH, N. *Sex and size: the influence of grammatical gender on object perception in english and german*. 2006. Tese de Doutorado. The Ohio State University.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. University of Chicago Press, 1995.

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. Editora Atica, 1992.

NASCIMENTO, M. J. R. *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções*. 2006. Tese de Doutorado, 171 f. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

PHILLIPS, W.; BORODITSKY, L. Can quirks of grammar affect the way you think? Grammatical gender and object concepts. In: *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*. 2003

SEMENUKS, A. *et al.* Effects of Grammatical Gender on Object Description. In: *CogSci*. 2017.

## FOTO- E TELE- UMA RECOMPOSIÇÃO DE NÍVEL CULTURAL

Patrícia Affonso de Oliveira

Pretendemos fazer uma análise do processo morfológico conhecido como recomposição em português, focalizando os elementos *foto- tele-*. Procuramos mostrar que esse mecanismo de ampliação lexical está inserido na proposta de *continuum* defendida por autores como Kastovsky (2009), Gonçalves (2011a) e Gonçalves & Andrade (2012; 2016). Além disso, mostramos que a mudança ocorre nos formativos que participam desse processo, nos dias de hoje, é manifestada por uma necessidade cultural, pois a língua precisava de palavras que nomeassem as mudanças tecnológicas, e assim surge o processo de recomposição. A recomposição é o processo pelo qual há um encurtamento de uma palavra, outrora composta (uma formação dita neoclássica), e um formativo, geralmente o de primeira posição, adquire o significado de todo o composto. O radical encurtado não preserva o sentido etimológico da forma-gatilho de onde se desprende e, semanticamente modificado, se une a uma forma linguística (na maioria das vezes livre), formando uma nova palavra, mas não mais com o significado que encontramos na formação neoclássica original.

**Palavras-chave:** recomposição; afixoides; *continuum* morfológico

### Referências bibliográficas

BECHOR, Ana Paula, V. *O processo de Recomposição no Português do Brasil a partir de AUTO e MOTO*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2010.

BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CAMARA JUNIOR, J.M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

CANO, W. M. *O formativo tele- e suas variantes no português atual do Brasil*. São Paulo: Revista Alfa, 1998.

FERREIRA, R.G. *Da Telepatia ao telejornal: um estudo morfossemântico da Recomposição a partir de Tele*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2011.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Composição e derivação: pólos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos*. Rio de Janeiro, CNPQ, Faculdade de Letras/UFRJ, 2011.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Compostos neoclássicos: estrutura e formação*. Rio de Janeiro, CNPQ, Faculdade de Letras/ UFRJ, 2010.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K.E. *O estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em português*. Rio de Janeiro UFRJ, 2011c.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K.E. *A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação*. Revista Delta, São Paulo, 2016.

KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: MCCONCHIE, R. W. et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, pp. 1-13.

OLIVEIRA, P. A. de. *O estatuto morfológico dos formativos eco- e homo- no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

OLIVEIRA, P. A.; GONÇALVES, C. A. *O processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural*. Cadernos do NEMP, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171-184, 2011.

SOUZA, Camila Duarte de. *Fotofobia, fotogenia, fotomontagem: as construções com foto- são compostos ou derivados?* Cadernos do NEMP, Rio de Janeiro, n.3 p.27-39, 2012.

## **SPLINTERS NÃO NATIVOS E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA VISÃO ALTERNATIVA SOBRE UM NOVO TIPO MORFOLÓGICO**

José Augusto de Oliveira Pires

Diversas palavras são criadas, formadas e/ou incorporadas à Língua Portuguesa constantemente, sendo, consciente ou inconscientemente, provenientes dos mais diversos processos de formação de palavras. Dentre várias motivações para essa criação sistemática, temos a **função de rotulação**, que, segundo Basilio (1987:5), seria a de fornecer “novos rótulos para novas categorizações, ou seja, efetuar novas denominações”. Com base nessas formações iniciais, notamos, nas mais variadas construções lexicais, a presença de processos de formação de palavras tanto concatenativos, dentre outros, a composição e a derivação (sendo esses dois dos mais representativos), por exemplo, quanto não-concatenativos, tais quais *reduplicação* (puxa-puxa, corre-corre); *Truncamento* (biju, preju); *Hipocorização* (Cris, Manu) e *Splinters*, sendo estes *nativos* (*sextaneja* e *tiadrasta*) e *não-nativos* (*ciberespão* e *nikitileaks*). A partir dessas informações, objetivamos fazer uma análise dos *Splinters*, especificamente dos não-nativos, doravante *Xenoconstituintes* (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012), à luz do arcabouço teórico da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010). Para tal, procuraremos (a) fazer uma breve descrição do que vem a ser essas partículas, (b) mapear e inventariar quais *Splinters não-nativos* são utilizados contemporaneamente nas estruturas morfológicas do português e (c) examinar o comportamento dos mesmos em termos de grau de nativização, ou seja, quais estariam mais adaptados à fonologia e à morfologia da língua portuguesa. Posteriormente, intencionamos representar os *Splinters* não nativos por intermédio de esquemas construcionais propostos por Booij (2010) e, posteriormente,

adaptados para o português em Gonçalves & Almeida (2012), tendo em vista que a análise possibilita tratar mais satisfatoriamente a relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, observando melhor as semelhanças de formação nos níveis da palavra e da frase.

### **Referências bibliográficas**

BASILIO, M. Teoria Lexical. São Paulo: Ática.

BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. Por uma Ciber morfologia: Abordagem Morfossemântica dos Xenoinstituintes em Português. In MOLLICA, M. C.; GONZALEZ, M. (orgs.). *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris, 2012, pp. 105-127.

## **DESCRIÇÃO DA MORFOLOGIA VERBAL DO PORTUGUÊS: ENFOQUE NO USO E NO SIGNIFICADO**

Vítor de Moura Vivas

Diversos autores discutem os processos morfológicos flexão e derivação como distintos de forma gradiente e não discreta. Dentre estes, podemos citar Bybee (1985; 2010); Booij (1996; 2006); Manova (2005); González Torres (2010); Gonçalves (2005; 2011), entre outros. Propomos que as marcas modo-tempo-aspectuais (MTA) e número-pessoais (NP) não devem ser entendidas como totalmente flexionais em português. Por mais que essas partículas apresentem mais características flexionais, atributos derivacionais também existem; desse modo, uma visão que considere uma separação gradiente entre flexão e derivação parece bastante adequada aos dados. As palavras morfológicamente estruturadas com elementos MTA e NP nem sempre são estáveis quanto à classe morfológica e ao significado; isso pode ser evidenciado através da análise de critérios como lexicalização categorial, instabilidade categorial, lexicalização semântica, improdutividade, não-obrigatoriedade, entre outros. Além disso, essas marcas, em alguns momentos, estão a serviço da expansão lexical. Esses padrões derivacionais apresentados pelas marcas de MTA e NP são frequentes no uso da língua e, por isso, não devem ser desconsiderados no ensino de flexão verbal. Um olhar efetivo para os dados verbais do português indica que existem padrões derivacionais instanciados pelas marcas de MTA e NP. Além de revelar esses padrões derivacionais, apresentamos, no *III Seminário de Estudos sobre o português em uso*, as suas motivações formais e semânticas. Elaboramos um aporte próprio para discutir as motivações formais do processo; já para as motivações semânticas, utilizamos Langacker (1987; 2008) e Bybee (2010).

### **Referências bibliográficas**

BOOIJ, Geert. "Inherent versus contextual inflection and the split morphology hypothesis". In: Booij; Van Marle (eds.), *Yearbook of Morphology 1995*. Dordrecht, Kluwer, pp. 1-16, 1996.

BOOIJ, Geert. "Inflection and derivation". In: K. Brown et al. (eds.), *Encyclopedia of language and linguistics*. 2. ed., v. 5, Oxford, Elsevier, pp. 654-661, 2006.

BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. 1 ed., v. 9, Amsterdam; Philadelphia, John Publishing Company, 1985.

BYBEE, Joan L. *Language, usage and cognition*. Cambridge, Cambridge University, 2010.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Flexão e Derivação em Português*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2005.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2011.

GONZÁLEZ TORRES, Elisa. "The Inflection-Derivation Continuum and the Old English Suffixes -a, -e, -o, -u". In: ATLANTIS. *Journal of the Spanish Association of Anglo-American Studies*. 32.1. pp. 103–122, junho de 2010.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theorethical prerequisites*. Stanford, University Press v. 1, 1987.

LANGACKER, Ronald W. Sequential and summary scanning: a reply. *Cognitive Linguistics*, v. 19, 2008, p. 571-584.

MANOVA, Stela. Derivation versus Inflection in three Inflecting Languages. In: DRESSLER Wolfgang, U; KASTOVSKY, Dieter; PFEIFFER, Oskar; RAINER, Franz (Eds.): *Morphology and its demarcations*. Amsterdam-Philadelphia: Benjamins, 2005. p. 233-252.

## SIMPÓSIO 2

### REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, TABU E PRECONCEITO NA CONCEPTUALIZAÇÃO DE NOMES PARA A VULVA

Patrícia Oliveira de Freitas  
Sandra Pereira Bernardo

Em pesquisa realizada para mestrado (FREITAS, 2017), observaram-se os processos cognitivos que subjazem à construção de sentidos de piadas com emprego de nomes populares para a vulva e o pênis. Os dados, analisados fundamentalmente sob a ótica da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e da Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), demonstraram depreciação nos nomes dados à vulva em oposição aos nomes para o pênis. Isso implica dizer que, apesar do efeito cômico na conceptualização de narrativas jocosas, verificou-se que o acionamento do conhecimento convencionalizado dos falantes relativo a determinadas partes do corpo perpassa o tabu linguístico (ULLMANN, 1966; GUÉRIOS, 1979). Nesse sentido, defende-se a ideia de que a integração conceptual é o processo que permite a união de vários domínios cognitivos que revelam a criatividade do pensamento, de modo a lidar com os tabus, criando eufemismos para contornar o significado e ocasionando a aceitação social dessas palavras/objetos afetados por interdições morais. Além disso, tais designações alternativas para as partes erógenas do corpo humano demonstram a atitude de falantes do português do Brasil que, ao minimizar e contornar os aspectos tabuizados do léxico relacionados ao conhecimento do órgão feminino, ratificam a proeminência da figura masculina, especialmente do órgão sexual masculino. Dando continuidade a essa pesquisa em doutorado, propõe-se ampliar o escopo de análise a partir da observação de lista de nomes para a vulva, disponibilizada pelo site Desciclopédia, cujo repertório expressa um quantitativo de 3940 designações. Para tanto, serão incluídas reflexões do feminismo sobre a construção de gênero, levando-se em consideração os valores culturais e experienciais que subjazem a tais metáforas do pensamento e, conseqüentemente, a tais denominações de valor depreciativo.

**Palavras-chave:** gênero e feminismo; metáfora e integração conceptuais; órgãos sexuais; tabu e preconceito.

#### Referências bibliográficas

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FREITAS, P. O. de. *Mesclagem conceptual na construção de sentido em piadas com nomes de órgãos sexuais*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguísticas) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GUÉRIOS, R. *Tabus linguísticos*. 2.ed. Nacional. Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University Chicago Press, 1980.

ULLMANN, S. *Semantic universals*. In: GREENBERG, J. *Universals in language*. Massachusetts: MIT Press, 1966.

## **EXPRESSÕES COM “CABEÇA”: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PAUTADA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Tharlles Lopes Gervasio

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma breve discussão a respeito de algumas expressões linguísticas metafóricas compostas pelo item lexical “cabeça”, de uso frequente no Português Brasileiro. Tendo como apoio os pressupostos teóricos apresentados pela Linguística Cognitiva e usando um *corpus* composto por registros escritos retirados de canções da atualidade, pretende-se apresentar como processos cognitivos de base metafórica (LAKOFF; JOHNSON, 1980) interferem na formação dos sentidos dessas sentenças. Para a real compreensão das extensões de sentido das expressões, as quais, por sua vez, muito se aproximam da modalidade oral de uso da língua, foram selecionadas canções que apresentavam seu emprego nos mais variados contextos discursivos. Foram escolhidas, ainda, letras de músicas as quais permitissem que nosso leitor lançasse mão de seu conhecimento de mundo ao máximo e fosse capaz de ativar os devidos armazenamentos de sua memória como usuário da língua. Com isso, tornou-se possível a apreensão do papel semântico-pragmático desempenhado pelas expressões linguísticas metafóricas analisadas. Na análise, dados são mostrados de forma descritiva, o que possibilita chegar à conclusão de que existem metáforas conceptuais subjacentes que constituem a causa da compreensão das expressões em questão no meio sociocultural.

**Palavras-chave:** linguística cognitiva; metáfora; expressão linguística.

### **Referências bibliográficas**

FAUCONNIER, G. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

VEREZA, S. C. *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Eduff, 2012.

## **USOS E FUNÇÕES DE “MESMO” NO PORTUGUÊS AMAZONENSE SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Marcilene da Silva Nascimento Cavalcante



A partir do enfoque da Linguística Cognitiva, esse trabalho baseia-se em pesquisa em desenvolvimento sobre usos e funções de “mesmo” no português falado e escrito no Amazonas. Os objetivos traçados consistem em: analisar os usos de “mesmo” em *corpora* oral (interior) e escrito (capital) do Amazonas; elencar os usos de mesmo e os respectivos contextos; abordar o fenômeno sob a interface da Linguística Cognitiva e da Sociolinguística. O embasamento teórico fundamenta-se em autores cognitivistas, como Langacker (1987), Golderg (1995), Rosch (1975) e Fillmore (1977) e em estudiosos da Língua Portuguesa como Duque e Costa (2012); Ferrari (2012); Silva (2009), entre outros. Os dados aqui apresentados foram extraídos de amostras de fala dos moradores do município de São Paulo de Olivença na região do Alto Solimões no Amazonas. As amostras foram coletadas através de gravações de áudio em entrevistas semiestruturadas no objetivo de obter falas espontâneas. Os dados da modalidade escrita foram extraídos de dois jornais de Manaus (capital do Amazonas). Tal escolha se justifica pela ausência de imprensa no interior. Os procedimentos de coleta e quantificação dos dados pautaram-se nos modelos da Sociolinguística variacionista. As análises foram feitas em fragmentos com a presença de usos de “mesmo” apontando os contextos mais recorrentes, bem como o significado/função em que o “mesmo” se enquadra nos diferentes contextos.

**Palavras-chave:** linguística cognitiva; sociolinguística; gramática cognitiva.

### Referências bibliográficas

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos e categorização de experiências*. Natal, RN. EDUFRN, 2012.

FERRARI, Lilian. *Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares*. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição. Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ, N°. 41, p. 149-165. 2010. Disponível em: [www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo7.pdf.] Acesso em 26/08/2017.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo. *A permeabilidade da Dinâmica de Forças: da gramática ao discurso*. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; RESENDE, Briseida Dôgo; DE PAULA, Fraulein Vidigal; MÓDOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila Cavalcante (org.). *Linguagem e cognição: Um diálogo interdisciplinar*. Lecce: Pensa Multimedia Editores, 2015, p. 163-185.

\_\_\_\_\_. *Orientação argumentativa e cognição: a Dinâmica de Forças no debate acerca dos rolezinhos*. In: Revista Signo. Santa Cruz do Sul. V. 42, n. 73, p. 200-212, jan./abril/2017. Disponível em [http://online.unisc.br/ser/index.php/signo] Acesso em 7 de julho de 2018.

LANGACKER, Ronald W. Cognitive Grammar: introduction to concept, image, and symbol. In.: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Katholieke Universiteit Leuven, Belgium, 2008. p. 29-67.

SILVA, Augusto Soares. *Perspectivação conceptual e Gramática*. Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos. Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, vol. 12-1, p. 17-44. 2008.

\_\_\_\_\_. *A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística*. Revista portuguesa de Humanidades, Vol. 1, Nº 1-2, p. 59-101, 1997.

## O ESTUDO DE *PRATICAMENTE* E SUA FUNÇÃO ANGULADORA

Tainara Pinheiro de Castro

Os anguladores são construções que permitem a flexibilização dos limites categoriais de palavras ou sentenças a que se referem, permitindo uma nova significação ou transferência de domínios. Para LAKOFF (1972), os anguladores modificam o pertencimento de um predicado ou sintagma nominal a uma categoria e apresentam a capacidade de tornar os significados mais ou menos imprecisos. Existem diversos anguladores, cada um com suas particularidades. Neste estudo, é analisado o angulador *praticamente*. A atual pesquisa, teoricamente embasada na Linguística Cognitiva, fundamenta-se em análise de dados da língua em uso. Esses dados são provenientes do *Corpus* do Português e de sites da internet, encontrados através da ferramenta de busca *Google*. Os resultados obtidos até o momento apontam para a existência de dois grupos: 1) *Praticamente* com sentido de “na prática”, exercendo função adverbial, como vemos em: “Vou ser *praticamente* uma segunda mãe dele” (<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2013/01/cristiane-oliveira-sobre-o-neto-vou-ser-praticamente-uma-segunda-mae-dele.html>); 2) *Praticamente* com o sentido de “aproximadamente”, exercendo função anguladora, como vemos em: “A menstruação na gravidez, por exemplo, não é algo extremamente normal, mas tem acometido *praticamente* em 30% das gestantes atuais.” (<https://007blog.net/menstruacao-na-gravidez/>). Sendo que, no segundo grupo observa-se uma subcategorização de *praticamente*: 1) aproximação positiva, para mais (+) e 2) aproximação negativa, para menos (-). Sendo assim, este estudo sobre os usos de *praticamente* no Português do Brasil busca responder às seguintes perguntas: a) Quais os contextos de ocorrência de *praticamente* como um angulador?; b) Por que tais contextos favorecem a ocorrência do angulador *praticamente*?

**Palavras-chave:** anguladores; *praticamente*; linguística cognitiva.

### Referências bibliográficas

LAKOFF, G. *Hedges: a study in meaning criteria and the logic fuzzy concepts*. Papers from the Eighth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, [S.l.], 1972.

## “ATÉ QUE PARA UM INICIANTE ME SAÍ BEM”: UMA CONSTRUÇÃO INOVADORA EM PB PARA EXPRESSAR HOLISTICAMENTE CONCESSIVIDADE E COMPARAÇÃO

Gabriela da Silva Pires  
Luiz Fernando Matos Rocha

Neste trabalho, apresentamos alguns resultados do estudo da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática (CCCAE), esquematizada como “ATÉ QUE PARA X, Y” e instanciada em ocorrências como “*Até que para um iniciante me sai bem*”. Seguindo o aporte sociocognitivista da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012), e igualmente ancorados nas abordagens sobre concessividade (KÖNIG, 1985) e comparação linguística (HASEGAWA et al., 2010), buscamos legitimar nosso objeto de estudo como uma Construção Concessivo-Comparativa. Seguindo uma metodologia empírica, construímos um banco de dados a partir de instâncias da construção, coletadas da Web, em três diferentes domínios: “br.answers.yahoo.com”, “abril.com” e “blogspot.com.br”. Tomando como base quatro grupos de expressões de busca, a saber “até que para/pra um”, “até que para/pra uma”, “até que para/pra quem” e “até que para/pra alguém”, obtivemos, ao final, 385 ocorrências válidas. Após análise empírica dos dados, abordamos alguns aspectos semântico-pragmáticos da CCCAE e destacamos que esta construção apresenta a correferencialidade entre X e Y como configuração mais central. As análises e discussões dos dados indicam que a CCCAE parece promover um processo de mesclagem conceptual, que relaciona escalas entre os espaços mentais e promove o surgimento de categoria *ad hoc*, em que a avaliação feita é relativizada a um grupo de expectativas; podendo variar entre o elogio e a crítica. Assim, ao promover um tipo de crítica velada, esta construção mostra-se um forte recurso argumentativo e avaliativo da língua.

### Referências bibliográficas

FILLMORE, Charles; LEE-GOLDMAN, Russel; RHOMIEUX, Russel. “The FrameNet Constructicon”. In: BOAS, Hans; SAG, Ivan. (Eds). *Sign-based construction grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012.

GOLDBERG, Adele. *Construction: a construction grammar approach to argument structure*. The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: The Oxford University Press, 2006.

HASEGAWA, Yoko et al. “On expressing measurement and comparison in English and Japanese”. In: BOAS, Hans. (Ed). *Contrastive studies in construction grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

KÖNIG, Ekkehard. “On the history of concessive connectives in English. Diachronic and synchronic evidence”. In: *Lingua*. V. 66. 1985. Disponível em: <<<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez25.periodicos.capes.gov.br/>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

### **CLASSIFICAÇÃO DE ATRAÇÕES TURÍSTICAS ATRAVÉS DOS FRAMES: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DE COMENTÁRIOS DE USUÁRIOS DE PLATAFORMAS COLABORATIVAS**

Vanessa Maria Ramos Lopes Paiva  
Tiago Timponi Torrent

A FrameNet está desenvolvendo um Assistente Pessoal de Viagens, cujo objetivo é auxiliar o viajante em sua experiência turística. Para isso, foi realizada uma extração de comentários presentes na plataforma colaborativa online Google Places, de modo que os frames evocados por esses comentários, forneceriam dados à base de dados da FN-Br. O presente trabalho está inserido no aporte teórico da Semântica de Frames (FILLMORE, 1982), dado que a FrameNet é uma aplicação prática da lexicografia computacional de uso e incorporação da Semântica de Frames (Ruppenhofer et al, 2010). Desse modo, este trabalho tem como objetivo apresentar os frames evocados dos adjetivos presentes nos comentários de turistas sobre as cidades do Rio de Janeiro (RJ) e Juiz de Fora (MG), a escolha da primeira ocorreu devido à popularidade, enquanto que a segunda foi devido à localização do Laboratório da FrameNet Brasil. Para fins de análise e fornecimento de dados à base da FrameNet Brasil, eles foram compilados para um grande corpus eletrônico, a partir da ferramenta Sketch Engine (KILGARRIFF et al., 2004), um sistema de corpus, cuja função principal é permitir ao usuário realizar pesquisas relacionadas à lexicografia e à análise de sentenças e palavras presentes. A partir da consulta em corpus, através do Sketch Engine, essa extração de frames teve como foco a análise dos adjetivos presentes nos comentários dos turistas, uma vez que indicam diretamente a avaliação do turista acerca de uma cidade. Nesse contexto, com a finalidade de identificar que frames estariam presentes, foram extraídos 870 adjetivos e dentre esses, o adjetivo com maior ocorrência no corpus foi bom.a (18.523 ocorrências), seguido pelos adjetivos excelente.a (4682 ocorrências), melhor.a (3978 ocorrências) e lindo.a (2737 ocorrências). Na análise de identificação de frames, tais unidades lexicais (ULs) evocaram diferentes frames em uma só UL. Por exemplo, a UL bom.a evocou cinco diferentes frames, como Avaliação, Avaliação\_de\_moralidade, Avaliação\_interação\_social, Desejabilidade e Utilidade. No entanto, considerando o domínio do turismo, presente nos comentários dos turistas, foram considerados apenas os frames relacionados a esse contexto. Outros exemplos de frames presentes nesses comentários são Domínio evocado por ULs como cultural.a e histórico.a; Alimentação evocado pela UL vegetariano.a; Estética evocado por ULs como lindo.a, barroco.a, pitoresco.a e outros não diretamente relacionados à experiência turística como Condições\_médicas, evocado por ULs como doente.a e cadeirante.a.). Esses são apenas alguns exemplos de frames evocados por adjetivos nesses comentários, evidenciando que a Semântica de Frames pode colaborar na criação de um sistema de recomendação interativo e semanticamente mais capacitado a atender os interesses do turista, uma vez que os adjetivos estão diretamente relacionados às escolhas e à classificação dos viajantes.

### **Referências bibliográficas**

- FILLMORE, C. J. (1982). Frame semantics. In: *Linguistics in the Morning Calm*, edited by Linguistic Society of Korea. Seoul: Hanshin Publishing Company. 111-137.
- KILGARRIFF, A.; Rychlý, P.; Smrž, P.; Tugwell, D. (2004). *Itri-04-08 The Sketch Engine*. Information Technology.
- RUPPENHOFER, J.; ELLSWORTH, M.; PETRUCK, M. R.; JOHNSON, C. R.; SCHEFFCZYK, J. (2010). *Framenet II: Extended theory and practice*. URL <http://framenet.icsi.berkeley.edu/book/book.pdf>.

O trabalho busca apresentar o estudo e modelagem de construções circunstanciais do Português Brasileiro no FN-Br Constructicon, à luz da Semântica de Frames e da Gramática das Construções de Berkeley, a fim de auxiliar no desenvolvimento do projeto M.knob. O M.knob é um recurso computacional que funciona como um guia turístico virtual multilíngue que, através de um mecanismo de categorização semântica, busca fornecer informações personalizadas, realmente relevantes ao que o turista procura, como, por exemplo, se o lugar é badalado, acessível ou bom para levar crianças. Nesse contexto, o estudo e modelagem das construções circunstanciais podem aprimorar o sistema de categorização semântica do M.Knob, uma vez que compõem sentenças como “Quais lugares devo visitar enquanto estou em São Francisco?”, na qual a construção que licencia a oração subordinada impõe uma restrição ao que é expresso na oração principal, restringindo a informação pedida pelo usuário. Com essa informação semântica, o sistema poderá fornecer recomendações mais específicas, que atendam o que o turista procura ao planejar sua viagem, aprimorando o guia turístico. A fim de desenvolver essa pesquisa, será necessário um levantamento dessas construções circunstanciais, observando como elas ocorrem no Português Brasileiro, para então se dar a descrição das características semânticas e gramaticais dessas construções. Então, será feita a modelagem linguístico-computacional no Construction da FrameNet Brasil, utilizando-se a ferramenta FrameNet Brasil Webtool 2.0. Após essa etapa, deve-se realizar a anotação construcional de corpus com exemplos de construções como as modeladas. Com isso, será possível a checagem e validação dos modelos propostos, através das evidências da anotação. A última etapa consiste no treinamento do chatbot, tanto para observar como se dá o sistema de categorização semântica, quanto para checar se a informação fornecida pelo chatbot atende realmente às preferências do usuário. Para isso, se utilizará a anotação realizada, bem como testes reais no aplicativo com entradas do usuário. Assim, a modelagem computacional dessas construções visa permitir que a máquina possa processá-las adequadamente e utilizar a informação semântica extraída no sistema de categorização do aplicativo m.knob. Isso auxiliará no desenvolvimento do chatbot, de modo a garantir que ele possa fornecer ao turista informações mais subjetivas, sendo este o objetivo último desse trabalho.

### **Referências bibliográficas**

- FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: *The Linguistic Society of Korea* (eds). *Linguistics in the Morning Calm*. Seul: Hanshin, p.111-137, 1982
- FILLMORE, C. J. 2013. Berkeley Construction Grammar. In Trousdale, G. & T. Hoffmann (eds.). *The handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, p. 111- 132.
- KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X doing Y? construction. In: *Language*, p. 1-33, 1999.
- LEE-GOLDMAN; PETRUCK (in press). The FrameNet Constructicon in Action. In: Benjamin Lyngfelt, B., L. Borin, K. H. Ohara; T. Timponi Torrent (eds.). *Constructicography: Constructicon development across languages*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

## COMUNICAÇÃO DIGITAL: UMA QUESTÃO DE REENQUADRAMENTO DO FRAME DA METÁFORA DO CANAL?

Mayara de Araújo Mattos

Tendo como base teórica a Linguística Cognitiva (GEERAERTS, 2006), este estudo tem como foco a Metáfora do Canal, proposta por Reddy (1979); mais especificamente, trata da relação entre a Metáfora do Canal e as novas formas de comunicação digital. Com a evolução da internet e a propagação das mídias sociais, o processo comunicativo tem sofrido algumas transformações, o que ocasiona mudanças também na maneira como as pessoas pensam e falam sobre a comunicação em si. Nesse sentido, seguindo os pressupostos da Linguística Cognitiva, acreditamos que a rede lexical acionada para se falar sobre um dado fenômeno revela as conceptualizações que constroem, cognitivamente, esse fenômeno. Investigar essas formas linguísticas emergentes e a maneira que se inserem no frame da Metáfora do Canal, ou, de alguma forma, o transformam, foi, portanto, a proposta principal da presente pesquisa. Para tanto, foi empregada a Linguística de Corpus para analisar as possíveis instanciações da Metáfora do Canal no contexto digital de comunicação. Os resultados encontrados indicam que alguns termos, como os verbos “postar” e “publicar”, foram recrutados para o contexto digital de comunicação, representando, assim, a maneira como as pessoas pensam e falam sobre o processo comunicativo nesse meio: como “compartilhamento de mensagens”. Nesse sentido, pode-se concluir que o frame da Metáfora do Canal parece estar sendo atualizado e adaptado ao meio digital de comunicação, porém a ideia base desse frame (transmissão de ideias) ainda permanece presente nesse novo contexto comunicativo.

### Referências bibliográficas

- ABREU, Antônio Suárez. *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- DEIGNAN, A. *Metaphor and corpus linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- FELICE, M. Di (org.). *Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação sociais*. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2008.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FILLMORE, C. Frame Semantics. In: *Linguistic Society of Korea*, ed., *Linguistics in the Morning Calm*, pp. 111-38. Seoul: Hanshin, 1982.
- GEERAERTS, Dick. *Introduction: a rough guide to Cognitive Linguistics*. In: GEERAERTS, Dick. (Ed.) *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago University Press, 1980. Metáforas da vida cotidiana. Trad.: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora

(sob a coordenação de Mara Sophia Zanotto) e Vera Maluf. Campinas-São Paulo: Mercado das Letras/Educ, 2002.

MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RECUERO, R. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor. In: ORTONY, A. *Metaphor and thought*. 2nd. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 284-324.

RICHARDS, I. A. Metaphor. In: RICHARDS, I. A. *The philosophy of rhetoric*. Londres: Oxford University Press, 1936.

SALIÉS, Tânia G.; SHEPHERD, Tania G. (organizadoras). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

## **CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICO-AVALIATIVAS DA RELAÇÃO ORIENTANDO-ORIENTADOR**

Cyntia Santana da Silva

Este trabalho propõe investigar o papel da metáfora na conceptualização e avaliação da relação orientando-orientador sob a perspectiva da Linguística Cognitiva (LC), com foco na linguagem em uso. Segundo Lakoff e Johnson (1980 [2002]), a metáfora, mesmo abordada como um instrumento cognitivo, interage com a linguagem e a cultura na compreensão do mundo que nos cerca e na forma como interagimos com ele. Entendemos, portanto, que estudar aspectos culturais e sociais que envolvem essa relação como proposto por autores como Kövecses (2005) e Gibbs (2002) possam contribuir para essa reflexão. Buscaremos apoio no conceito de *frames*, instâncias atuantes das representações cognitivas, constitutivas de nosso sistema conceptual, e o seu papel na conceptualização da experiência. Para Semino (2008), o estudo da metáfora no discurso propicia questionamentos sobre o porquê de algumas escolhas metafóricas e padrões de uso ocorrerem em alguns textos, gêneros e discursos específicos. Esses questionamentos levam o pesquisador a buscar respostas no papel e nos objetivos que tanto falantes quanto ouvintes desempenham na comunicação. Nesta perspectiva, a nossa pesquisa será norteada pelas seguintes perguntas de caráter geral: a) Seria possível identificar padrões específicos de uso de expressões metafóricas no discurso de orientandos que fazem referência ao papel desempenhado ou esperado de orientadores? b) Seria a metáfora usada com o objetivo de promover diferentes representações dessa relação? O corpus que compõe o trabalho foi constituído a partir de um questionário introduzido na plataforma *google docs* e postado em grupos de redes sociais cujos participantes são estudantes de pós-graduação. Foi solicitado que os participantes completassem duas sentenças: a) Há orientadores de todos os tipos. Tem orientador que é que nem... e b) Há orientadores de todos os tipos. O meu foi/é que nem... A partir das respostas obtidas, empreendemos uma análise que buscou responder as perguntas mais específicas que norteiam este trabalho: a) Que metáforas conceptuais são instanciadas por orientandos sobre orientadores? Quais os *frames* evocados para estruturação do discurso dos orientandos? b) Haveria uma articulação entre as metáforas situadas e as metáforas conceptuais? Como essa articulação

se dá? Foram encontradas evidências de que orientadores são descritos a partir de *frames* associados a família (pai, mãe, irmão mais velho), carrasco, educador, entre outros e esses *frames* estariam por trás de algumas expressões metafóricas presentes no discurso de orientandos sobre orientadores.

**Palavras-chave:** metáfora conceitual; metáfora situada; frames; cultura

### **Referências bibliográficas**

GIBBS, R. W. (Ed.) *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press. 2008a.

KOVECSES, Z. *Metaphor in Culture: universality and variation*. Cambridge: CUP, 2005.

\_\_\_\_\_. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Mercado das Letras. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). Coord. Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf. São Paulo, 2002.

SEMINO, E. *Metaphor in Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008

## **CONCEPTUALIZAÇÃO DO TEMPO FUTURO EM *FRAMES* DE FINALIDADE**

Melina Souza

Este trabalho, cujo suporte teórico é baseado na Semântica de *Frames* (FILMORE, 2006; DUQUE, 2015) e na Teoria de Espaços Mentais (FAUCONNIER, TURNER, 2003; LANGACKER, 1987, 1991, 2015, 2016), propõe-se a analisar a conceptualização do tempo em *frames* de finalidade. Para tanto, caracterizamos o *frame* de finalidade como um *frame* descritor de evento cuja representação mais esquemática tem como base o esquema imagético de trajetória. Tal esquema se caracteriza por apresentar um corpo (agente) que, ao movimentar-se, passa por pontos intermediários (ações) que condicionam alcance de uma meta (a realização de um evento), como demonstra o seguinte exemplo: “Oposição cria ‘força-tarefa’ para conseguir votos pró-impeachment” (G1, 29 mar. 2016). Paralelamente, com base em Langacker (2015, 2016), demonstramos que a conceptualização do tempo em *frames* de finalidade aciona espaços mentais que se encontram nos campos potencial e predizível, não garantindo ao observador acesso à realidade conhecida pelo conceptualizador. Podemos afirmar, portanto, que o *frame* de finalidade, encontra-se na região da não realidade (LANGACKER, 2015, 2016). Dessa forma, por meio de exemplos provenientes de informativos *on-line* brasileiros e portugueses, demonstraremos como se dá a conceptualização do tempo futuro em *frames* de finalidade, tendo como base os espaços mentais acionados no processo mental de escaneamento de tal *frame*.

**Palavras-chave:** semântica de *frames*; finalidade; espaços mentais.



## **Referências bibliográficas**

DUQUE, Paulo Henrique. *Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames*. *Revista da Anpoll*, n. 39. Florianópolis, jul./ago. 2015. p. 25-48.

FILMORE, Charles J. *Frame semantics*. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. *Cognitive linguistics research*, n. 34. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. Cap. 10.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

## **RECURSOS LINGÜÍSTICOS DE APROXIMAÇÃO LOCUTOR-INTERLOCUTOR EM PEÇAS PUBLICITÁRIAS**

Paulo Victor Almeida Galvão

O presente estudo pretende analisar as expressões dêiticas e os esquemas imagéticos presentes em publicidades variadas, com o objetivo de visualizar melhor os papéis nessa relação entre emissor e receptor. Com base no uso desses recursos como estratégia persuasiva de anúncios publicitários, é preciso ter uma postura analítica diante das inúmeras publicidades que surgem a cada dia. O presente trabalho visa, então, a selecionar peças publicitárias de diferentes esferas que apresentem expressões indiciais como estratégias de convencimento, buscando compreender as circunstâncias em que tais expressões são utilizadas e as relações possíveis que estabelecem com esquemas imagéticos subjacentes. Entendemos que, a análise segundo os moldes mencionados, possibilitará desvelar as formas de manifestação linguística das estratégias utilizadas na relação entre enunciador e receptor nesses processos comunicativos. Com a análise dos dados, esperamos confirmar que: (i) o uso de categorias dêixis servem como estratégias para incitar uma relação de intimidade entre os interlocutores; (ii) a simulação de diálogo, de conversa constitui recurso para tornar o enunciado mais informal e, portanto, mais acessível ao interlocutor; (iii) a utilização de pronomes “você” ou “seu”, dirigindo-se diretamente ao interlocutor que, no caso, é um leitor, também constitui estratégia de aproximação; (iv) a utilização da dêixis de lugar articulada ao esquema imagético de trajetória, visa à diminuição da distância física entre os interlocutores: advérbios como “aqui” ou “perto”, por exemplo, são utilizados para sugerir que o lugar físico do enunciador (de uma loja, por exemplo) está bem próximo do lugar do em que se encontra o interlocutor (possível comprador); (v) verbos como “vir” também são empregados buscando promover uma relação de aproximação entre os interlocutores; (vi) a utilização de circunstanciais de tempo, como “já” e “agora”, por exemplo, ao estabelecerem um caráter de urgência na mensagem, atuam como motivadores para que o interlocutor (comprador) adquira o produto mais rapidamente.

## **Referências bibliográficas**

ABREU, Antônio Suárez. Esquemas de imagem e integração conceptual como fatores de gramaticalização em sintaxe. *Revista (Con)Textos Linguísticos*. Vitória. v. 8, n. 10.1, 2014, p. 5-41.

AVELAR, Maíra. *Mente corporificada: mapeamento do conceito, interfaces e possibilidades de aplicação. Pontos de Interrogação/ Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural*. Universidade do Estado da Bahia. v. 5, n. 1, jan./jul. 2015, p. 29-54.

BATORÉO, Hanna. Tipologia do espaço e tipologia das línguas na Linguística Cognitiva: proposta de Leonard Talmy. In: P. T. Alvaro & L. Ferrari (eds.) (2017). *Linguística Cognitiva: pensamento, linguagem e cultura*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural. Vol I, 136-177.

CAVALCANTE, Mônica M. A dêixis discursiva. *Revista de Letras*, Pernambuco, vol. 1/2, n. 22, p. 47-55, jan./dez. 2000.

DORNELAS, Aline Bisotti. *Construções de movimento fictivo em português do Brasil: cognição e corpus*. Juiz de Fora: UFJF, 2014.

DUQUE, Paulo Henrique. O refinamento da construção do sentido: um estudo das expressões de espaço e movimento. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, 43 (1), jan./abr. 2014, p. 441-450.

FERREIRA, Rosângela Gomes. *A hipótese de corporificação da língua: o caso da cabeça*. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2010.

FOLLY, Dara Raquel de F. Análise do fenômeno da dêixis em discurso oral contextualizado em reunião da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. *Revista Gatilho*, Juiz de Fora, ano 8, vol. 15, nov. 2012.

FONTES, Viviane da Fonseca Moura. *Dêixis e construal: uma abordagem cognitivista das formas 'nós' e 'a gente'*. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2017.

ROCHA, Luiz F. M. A perspectivização conceptual em autocitação factiva e fictiva. *D.E.L.T.A.*, Juiz de Fora, 29 (2), 2013, p. 311-339.

\_\_\_\_\_. O beijo no assalto: a dêixis no discurso direto sob enfoque cognitivista. *Revista Recorte*, Juiz de Fora, ano 3, n. 5, jul./dez. 2006.

SOUSA MARTINS, Ana Cristina. *O lugar da dêixis na descrição da língua*. Escola Superior de Educação de Viseu, s/d.

## **RELAÇÃO ENTRE DÊITICOS DE LUGAR E ESQUEMAS IMAGÉTICOS EM AMOSTRAS DE FALA DO PORTUGUÊS EUROPEU E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEOS**

Rachel Maria Campos Menezes de Moraes

Neste trabalho, analisam-se os dêiticos de lugar em dois excertos de amostras de fala, um do Português Europeu e um do Português Brasileiro, objetivando estudar a relação existente entre dêiticos de lugar e esquemas imagéticos. Como arcabouço teórico utilizam-se estudos em Linguística Cognitiva e em dêixis, com destaque para Langacker

(2002) e Fonseca (1996). Como *corpora* foram utilizados, para o Português Europeu, o Banco do Dados do Português Falado: Variedades Geográficas e Socioculturais e, para o Português Brasileiro, o *corpus* do Projeto Peul (UFRJ). Os dados analisados nos dois *corpora* provêm de amostras de falantes com faixa etária entre trinta e cinquenta anos. A análise desenvolve-se quantitativamente, em termos percentuais, e qualitativamente. Observamos, nas duas amostras, que o maior número de ocorrências do dêitico “aqui” se relaciona ao esquema imagético de contêiner, resultado que será apresentado e discutido junto aos demais encontrados na pesquisa, de modo a relacionar os dêiticos de lugar, os esquemas imagéticos e os espaços pertencentes ao locutor e ao alocutário.

**Palavras-chave:** dêixis; esquemas imagéticos; linguística cognitiva.

### **DISCURSO REPORTADO É PROBLEMA; INTERAÇÃO FICTIVA, SOLUÇÃO: PADRÕES DISCURSIVOS E INFORMACIONAIS EM CORPUS DE FALA ESPONTÂNEA DO PB**

Luiz Fernando Matos Rocha

Este trabalho investiga a construção discursiva da Interação Fictiva (IF), bem como sua contraparte factiva (Discurso Reportado – DR), em corpus de fala espontânea do Português Brasileiro (C-ORAL-BRASIL, RASO e MELLO, 2012). Especificamente, a IF diz respeito ao uso do Frame de Conversação para estruturar o pensamento, o discurso e a gramática (PASCUAL, 2014). Por meio desta investigação, verifica-se a pervasividade empírica dos fenômenos em dados reais de fala e seu alto grau de complexidade cognitiva, discursiva, interacional, ilocucionária e informacional. Metodologicamente, propõe-se uma combinação das orientações corpus driven e corpus based e elege-se, como material para análise do C-ORAL-BRASIL, o arquivo bfamcv01, que compreende uma conversa privada entre quatro estudantes mineiros de graduação, sobre um campeonato de futebol, e o arquivo bfamcv02, intitulado “Casamento em família”, que documenta o encontro informal entre três irmãs mineiras. No total, computaram-se, no arquivo bfamcv01, 13 casos de IF (discurso direto fictivo), ocorridos em 7m de gravação. Se levarmos em consideração o tempo dos turnos nos quais esse fenômeno emerge, observa-se que são dedicados a ele aproximadamente 2m25s (32% do tempo total). Esse arquivo registrou 6 casos de DR. Já no arquivo bfamcv02, não foram encontrados exemplares de IF (discurso direto fictivo), mas apenas de discurso reportado: ao todo, são computadas 9 ocorrências, sendo 8 de direto e 1 de indireto. Aproximadamente, soma-se 1m39s de turnos dialógicos com DR, dentro de uma conversa de 7m51s. Em termos percentuais, cerca de 21,2% do tempo total da conversa são dedicados a turnos dialógicos em que o DR está presente. Constatou-se ainda que os casos de discurso reportado propendem para a instanciação de problemas, enquanto os de IF tendem a representar solução, temporária ou definitiva, segundo o padrão discursivo “Problema-Solução”, de Hoey (2001). Informacionalmente, os Construtores de Espaço Mental (FAUCONNIER, 1997) para a IF se apoiam em unidades informacionais simples, como Introdutor Locutivo, Comentário, Tópico, Comentário Ligado, Comentários Múltiplos e Comentários Múltiplos Ligados, e em combinações variadas. A combinação genérica (Introdutor Locutivo + Comentário) estabelece ainda uma fórmula capaz de ser produzida/interpretada factiva ou fictivamente. Embora certas

unidades informacionais que compõem a IF e o DR sejam portadoras de atos ilocutivos específicos, sua conceptualização holística transcende a unicidade dos enunciados.

### **Referências bibliográficas**

FAUCONNIER, G. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HOEY, M. *Textual interaction: An introduction to written discourse analysis*. London: Routledge, 2001.

PASCUAL, E. *Fictive interaction: the conversation frame in thought, language and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

RASO, T.; MELLO, H. *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do Português Brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

## **O USO DA FICTIVIDADE NA FALA ESPONTÂNEA: UMA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVISTA**

Márcia de Paula Andrade  
Luciana Andrade Paula  
Luiz Fernando Matos Rocha

Este trabalho insere-se no projeto de pesquisa “Interação fictiva como construção linguística e estratégia comunicativa” (ROCHA, 2016), que estuda manifestações de fictividade em corpus de fala espontânea do Português Brasileiro (PB). Objetivando o mapeamento e delineamento semântico do fenômeno a partir da análise das ocorrências em PB, a metodologia consiste da oitiva e leitura de todos os dados relativos à parte informal do C-ORAL-BRASIL (Raso e Mello, 2012), corpus de fala espontânea do PB, da região metropolitana de Belo Horizonte (MG). Tendo por base os estudos de Pascual (2014), a análise qualitativa dos dados evidencia ocorrências de **interação fictiva**. O fenômeno diz respeito ao uso do *frame* de conversação para modelar pensamento, gramática e discurso. Os resultados ora apresentados conferem plausibilidade empírica ao fenômeno e revelam o emprego da Interação Fictiva como estratégia de convencimento e/ou de explicação. Assim, delineia-se a hipótese de que há maior facilidade de entendimento entre os conceptualizadores, isto é, no plano intersubjetivo, ao usarem o frame de conversação para expressar argumentos.

**Palavras-chave:** cognição; fictividade; corpus; fala espontânea.

### **Referências bibliográficas**

LANGACKER, R. W. A view of linguistic semantics. In B. Rudzka-Ostyn (Ed.), *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, p. 49-90, 1988.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*, vol.1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

PASCUAL, E. *Fictive interaction: the conversation frame in thought, language, and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

RASO, T.; MELLO, H. R. *C-ORAL-BRASIL 1: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2012.

ROCHA, L. F. M. A fala silenciosa reportada: metáfora, metonímia e mesclagem. *Linguística* (PPGL/UFRJ), v. 2, p. 35-42, 2006.

TALMY, L. Fictive motion in Language and “Ception”. In: BLOOM, P; PETERSON, M. A.; GARRETT, M. F. *Language and space*. MIT Press: Cambridge, 1996, p. 211-276.

## **INTERAÇÃO FICTIVA EM CONSTRUÇÕES APOSITIVAS: LINGUÍSTICA COGNITIVA, GRAMÁTICA E INTERAÇÃO**

Jaime Ulisses da Silva  
Luiz Fernando Matos Rocha

Este estudo insere-se no campo da Linguística Cognitiva, entrelaçando-se com gramática e interação (DIAS, N. B.; VIEIRA, A. T., 2013). Tem como objetivo investigar como e com quais propósitos, em construções apositivas, a fictividade relacionada à invocação fictiva de um cenário de ato de fala (LANGACKER, 2008) ocorre em mensagens religiosas ministradas em português brasileiro. Halliday (1985) aponta que o falante usa a construção apositiva (unidade B) para esclarecer um elemento base ou toda unidade A. De acordo com Dias (2009) essas construções ocorrem com ou sem a presença de conectores. Fictividade é conceituada por Talmy (1996/2000) como um padrão cognitivo de representações conflituosas do mesmo objeto, uma considerada como mais verídica (factiva) e a outra como menos verídica (fictiva). Na Teoria da Metáfora, com base em Lakoff e Johnson (1980), essa discrepância entre as representações manifesta-se nos conceitos de domínio-fonte e domínio-alvo, como no esquema proposto por Talmy (1996/2000), em que "Amor é Viagem" (X é Y) é fictivo e "Amor não é Viagem" (X não é Y) é factivo. Segundo Talmy (1996/2000), a metáfora é um dos processos que promove a fictividade, tal como ocorre com o fenômeno da Interação Fictiva (PASCUAL, 2014), segundo o qual o uso do *frame* de conversação estrutura pensamento, gramática e discurso. O corpus constitui-se de mensagens do padre Fábio de Melo, do pastor Silas Malafaia e do palestrante espírita Divaldo Franco publicadas no Youtube. Em um dos excertos, Fábio de Melo enuncia: “engana-se você que a pastoral da liturgia precisa de você tem quarenta e dois anos que eu sou coordenadora da equipe (risos do público) e se eu sair padre hahahahaha (aplausos do público)”. Os resultados preliminares mostram que os cenários de atos de fala são invocados fictivamente, em construções apositivas, para criar projeção e identificação com os interlocutores.

**Palavras-chave:** fictividade; interação fictiva; discurso religioso; gramática; interação.

### **Referências bibliográficas**

DIAS, N. B. As “pequenas cláusulas” nas construções apositivas. Ataliba T. de Castilho (Org.). *História do Português Paulista*, série Estudos, volume I. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2009.

DIAS, N. B.; VIEIRA, A. T. Argumentação e construção apositiva: uma proposta de interface. In: RODRIGUES, V. V. *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

HALLIDAY, M. A. K. *Introduction to functional grammar*. 2 ed., London: Edward Arnold, p. 225, 1994 [1985]

LAKOFF, G. JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Mercado de Letras. Campinas: SP, 2002.

LANGACKER, R. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

PASCUAL, E. *Fictive interaction: the conversation frame in thought, language, and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014.

ROCHA, L. F. M. A fala silenciosa reportada: metáfora, metonímia e mesclagem. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 23-38, 2006.

TALMY, L. Fictive motion in Language and “Ception”. In: Bloom, P; Peterson, M. A.; Garrett, M. F. *Language and space*. MIT Press: Cambridge, p. 211-276, 1996.

## **INTERAÇÕES FICTIVAS NA SÉRIE “INVESTIGAÇÃO CRIMINAL”**

Lenise Grasielle de Oliveira Tavares  
Luiz Fernando Matos Rocha

Para Platão, *Logos* do grego λόγος é um termo dual que abarca os vocábulos *palavra* e *pensamento*. O filósofo defendia que o pensamento era o diálogo da alma consigo mesmo. Ainda que o termo, ao longo da história, tenha sido reinterpretado, esta relação inicial e quase simbiótica entre falar e pensar aponta para mecanismos inerentes à nossa cognição. Tendo em vista a metáfora PENSAMENTO É FALA (ROCHA, 2006) e os estudos de Pascual (2014) sobre a defesa de uma mente conversacional organizada por meio de uma troca de turnos interior, analisa-se a presença de estruturas conversacionais modificando a gramática e o discurso –denominadas *Interações Fictivas*. Postula-se nesse trabalho, sua presença em depoimentos na série documental *Investigação Criminal* (Netflix, 2012). A atração aborda, a partir da perspectiva de profissionais da área jurídica, os crimes que mais chocaram o país nas últimas décadas. O trabalho focaliza ainda construções de interação fictiva nos depoimentos classificando-as em: fala fictiva inferindo pensamentos, fala fictiva inferindo depoimentos em defesa própria e fala fictiva em interação direta com a vítima e com o cúmplice. Assim, considerando que o pensamento humano é estruturado interacionalmente, “criar” falas hipotéticas para a reconstrução de um cenário de natureza jurídica é um recurso retórico eficiente não só para conduzir cognitivamente o

telespectador a se apropriar e compreender o desenrolar dos fatos, como também para convencê-lo da veracidade do relato.

**Palavras-chave:** fala; pensamento; interação fictiva.

### **Referências bibliográficas**

INVESTIGAÇÃO CRIMINAL, Direção Roberto Ribeiro, Produção: Netflix, 2012.

LAKOFF, G.; JOHNSON, *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

PASCUAL, E. *Fictive interaction: the conversation frame in thought, language and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

ROCHA, L. F. M. A fala silenciosa reportada: metáfora, metonímia e mesclagem. *Linguística*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.23-38, jun. 2006

TALMY, L. Fictive motion in language and “ception”. In: Bloom, P; Peterson, M. A.; Garrett, M. F. *Language and space*. MIT Press: Cambridge, p. 211-276, 1996.

## **INTERAÇÃO FICTIVA COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Jéssica da Costa Silva  
Luiz Fernando Matos Rocha

O trabalho investiga o uso da Interação Fictiva, como instância de Fictividade (TALMY,1996), em *corpus* de fala espontânea de aulas de Português como Língua Estrangeira. A partir dos estudos de Pascual (2014) observou-se a ocorrência do fenômeno como instrumento de estruturação do pensamento e do discurso, com fins de ensino/aprendizagem. Pascual (2014) apresenta o fenômeno da Interação Fictiva como o uso esquemático da estrutura interacional da comunicação ordinária, isto é, do *frame* de conversação, para estruturar o pensamento, o discurso e a gramática de forma a entendê-los e organizá-los. Este uso se instancia, por exemplo, na aplicação do modelo pergunta-resposta, de caráter retórico, utilizado por professores e alunos com objetivos didáticos. Tal fenômeno emerge da oralidade, pois envolve o uso situado da conversa como um *frame*. A escolha do corpus se justifica pela hipótese de trabalho de que a Interação Fictiva pode ser uma estratégia eficaz em um contexto interacional linguisticamente diversificado, em que podem co-ocorrer manifestações de idiomas bem distintos. Sacks (et.al 1974) considera o *frame* de conversação universal, isto é, a estrutura básica de troca de turnos em uma interação é algo que provavelmente existe em todas as línguas e culturas. Dessa forma, acredita-se que num contexto no qual coexistam várias línguas, o uso do *frame* de conversação, entendido como conhecimento compartilhado por todos, possa ser uma estratégia suficiente para se alcançar o letramento almejado. A metodologia desta pesquisa consiste na leitura de transcrições e na oitiva de áudios gravados, concomitantemente, bem como análise de dados, mapeando-se ocorrências do fenômeno levando-se em conta seus contextos e seus propósitos comunicativos. Os resultados preliminares apontam que a simulação de diálogos constatada nas cenas de sala de aula,

como se o pensamento fosse organizado como debate, torna os interlocutores mais sensíveis ao letramento devido ao alto grau de entrincheiramento cognitivo do *frame* de conversação.

**Palavras-chave:** fictividade; interação fictiva; ensino/aprendizagem; linguagem e cognição

### **Referências bibliográficas**

PASCUAL, Esther. *Fictive interaction: the conversation frame in thought, language, and discourse*. John Benjamins Publishing Company, 2014.

SACKS, H., E.A. SCHEGLOFF; G. JEFERSON. 1974. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language* 50 (4): 696-735

TALMY, L. Fictive motion in Language and “Ception”. In: Bloom, P; Peterson, M. A.; Garrett, M. F. *Language and space*. MIT Press: Cambridge, p. 211-276, 1996.

## **A INTERAÇÃO FICTIVA E A DÊIXIS: A EMERGÊNCIA DA FICTIVIDADE EM SALA DE AULA**

Leila Cruz Magalhães  
Luiz Fernando Matos Rocha

O presente trabalho tem o objetivo de discutir os resultados da pesquisa de mestrado em Linguística, “A Interação Fictiva e a Dêixis: A Emergência da Fictividade Em Sala De Aula”, que mapeou os diversos exemplares fictivos presentes no discurso docente e suas funções dentro dos eventos de fala da sala de aula. Como quadro teórico, adotamos a premissa da Linguística Cognitiva, que considera a existência de uma relação estreita entre língua e os outros planos cognitivos. Como principal autora, elegemos Pascual (2006a, 2006b, 2014) estudiosa da área da Cognição e responsável pela criação do termo “Interação fictiva”. A linguista afirma que o fenômeno da interação fictiva está presente em nossa organização mental e linguística e, teria se originado a partir do *frame* de conversação, isto é, os exemplares fictivos estariam relacionados ao formato das interações verbais, como se o locutor estivesse forjando um diálogo em seu turno de fala. Dentre os exemplos mais canônicos, temos as perguntas retóricas que, não têm o objetivo das perguntas factivas, pois não há a necessidade de uma resposta. Acerca da metodologia, utilizamos o *corpus* de sala de aula elaborado por Cadilhe(2013), que realizou sua pesquisa de doutorado acerca do papel da interação no processo de ensino-aprendizagem na educação médica. Neste sentido, ao longo do desenvolvimento de nossa pesquisa realizamos a leitura e as oitavas deste *corpus*, e como resultados, observamos a presença de exemplares fictivos, tais como as perguntas retóricas, comandos fictivos, etc. Esses elementos nos levaram às seguintes conclusões: quatro padrões dessa estratégia poderiam ser estabelecidos dentro do corpus: as perguntas fictivas, o discurso direto fictivo, a dêixis fictiva e a pergunta-reposta fictiva. Cada um desses padrões desempenhava um papel importante no desenvolvimento da aula e fariam parte do discurso explicativo da professora. Dessa maneira, conseguimos comprovar também, por meio da participação ativa dos alunos, que a fictividade seria relevante para a construção do conhecimento dos alunos durante a aula.



## Referências bibliográficas

CADILHE, Alexandre José. *Anatomias da aprendizagem: a expertise em comunicação na formação médica a partir da fala-em-interação*. 2013. 195 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

PASCUAL, E. 2006a. *Questions in legal monologues: fictive interaction as argumentative strategy in a murder trial*. Text & Talk 26(3): 383–402.

PASCUAL, E. 2006b. Fictive interaction within the sentence: a communicative type of fictivity in grammar. *Cognitive Linguistics* 17(2): 245–267.

PASCUAL, E. *Fictive interaction: the conversation frame in thought, language, and discourse*. John Benjamins Publishing company, 2014.

## DISCURSO DIRETO FICTIVO COMO ESTRATÉGIA COMUNICATIVA EM FALA ESPONTÂNEA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Débora Braga Medeiros Ferreira dos Santos

Canonicamente, o Discurso Direto (DD) refere-se a fala reportada de modo literal. Logo, a enunciação de uma instância de DD presumiria a existência de um discurso previamente construído. No entanto, chama atenção o uso da estrutura de Discurso Direto como planejamento de fala com possibilidade de realização no futuro. Configura-se, então, um DD não genuíno, o qual se denomina, neste trabalho, Discurso Direto Fictivo (DDF). Por fazer o uso da estrutura de conhecimento compartilhada entre os indivíduos acerca das interações verbais cotidianas como forma de organização do discurso, o DDF é classificado como caso de Interação Fictiva (PASCUAL, 2014), fenômeno segundo o qual o *frame* de conversação é utilizado como meio de organização do discurso, do pensamento e da gramática. Nos DDF, as projeções espaciais (FAUCONNIER, 1994) e expressões linguísticas dêiticas que os seguem são também recursos relevantes que auxiliam no processo de interpretação adequada do discurso. A escolha metodológica compreende uma abordagem mista de *corpus-based* e *corpus-driven*, a partir de dados de fala espontânea do C-ORAL BRASIL I (RASO; MELLO, 2012). O mapeamento do *corpus* foi realizado com lentes do fenômeno de Interação Fictiva, porém dando proeminência à intenção do falante ao optar por determinadas estruturas, com análise concomitante de transcrições e respectivas oitivas. Neste fragmento do C-Oral Brasil I (RASO; MELLO, 2012), temos GIL, um participante que trata da organização de um campeonato de futebol:

GIL: a gente virar assim / olha // \$

GIL: nós estamos nesse &mom + \$

GIL: assim / alguns meses antes da taça começar // \$

GIL: nós estamos nesse momento / procurando [/1] / no [/1] no processo / de procurar / quadra / olhar os melhores lugares // \$

GIL: cês querem participar // \$

GIL: cês querem olhar com a gente / cês querem sugerir um lugar / <qualquer> coisa desse tipo // \$.

O participante GIL faz um planejamento de discurso, tomando os pretendidos destinatários do discurso como presentes na interação naquele momento. De fato, trata-se de uma estratégia argumentativa de GIL com finalidade de demonstrar aos colegas realmente presentes sua proposta de organização do campeonato. Então, os resultados apontam o Discurso Direto Fictivo como um poderoso recurso interacional de natureza retórica com propósitos argumentativos, como afirmado por Rocha (2018).

**Palavras-chave:** linguística cognitiva; interação fictiva; discurso direto fictivo; estratégia comunicativa.

### **Referências bibliográficas**

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural languages*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

PASCUAL, E. *Fictive interaction: The Conversation Frame in Thought, Language, and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014.

RASO, T.; MELLO, H. *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ROCHA, L. F. M. *Interação Fictiva no C-ORAL-BRASIL: cognição, discurso e empiria*. Relatório final de Estágio Pós-Doutoral. Belo Horizonte: UFMG, 2018, 129 p.

## A CONSTRUCIONALIZAÇÃO DO *QUE NEM*: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO

Caio Aguiar Vieira  
Valéria Viana Sousa

No presente trabalho, ainda em andamento, temos o objetivo de analisar o pareamento de forma-função da microconstrução *que nem* presente na Língua Portuguesa. Essa microconstrução é utilizada frequentemente, no Português, como conector comparativo, como em: “[...] A saudade bateu foi *que nem* maré. Quando vem de repente de tarde, invade transborda esse bem me quer. A saudade é *que nem* maré”. Para este trabalho, assumimos a perspectiva dos postulados do Funcionalismo norte-americano e da Gramática de Construções, conhecida, no Brasil, como Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; FURTADO DA CUNHA, BISPO; SILVA, 2018). Nessa teoria, as construções gramaticais são concebidas como um pareamento entre forma e função. Além disso, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), elas são entendidas como unidades simbólicas convencionais: unidades porque alguns aspectos do signo são tão idiossincráticos ou tão frequentes que eles estão entrincheirados como um pareamento de forma-significado na mente do falante; simbólicos pois são signos, tipicamente associações arbitrárias de forma e significado; e convencionais porque são compartilhados entre grupos de falantes. Para esta pesquisa, de natureza qualitativa, utilizamos o *corpus* Informatizado do Português Medieval (<http://cipm.fcsh.unl.pt/>) e os *corpora* do Português Popular e Culto de Vitória da Conquista – BA (*corpora* PPVC & PCVC), organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Os resultados preliminares sinalizam que, em busca de mais expressividade e devido aos fatores históricos, de uso e cognição, a microconstrução *que nem*, derivada do encurtamento de uma construção consecutiva, esquematizada por {[TAL<sub>INTENSIFICADOR</sub>] + SN + QUE + NEM [NENHUM]}<sup>consec</sup>, é resultado de uma construcionalização gramatical. Os dados apontam ainda que os falantes não só a utilizam como forma-função comparativa {[X] + [Y] + QUE NEM + [Z] + [K]}<sup>comp</sup> – podendo ser comutada por conjunções que tenham valor semelhante, a exemplo de *como*, *igual* etc. – mas que, também, pode ser utilizada pelo falante com outras formas-funções. Assim, nos termos de Himmelmann (2004), houve uma expansão de uso de *host class* via analogização e a microconstrução em estudo desempenha a forma-função de conformidade {[X] + QUE NEM + [Y] + [W] V<sub>dic</sub>}<sup>conf</sup>, exemplificação {[X] + QUE NEM + [Y] + [MESMO]}<sup>exemp</sup> e marcador discursivo {ORAÇÃO + QUE NEM + ORAÇÃO}<sup>md</sup>, tendo, portanto, o estabelecimento de novos nós em sua rede construcional. Ademais, temos {[X] + [Y] + QUE NEM + [Z] + [W] + [K]} como esquema mais abstrato na rede taxionômica da construção com base nos *corpora* em estudo.

**Palavras-chave:** *que nem*; construcionalização; linguística funcional centrada no uso.

### Referências bibliográficas

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Variação e mudança linguística em perspectiva construcional*. Natal: EDUFRN, 2018.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Oppositive or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (Ed.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 60, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## **CONSTRUÇÕES QUANTIFICADORAS EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA: UMA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL**

Diego Leite de Oliveira  
Gabrielle de Figueira do Nascimento  
Karen Sampaio Braga Alonso  
Nuciene Caroline Amphiphio Fumaux

Seguindo os pressupostos teórico-epistemológicos da Linguística Baseada no Uso e a metodologia de análise colostrucional, este trabalho pretende apresentar os resultados preliminares da aplicação de análise colexêmica simples e análise colexêmica distintiva a microconstruções da língua portuguesa e da língua russa. As estruturas selecionadas para a realização da pesquisa foram: um monte de SN e (det) enxurrada de SN, para o português e gora SNGen e morie SNGen para o russo. No português, foi utilizada amostra do segmento Folha de São Paulo que está disponível no portal da Linguateca e, para o russo, a amostra, também de textos jornalísticos, foi retirada do Corpus Nacional da Língua Russa. Como resultados preliminares, temos que: (a) no português, na análise colexêmica simples, observou-se que os lexemas gente e coisa(s) foram os mais recrutados pela construção um monte de SN, enquanto os lexemas dólares, dinheiro externo e ações foram os mais recrutados por (det) enxurrada de SN, resultado este confirmado pela análise colexêmica distintiva; (b) no russo, na análise colexêmica simples, os lexemas preferidos por gora SNGen foram musor (lixo) e trup (cadáveres) e por morie SNGen foram dieti (crianças) e udovolstvie (prazer); já na análise colexêmica distintiva, apenas o lexema musor se mostrou relevante para gora SNGen e apenas o lexema udovolstvie foi relevante para morie SNGen. Esses resultados, considerando os corpora selecionados, parecem indicar que um monte de SN prefere se combinar com elementos genéricos, indefinidos; que (det) enxurrada de SN privilegia nomes do campo semântico de dólares; que gora SN prefere nomes +concretos e que morie SN vai recrutar mais frequentemente nomes + humanos e nomes mais abstratos.

## **ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COM ADJETIVO ADVERBIAL E ADVÉRBIOS EM -MENTE DE PAREAMENTO QUALITATIVO NO PB**

O presente trabalho busca descrever um padrão construcional qualitativo do português em que um adjetivo modifica o escopo do verbo, assumindo, assim, função adverbial (Ex.: Maria *fala rápido*). Para tal fim, pautamo-nos no arcabouço teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (Barlow e Kemmer, 2000; Bybee, 2010; Traugott e Trousdale, 2013), segundo o qual a língua é conceptualizada como uma rede simbólica de construções, apresentando níveis hierárquicos relacionados aos diferentes graus de esquematicidade – dos mais abstratos (esquemas) aos mais concretos (construtos). Assim sendo, a construção com adjetivo adverbial – [Verbo Adjetivo Adverbial]<sub>Qualit</sub> ou [V AA]<sub>Qualit</sub> – é um pareamento de forma e função instanciado por um esquema maior [V Adverbial]<sub>Qualit</sub>. Esta instância mais abstrata abarca não só a construção [V AA], mas outras que também modificam qualitativamente o verbo, dentre elas a construção com advérbios em *-mente*, representada por [V X-mente]<sub>Qualit</sub>. Posto isso, este trabalho objetiva ainda estabelecer uma comparação entre esses dois padrões construcionais de modificação qualitativa: [Verbo Adjetivo Adverbializado] e [Verbo X-mente], em que a construção com o advérbio canônico apresenta a mesma base lexical do adjetivo em função adverbial - *O cabelo cresce natural* e *O cabelo cresce naturalmente* -, a fim de observar quais fatores estruturais e/ou discursivo-pragmáticos estão relacionados a essas construções no português do Brasil (PB) atual. Para isso, coletamos ocorrências das duas referidas construções no *Corpus do Português* *aba web*. Os fatores analisados tanto para a especificação dos contextos que propiciam a ocorrência quanto para a descrição destes dois padrões no PB foram: frequência *type* e *token* do verbo e do adjetivo; tipo de verbo e de adjetivo; estrutura argumental; foco informacional; tipo de foco compartilhado; ambiguidade (semântica ou sintática); possibilidade e frequência de ocorrência do verbo em uma de suas formas nominais; presença ou ausência de elemento interveniente e o grau de composicionalidade entre os elementos construcionais. A hipótese geral é a de que há contextos em que essas duas construções qualitativas variam mais livremente em termos de suas formas e significados, porém, em outros contextos, há uma aparente especialização de cada um dos padrões analisados, conferindo-lhes restrições colocacionais. Até o presente momento, no que diz respeito à frequência *token*, observamos que a construção [V AA]<sub>Qualit</sub> é mais frequente quando o papel semântico é o qualitativo. Além disso, a construção com adjetivo tende a ser mais esquemática e produtiva no PB em comparação à construção com advérbio canônico de mesma base, dada a maior aceitabilidade de itens verbais ocupando o *slot* V. O verbo na construção com adjetivo tende a ser intransitivo, diferentemente da construção [V Xmente], em que o verbo tende a ser transitivo, apresentando argumentos internos. Quanto ao foco informacional, a construção [V AA]<sub>Qualit</sub> apresenta majoritariamente foco exclusivo, ao passo que a construção [V Xmente]<sub>Qualit</sub> tende ao foco compartilhado. A construção [V AA], em geral, evidencia menor grau de composicionalidade entre as unidades componentes, com tendências à formação de *chunks*, ao passo que a construção com advérbio em *-mente* tende a ser mais composicional quando a semântica é a qualitativa.

### Referências bibliográficas

BARLOW, Michael e KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TRAUGOTT, E.C. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013. Site Acessado: Corpus do Português: <http://www.corpusdoportugues.org>. Último acesso em: 23/07/2018.

## **CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A REDE DA CONSTRUÇÃO COM ADJETIVO ADVERBIAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DO SÉCULO XX**

Rodrigo Pinto Tiradentes  
Priscilla Mouta Marques

A presente pesquisa, cujo objetivo principal é mapear a rede da construção com adjetivo adverbial no português brasileiro do século XX, fundamenta-se no aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Entendemos, pois, que construções são unidades básicas da língua, pareamentos de forma e sentido (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 1991) que se associam entre si em uma rede simbólica (HUDSON, 2006; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). Assim sendo, buscamos depreender as propriedades de ordem formal e discursivo-pragmática da construção sob investigação, dentre as quais destacamos: a presença de elementos intervenientes entre os itens componentes da construção, a estrutura argumental, os itens verbais e adjetivais, bem como os tipos semânticos do verbo e do adjetivo, a estrutura informacional e a modalidade e o domínio discursivo/gênero dos textos em que os construtos ocorrem. Desse modo, pretendemos validar a hipótese de que a utilização do padrão construcional [Verbo Adjetivo Adverbial] deve-se a objetivos discursivo-pragmáticos específicos, sendo seu uso, portanto, diferenciado de outros padrões adverbiais de mesma base lexical. Ao desempenhar um propósito comunicativo específico, a construção não ficaria restrita aos textos orais e/ou informais, que, segundo Hummel (2002), são aqueles em que esta ocorre com maior frequência. Utilizamos nesta pesquisa dados extraídos do *Corpus do Português*. Ao todo, foram identificadas 1221 ocorrências, em que aparecem 312 itens verbais e 47 itens adjetivais diferentes. A análise revela que a maioria dos construtos é constituída por verbos materiais e adjetivos polares, apresenta o adjetivo adverbial posposto ao verbo, não tem elemento interveniente (e quando o tem, este tende a ser um adjunto graduador) e contém verbos intransitivos ou em uso intransitivo. Também verificamos que a sequência verbo + adjetivo adverbial tende a receber foco exclusivo e que a construção é mais frequente em modalidade oral que escrita.

### **Referências bibliográficas**

CROFT, William. *Syntactic categories and grammatical relations: The cognitive organization of information*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at Work: The nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HUDSON, Richard. *Language Networks: the new Word Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HUMMEL, M. Considerações sobre os Tipos *Ela Fala Esquisito* e *Ela Chega Cansada* no Português Coloquial e Literário do Brasil e de Portugal. In: *Confluência*, revista do Instituto de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## **CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUPORTE DAR NO PB: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA BASEADA NO USO**

Pâmela Fagundes Travassos

A partir da abordagem da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) e de orientações de TRAUGOTT & TROUSDALE (2013), tenciona-se apresentar um trabalho cujo tema é o funcionamento e a configuração de construções com verbo-suporte DAR seguido de elementos nominais do tipo X-(a/i)da, X-(a/i)dela, X-(a/i)dinha ou X-(z)inho(a), como *dar uma olhada*, *dar uma piscadela*, *dar uma escapadinha*, *dar uma crescidinha*, *dar uma convencida*, *dar uma espremidela*, *dar um risinho*, *dar um empurrãozinho*. Tendo em vista que uma construção é um pareamento de forma (prosódica, fonético-fonológica, morfológica, sintática) e função (semântica, discursiva, pragmática) e que as construções são as unidades básicas da língua organizadas em rede (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), tenciona-se, a partir de uma análise quantitativa e qualitativa de dados de uso extraídos de textos escritos do domínio jornalístico, expor resultados da observação dos usos no que se refere a características formais e funcionais dessas construções, levando em consideração tanto o cotexto (ambiente estritamente linguístico), como os contextos semântico, discursivo, pragmático e/ou cognitivo em que tais construções estejam inseridas. Percebe-se, com relação a esses complexos verbo-nominais em questão, que eles tendem a estar a serviço da indicação de aspecto não-durativo (VENDLER, 1967; RAPOSO et al., 2013); no entanto, parecem indicar cada vez mais modalidade e (inter)subjetividade, na medida em que se utiliza uma atitude polida para demonstrar um cuidado com a própria fala, bem como com o interlocutor. Assim, pretende-se analisar os parâmetros produtividade, composicionalidade, esquematicidade e contextualidade envolvidos nessas construções e aspectos relacionados à variação entre constructos e microconstruções (HILPERT, 2014) e à mudança linguística, seja ela a construcionalização (novo pareamento de forma nova-função-nova), seja a mudança construcional (mudança ou na forma ou na função). Acredita-se que alguns constructos possam revelar indícios de mudança construcional ou de construcionalização, enquanto outros se encontram em variação por similaridade em situação de convivência ou por competição.

### **Referências bibliográficas**

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: Some universals in language usage*. New York: Cambridge University Press, 1987. p. 3 a 57.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Compositionality*. In N. Riemer (ed.) *Semantics Handbook*. Routledge, 2016.

TRAUGOTT, E.C. Revisiting subjectification and intersubjectification. *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin, 2010: De Gruyter Mouton.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

## UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL DAS PERÍFRASES DE GERÚNDIO DE ASPECTO CURSIVO NO PORTUGUÊS

Quezia dos Santos Lopes Oliveira

Este trabalho investiga, sob a ótica dos modelos baseados no uso e do modelo de Construcionalização e Mudança Construcional proposto por Traugott & Trousdale (2013), o processo de formação e história das construções perifrásticas de gerúndio no português, marcadoras de aspecto cursivo, especificamente as constituídas pelos auxiliares *ficar* e *estar*. Tais objetivos se orientam pelas hipóteses de que: 1) a perífrase [*ficar* + x-ndo cursivo] seguiu a trajetória de Construcionalização da perífrase [*estar* + x-ndo cursivo] na língua portuguesa; e 2) esta construção perifrástica está mais avançada no processo de Mudança Construcional do que aquela, o que é evidenciado pelo seu caráter altamente gramatical e pela sua marcação aspectual neutra. Para esse estudo, foram analisadas amostras de textos escritos dos séculos XIII ao XXI, compreendendo o português arcaico, antigo e moderno. Os dados foram analisados segundo algumas categorias linguísticas. Entre elas, destaco duas para este trabalho: o tipo semântico do verbo principal das perífrases e a natureza do sujeito que ocorre com elas. Tais fatores servem para evidenciar alterações anteriores e posteriores à Construcionalização de cada uma. Ao final do trabalho, procuro responder as hipóteses levantadas e apresento um esquema representativo de aspectualização cursiva no português com perífrases de gerúndio.

**Palavras-chave:** perífrases cursivas de gerúndio; mudança construcional; construcionalização.

### Referências bibliográficas

CASTILHO, A. T. de (1968) *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. Marília: Alfa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Marília, 12.

\_\_\_\_\_. “Aspecto verbal no português falado”. In: ABAURRE, Maria B. M.; RODRIGUES, Ângela Cecília (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, v. VIII 83-122. 2002.



COMRIE, B. (1976) *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.

TRAUGOTT, Elisabeth C. e TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013.

## **A POSIÇÃO DO SUJEITO CAUSADOR EM CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS ANALÍTICAS**

Luana Gomes Pereira

Neste trabalho propomos uma análise da posição do sujeito nas construções causativas analíticas em português, que pode ser representada no esquema geral [SN<sub>1</sub> [V<sub>1</sub> SN<sub>2</sub> V<sub>2</sub>]]<sub>causação</sub>. A construção causativa conceptualiza uma situação em que um elemento A(causador) tenta provocar uma mudança em outro elemento B (causado). Como objetivo desta pesquisa, investigamos os traços de agentividade, animacidade e intencionalidade do constituinte causador, considerando sua frequência de uso. Este constituinte delimita o elemento que provoca ou é responsável pela situação causativa. A partir dos pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, especialmente da Gramática de Construções (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995; 2006), analisamos dados de uso provenientes da Amostra Midiática do PEUL, da UFRJ, da qual selecionamos textos dos gêneros jornalísticos artigo de opinião, crônica, editorial e notícia extraídos dos jornais O Globo, Jornal do Brasil, Extra e Povo. Restringimos nossa análise às microconstruções com os verbos *fazer*, *deixar*, *levar*, *permitir*, *mandar* e *obrigar* na posição V1, as quais apresentaram maior frequência de ocorrência. Consideramos também os traços semânticos de animacidade e intencionalidade do sujeito causador. Em geral, esperamos que, em construções causativas, o sujeito causador prototípico seja mais agentivo e intencional, uma vez que há uma necessidade de um agente instigador para a realização do evento ou estado de coisas solicitado. No entanto, verificamos muitas das microconstruções apresentam um causador não agentivo e, portanto, com menos controle sobre o resultado desejado.

### **Referências bibliográficas**

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge. Cambridge University Press. 2010.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford. Oxford University Press. 2001.

GOLDBERG, A. *Constructions: a constructional grammar approach to argument structure*. Chicago. Chicago University Press. 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work- the nature of generalization in language*. Oxford. Oxford University Press. 2006.

# CONSTRUÇÃO TEMPORAL ENUNCIATIVA COM AGORA EM JORNAIS DO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE PELA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Danielle dos Santos Cleres  
Marcos Luiz Wiedemer

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados da dissertação de Cleres (2018), cuja análise contemplou a construção *agora* e os padrões construcionais que o objeto pesquisado integra. Para isso, tomamos por base as acepções teóricas da abordagem construcional da gramática de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) além de Traugott & Trousdale (2013). Ao realizarmos a investigação em jornais do século XIX, a saber, *Correio Braziliense*, *O Tempo*, *Gazeta da Tarde*, *O Patriota* e *A Aurora Fluminense*, encontramos oito subesquemas construcionais em que o elemento *agora* atua como (co)lexema gramatical. Por se tratar de um discurso jornalístico, a pesquisa adotou, como um dos critérios metodológicos, as considerações referentes ao contexto, conforme Traugott e Dasher (2005), Bybee (2010) e Traugott & Trousdale (2013). Os resultados da investigação evidenciam que o esquema hierárquico, em sua forma mais abstrata, [(X) *agora* (Y)] licenciara duas redes construcionais, sendo: (a) *Subesquema Construção Circunstancial Adverbial*, cujo domínio funcional é o da adverbialidade, em que reuniu as construções [*agora* VERBO], [VERBO *agora*] e [PREPOSIÇÃO *agora*], em que o falante tem por objetivo pontualizar o discurso no tempo; (b) *Subesquema Construção Temporal Enunciativa*, da qual integram as construções [*agora* ADJETIVO], [*agora* SUBSTANTIVO], [*agora* (X) ORAÇÃO], [*agora* PERÍODOS] e [*agora* QUE], no qual o falante tem por objetivo localizar o tempo na comparação de ações entre as porções textuais e o tempo é não cronológico, já que apresenta correlação enunciativa. Aqui, nos atemos ao subesquema construcional [PREPOSIÇÃO *agora*], o qual licenciara as seguintes microconstruções: [DESDE *agora*], [ATÉ *agora*] e [POR *agora*], que compartilham a pontualização temporal discursiva. Além disso, a relação cronológica na construção foi a do enunciado, além das seguintes particularidades: simultaneidade cronológica e futuro imediato para as construções [POR *agora*] e [DESDE *agora*], respectivamente.

## Referências bibliográficas

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

TRAUGOTT, E. & TROUSDALE, G. (Eds.). *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

\_\_\_\_\_; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. (Cambridge Studies in Linguistics 96) Cambridge: Cambridge University Press, p. 27- 34, 2002

## **AS CONSTRUÇÕES ADVERBIAIS QUALITATIVAS E MODALIZADORAS: ELEMENTOS COMPONENTES E ADJACENTES**

Ester Moraes Gonçalves  
Deise Cristina de Moraes Pinto

A partir deste trabalho, busca-se apresentar um panorama do comportamento das construções adverbiais qualitativas e modalizadoras do tipo Prep+SN enfocando tanto aspectos formais como semântico-pragmáticos. Para tal estudo, utilizamos cartas de leitores e particulares dos séculos XIX e XX, referentes ao Rio de Janeiro, disponibilizadas online pelo Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). Como aporte teórico, valemo-nos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Sob tal corrente teórica, que conjuga pressupostos da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, postula-se que a língua se molda conforme as necessidades comunicativas do falante em contexto real de uso (FURTADO DA CUNHA; CEZARIO, 2013). Apoiamo-nos na Gramática de Construções, segundo a qual a língua se organiza em rede por meio de construções, sendo estas definidas como pareamentos de forma-sentido. Traugott & Trousdale (2013) apresentam dois tipos de mudança: construcionalização e mudança construcional. Esta se dá em apenas uma face da construção, isto é, na forma ou no sentido, enquanto aquela refere-se à mudança tanto na forma quanto no sentido. Em termos categoriais, os adverbiais distribuem-se em um continuum, não havendo separação clara entre eles: alguns se comportam de maneira mais prototípica, outros de maneira menos prototípica, podendo tender à ambiguidade ou até mesmo à mudança. Nesse sentido, dados que apresentam leituras polissêmicas são de importância para a compreensão dos processos que envolvem a mudança desses elementos. Partimos de uma análise colostrucional (HILPERT, 2014), que observa todos os elementos que constituem as construções, bem como os elementos que as cercam, pois tais partes componentes e elementos adjacentes podem contribuir para as diferentes nuances de sentido e revelar a formação de collocations. Sendo assim, buscamos no corpus as construções adverbiais qualitativas, com valores de instrumento, meio e modo; e as modalizadoras, com valores epistêmico, de atitude proposicional e ato de fala. Após a coleta de dados, iniciamos as análises, atentando a fatores como: tipo de construção; item e tipo verbal; preposição; extensão do SN; entre outros. Dentre os resultados parciais, destacamos o da análise da extensão do SN presente nas construções adverbiais. Até o momento, verificamos que as modalizadoras se limitam a uma palavra com até três sílabas, como “certo” e “dúvida”. Em contrapartida, os SN das adverbiais qualitativas contêm, na maioria das vezes, duas palavras ou mais. Este resultado nos leva a postular que construções adverbiais qualitativas com apenas uma palavra contendo até três sílabas tendem a se construcionalizar.

### **Referências bibliográficas**

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CEZARIO, Maria Maura. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta/ organização Maria Maura Cezario e Maria Angélica Furtado da Cunha*. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: University Press, 2014.

MARTELOTTA, Mário E. *Reflexões sobre o conceito de advérbio*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000 (mimeo).

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## **CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS COM “ENTÃO”: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE BASEADA NA LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Ana Paula Gonçalves Durço  
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010, 2015; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016), propomos, neste trabalho, uma análise das construções conclusivas com “então”, objetivando demonstrar que elas se encontram em um mesmo nível esquemático, embora apresentem especificidades que as caracterizem como construções distintas na língua. Entendemos que somente uma abordagem que parta da língua em uso, realizada por interlocutores reais em situações concretas, seja capaz de fornecer subsídios para análise das construções conclusivas com “então”. Utilizamos, portanto, mais especificamente, a abordagem construcional da mudança de Traugott e Trousdale (2013), no que se refere aos seguintes pontos: i) a língua é vista como uma rede de relações entre construções; ii) construções são formadas pelo pareamento entre forma e função (GOLDBERG, 2016); iii) as construções estão organizadas em níveis hierárquicos: esquema, subesquema e microconstrução. Visando a cumprir com o objetivo geral proposto, apresentamos como objetivos específicos: i) mapear as construções conclusivas com “então”, buscando agrupá-las a partir do pareamento forma-função; ii) verificar se elas fazem parte de um nível hierárquico comum. Utilizamos a metodologia de análise qualitativa e constituímos o seguinte *corpus* para a análise de dados: textos retirados de blogs e revistas; entrevistas orais disponíveis na internet. Observando os contextos linguísticos conclusivos para os quais “então” é recrutado, bem como os valores semânticos assumidos, chegamos a sete microconstruções, todas com valor conclusivo, atuando na progressão textual e estabelecendo relações tanto no nível textual quanto interpessoal. Embora essas semelhanças demonstrem que as sete microconstruções fazem parte de um mesmo nível esquemático, encontramos diferenças entre elas, tanto na forma, quanto na função, no que se refere ao tipo de conclusão: argumentativa, ratificadora, intensificadora, implícita, parcial, voltada para o interlocutor e contra-argumentativa.

### **Referências bibliográficas**

BYBEE, J. L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

GOLDBERG, A. E. A constructionist approach to language. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA, Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSÁRIO, I. da C. do; OLIVEIRA, M. R. de. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. Alfa, São Paulo, 2016.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

## **CONSTRUÇÕES PROPORCIONAIS SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes

A pesquisa tem como objetivo examinar os usos das construções correlatas proporcionais com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Esta corrente teórica analisa a língua em pleno uso e visa a uma abordagem holística, em que nenhum nível linguístico é proeminente em relação aos demais. Toma-se o conceito de *construção* no sentido estabelecido por Traugott e Trousdale (2013), ou seja, como uma unidade básica da língua, composta por um pareamento de forma e sentido. As construções proporcionais são analisadas em seus dois padrões instanciados: o primeiro é constituído pelas expressões conectoras *à medida que* e *à proporção que*, e o segundo é instituído pelos correlatores *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*. Os dados são extraídos do *Corpus do Português*, disponível em [www.corpusdoportugues.org/](http://www.corpusdoportugues.org/). Defende-se que as construções em ambos os padrões constituem estruturas correlatas em língua portuguesa. Contudo, em razão do comportamento sintático distinto, os chamados Padrão I e Padrão II recebem tratamentos particulares. No primeiro, lança-se mão do critério da telicidade para firmar a conexão sintática entre prótase e apódose. No segundo, evidencia-se a alta produtividade do padrão. Com isso, objetiva-se estabelecer, a partir da visão funcional da língua, a hierarquia construcional das correlatas proporcionais, baseada em diferentes níveis de abstração.

### **Referências**

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- MÓDOLO, M. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, M. H. M. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. vol. 2. São Paulo, Unicamp, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Correlação: Estruturalismo versus Funcionalismo*. (Pré) publications: forskning og undervisning. Danmark: Romansk Institut, Aarhus Universitet, 1999.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- OITICICA, J. *Teoria da Correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.
- RODRIGUES, V. V. Correlação. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S.F. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Construções comparativas: estruturas oracionais?* Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2001. Tese de Doutorado.
- ROSÁRIO, I. C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. 250 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2012.
- TRAUGOTT, E.C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## **CONSTRUÇÕES ORACIONAIS SUBSTITUTIVAS: UM ESTUDO FUNCIONAL CENTRADO NO USO**

Idrissa Ribeiro Novo

A pesquisa ora empreendida tem como objetivo apresentar algumas das propriedades semântico-pragmáticas das construções oracionais substitutivas à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2015; ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016). Toma-se aqui o conceito de construção conforme Traugott e Trousdale (2013), ou seja, como um pareamento de forma e sentido. Percebe-se que o esquema abstrato da substituição realiza-se por meio de quatro microconstruções conectoras: *em lugar de*, *em vez de*, *ao invés de* e *ao contrário de*. Pela observação de seus componentes lexicais, é possível mensurar que tal esquema esteja atrelado à metáfora conceptual espaço-tempo, que constitui a coordenada indispensável para a construção de qualquer mundo conceptual (Batoréo, 2000). Postulamos, embasados em Kortmann (1997), que as construções estudadas perpassem pelo processo de metaforização *espaço > tempo > contraste > substituição*, sendo esta última etapa posterior ao que propõe o teórico. Por fim, com base em dados coletados no *Corpus do Português* (séculos XX e XXI) e no *Tycho Brache* (séculos XIX a XVII), nossos estudos evidenciam a existência de três valores semântico-pragmáticos que emergem do uso das construções estudadas: substituição pura, preferência e comparação contrastiva, funções atreladas à noção mais geral e básica da substituição.

## Referências bibliográficas

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. (2000). *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

KORTMANN, B. (1997). *Adverbial Subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Orgs). (2015). *Linguística centrada no uso – teoria e método*. 1.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. (2016). *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, pp. 233-259. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. (2013). *Constructionalization and Constructional Changes*. UK: Oxford University Press.

## A CONSTRUÇÃO *x\_que* PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL PARA OS CONECTIVOS DE CAUSA.

Angélica C. G. Fernandes

Este trabalho tem como objeto de estudo a construção *x\_que* no português do Brasil, mais especificamente as locuções conjuntivas que encontram-se no domínio da causalidade que possuem suas bases constituídas por um elemento temporal ou uma conjunção mais o elemento *que* no final: *já que*, *desde que*, *dado que*, *visto que* e *pois que*, a luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme propõe Bybee (2016), alinhada à abordagem construcional de Goldberg (1995; 2006). Pretende-se identificar dentro desse tipo de construção os traços semânticos específicos para a relação causal e também verificar de que modo esses traços se aliam a fatores formais. Apesar das construções de elo causal serem marcadas pelo conector “porque” outros conectores de base *x\_que* são elencados para expressar a relação de causa como: *posto que*, *já que*, *visto que*, *pois que*, *desde que*. Assim, observe-se que os conectores com estrutura *x\_que* são analisados pela mesma função semântica que os demais conectores que possuem bases diferentes, como: *por causa que*, *porquanto*, *por isso que* e *tanto mais que*. É nesse sentido que se propõe este estudo. Pretende-se, a partir dessa análise, descrever os conectores adverbiais causais do Português do Brasil e verificar se há, entre elas alguma diferença de sentido. Além disso, pretende-se também, analisar os aspectos formais envolvidos no uso desses conectivos causais, a fim de se conhecer melhor seu funcionamento a partir da verificação da base lexical desses conectores; da comparação dos diferentes significados causais a fim de verificar as propriedades que os distinguem; a análise da ordem das orações causais; a verificação das formas verbais que ocorrem na oração causal; a verificação das formas verbais que ocorrem na oração núcleo; propondo uma rede associativa de significados e traços que compõe a noção causal e por fim a verificação os graus de esquematicidade, composicionalidade e produtividade das construções causais a partir de *x\_que*. Acredita-se que esse estudo possibilitará não apenas o entendimento do funcionamento desses elementos no português, mas também permitirá

uma maior compreensão dos processos cognitivos que envolvem o sentido de causa no português do Brasil, especificamente no que diz respeito aos aspectos de causa manifestadas por essas construções no uso linguístico.

## USOS MORFOSSINTÁTICOS DO CONECTOR *EXCETO X* – UMA ANÁLISE FUNCIONAL

Fabiana Felix Duarte Moreira

As orações adverbiais de exceção não são contempladas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, e, apesar de alguns teóricos mencionarem-nas em seus compêndios, sua descrição é ainda incipiente. Esta pesquisa pretende, ao traçar um panorama dos usos do conector *Exceto X*, a partir dos estudos de Hopper e Traugott (1997) e Halliday (1985), investigar seu comportamento morfossintático, no plano da articulação de orações, lançando, assim, luz ao tema. O instrumental teórico adotado para este trabalho tem como base a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que une a Linguística Funcional de vertente norte-americana à Gramática de Construções, especialmente na linha de Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001). Para esta análise, foi feita uma busca pelo conector *exceto* no *Corpus* do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>), com dados do português brasileiro do século XXI. Nas ocorrências coletadas, verificamos o padrão construcional *Exceto X* instanciado nos seguintes *types* oracionais: 1) *Exceto que* (“Poderia ser qualquer coisa, **exceto que**, infelizmente, não era.”); 2) *Exceto se* (“Todavia, nenhuma pessoa é capaz de confundir um homem com um macaco, **exceto se** for míope [...]”); 3) *Exceto + quando* (“Estes criacionistas concordam com a biologia atual, **exceto quando** examinam a origem de a vida ou a emergência de a consciência.”); 4) *Exceto quando* (“A concessão de o auxílio é feita por um cartão magnético de pagamento entregue a o próprio beneficiário, **exceto quando** este for incapaz de exercer atos de a vida civil.”). Acreditamos que essas microconstruções são estratégias de veiculação de conteúdos semântico-pragmáticos aparentados, mas, ao mesmo tempo, diferenciados. Os resultados parciais dessa pesquisa evidenciam a produtividade da rede hierárquica (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) do conector *Exceto X* no português brasileiro, justificando, assim, o estudo desse fenômeno linguístico.

### Referências bibliográficas

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.



TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## **A NÃO-ASSERTIVIDADE NAS ORAÇÕES CONDICIONAIS: UM OLHAR CONSTRUCIONAL**

Camila Gabriele da Cruz Clemente

Embora a não factualidade seja apontada como por alguns autores como parte do significado dos conectores condicionais, vê-se que muitas vezes a não realidade das orações condicionais é marcada por outros elementos. Assim, sabe-se que a não-factualidade marcada em construções condicionais não está relacionada unicamente ao emprego da conjunção. Essa constatação reforça o entendimento das orações condicionais como construções que se vale da interação de diferentes aspectos semântico-pragmáticos, uma vez que o conector sozinho não pode atuar na construção do sentido e recorre a outros elementos para construir o significado condicional, como, nesse caso, para o tempo e modo verbal. Sendo assim, com base na concepção de Bybee (2010) de que a interação verbal dos interlocutores molda as propriedades dos enunciados, pois se tem uma gramática maleável, pretende-se verificar pelo olhar funcionalista-cognitivista qual a motivação para a composição do traço básico das construções condicionais, a não-assertividade. Segundo Dancygier (1998, p.2), as condicionais são um excelente meio para demonstrar o pareamento entre forma, significado e contexto, fazendo-se necessário um estudo embasado na teoria de Construcionalização de Traugott and Trousdale (2013), concebendo a condicionalidade como categoria conceitual. E ainda, considerando que as estruturas condicionais são formadas por proposições que não podem ser afirmadas sempre, toma-se especificamente como objeto de descrição o traço não assertividade em relações condicionais do português brasileiro. Considerando as orações condicionais de bases preposicional e adverbial, sustentadas em Oliveira (2014) e Neves (2000), compostas pelas conjunções *a menos que*, *a não ser que*, *se*, *que*, *exceto se*, *uma vez que*, *contanto que*, *desde que*, *salvo se*, *sem que*, *supondo que*, *somente se*, *na condição de que*, os dados desta análise sincrônica foram coletados do *Corpus do Português* no período que compreende os séculos XX e XXI.

### **Referências bibliográficas**

BUTLER, C. *Structure and Function: Guide to Three Major Structural-Functionalist Theories*. Part I Approaches to Simple Clause. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DANCYGIER, Barbara. *Conditionals and prediction* (Cambridge Studies in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FERRARI, L. Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista. *Veredas*, v. 4, n.1: 21-30, 2000.

MARTELOTTA, M. E.; Alonso, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: Souza, E. R. F. *Funcionalismo Linguístico*. Novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012, p. 87-106.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, T. P. Condicionais, atenuação e polidez: um estudo das. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. São José do Rio Preto. Impresso), São Paulo, v. 49, n.1, p. 123-137, 2005.

OLIVEIRA, T. P. *As conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. 2008. (Tese de Doutorado).

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford Oxford University Press, 2013.

## **SIMPÓSIO 4**

### **UM ESTUDO SOBRE AS CODAS (R) INTERNA E FINAL DA FALA DE CARIOCAS**

**Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo**

O presente estudo apresenta os resultados para a variação da coda (r) interna e final em não-verbos a partir de dados de fala espontânea que foram obtidos de amostras de grupos sociais distintos da comunidade de fala do Rio de Janeiro: falantes da classe média-média e média-baixa (subgrupo de falantes da amostra Censo 2000); e adolescentes da classe baixa, moradores de favela e com diferentes graus de inserção social (amostras Fiocruz e EJLA). O baixo percentual de ausência do (r) em coda interna parece ter sido um fator preponderante para que esta variável não tenha sido objeto de análise em inúmeros estudos já desenvolvidos acerca da variação da coda (r) no Português Brasileiro, sobretudo na comunidade de fala do Rio de Janeiro. A partir de dados de produção de falantes da classe baixa, foi possível observar uma maior frequência de ausência de coda (r) interna, o que permitiu analisar os condicionamentos linguísticos para esta variável. Este trabalho adota a hipótese dos Modelos Baseados no Uso, segundo a qual a variação sonora está representada no léxico, e compara o comportamento dos diferentes grupos sociais apresentados, a fim de capturar, de maneira mais ampla, a dinâmica sociolinguística da comunidade de fala do Rio de Janeiro. O envelope da variação considerou a realização e não-realização da coda. Ademais, este trabalho focaliza o comportamento do item lexical no condicionamento da variação da coda (r). Os resultados mostraram que há condicionamentos distintos para a ausência das codas (r) interna e final em não-verbos. Além disso, os resultados sugerem que um processo de mudança em direção à não-realização do (r) final em não-verbos parece estar mais adiantado, sobretudo em relação a alguns itens lexicais. Quanto a um possível processo de mudança em direção à ausência da coda (r) interna, é possível dizer que este se implementa nos grupos sociais mais baixos da escala social, uma vez que se observa um percentual bem mais elevado de não-realização da coda (r) interna entre os adolescentes da classe baixa, os quais, apesar de apresentarem diferentes graus de inserção social, se distanciam igualmente dos falantes classe média-média e média-baixa. A pouca quantidade de dados sem a realização da coda (r) interna para os dados do subgrupo da amostra Censo 2000 não só espelha algo já observado em estudos anteriores, como também fez com que nenhum condicionamento estrutural pudesse ser analisado para este grupo de falantes. Em relação aos condicionamentos estruturais observados para os dois grupos de adolescentes da classe baixa, observou-se um forte favorecimento à ausência da coda (r) interna quando o contexto seguinte é constituído por uma consoante fricativa. Por fim, a partir da análise de itens mais frequentes nas amostras, postula-se haver diferentes padrões de representação para os dois tipos de coda (r): para a posição interna, a realização da coda, com todas as possibilidades fonéticas que fazem parte da experiência do falante, é a representação central; para a posição final de palavra, alguns itens se apresentam como as formas verbais de infinitivo, sendo a representação central sem coda.

### **A PRETÔNICA /o/ NA VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ**

Este estudo analisa o comportamento da vogal pretônica /o/ no Português de São Tomé (*doravante PST*), a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 1972, 1994, 2001). Por se tratar de uma realidade linguística ainda pouco investigada do ponto de vista fonológico, com base em outras abordagens sobre o mesmo tema em variedades brasileiras e europeias da Língua Portuguesa, avaliam-se influências sociais, estruturais, lexicais e de contato multilinguístico, sobretudo, na aplicabilidade da regra de alçamento. Visa-se, ainda, a determinar se o quadro vocálico do PST se insere em um *continuum* afrobrasileiro, afroeuropeu ou se constitui um sistema linguístico particular. O *corpus* investigado inclui 4.536 dados extraídos das entrevistas que constituem as amostras do Projeto VAPOR, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Trata-se de 17 inquéritos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), efetuados com indivíduos residentes na Ilha de São Tomé, falantes de Português como L1, distribuídos por sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade. Os resultados demonstram que, descartados alguns itens lexicais e contextos mais suscetíveis à elevação, a vogal /o/ tende à manutenção do timbre nessa variedade. Ao mesmo tempo, o alçamento é mais provável no discurso de informantes, com nível superior de escolaridade (p.r. .60), que declaram pouca ou nenhuma frequência de uso do Forro (p.r. .56), do sexo feminino (p.r. .56), e/ou acima dos 55 anos de idade (p.r. .55). Finalmente, o baixo *input* da regra de elevação (.33) e a manifestação do processo de harmonização vocálica parecem confirmar a hipótese de proximidade entre crioulos de base portuguesa, PST e PB, no que toca à insubmissão à regra geral de redução (cf. MARQUILHAS, 2003).

**Palavras-chave:** vogal pretônica /o/; alçamento; Português de São Tomé; variação.

### Referências bibliográficas

LABOV, W. 1972. *Sociolinguistics patterns*. Oxford: Blackwell.

\_\_\_\_\_. 1994. *Principles of linguistic change*. Vol 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell.

\_\_\_\_\_. 2001. *Principles of linguistic change*. Vol. 2: Social factors. Cambridge: Blackwell.

MARQUILHAS, R. 2003. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In.: CASTRO, I.; DUARTE, I. (org.). *Razões e emoção*. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus, 2, 7-18. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

## O APAGAMENTO DA VOGAL POSTÔNICA MEDIAL EM DUAS VARIEDADES AFRICANAS DO PORTUGUÊS

Danielle Kely Gomes

O apagamento da vogal postônica medial, que culmina a regularização de proparoxítonos ao padrão paroxítono, é um fenómeno antigo em português (fósforo > fosfro; círculo >

circlo, véspera>vespra). Gomes (2012), em uma análise variacionista que contrasta o Português Brasileiro (PB) ao Português Europeu (PE), observa que o PE aplica a regra de apagamento com uma frequência maior do que a verificada para o PB, que se configura como uma variedade mais conservadora, por conta da variação no âmbito da realização das vogais médias em contexto átono pretônico e pela valoração social negativa a que o apagamento de vogais está sujeito. Gomes (2017), em uma comparação entre PB, PE e o Português de São Tomé (PST), identifica na variedade são-tomense um comportamento distinto: alto índice de apagamento de vogais no contexto átono medial, provavelmente reflexo da influência do Forro, crioulo de base portuguesa que coexiste com o Português na área da recolha dos dados usados na investigação. Neste trabalho, propõe-se uma comparação entre os informantes da primeira e segunda faixas etárias de São Tomé – com dados extraídos do corpus Variedades do Português (VAPOR), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa –, com dados do mesmo perfil extraídos do corpus do Português de Moçambique (PM), abrigado no projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades Africanas, Brasileiras e Europeias do Português. Em Moçambique, o Português coexiste com uma grande variedade de línguas da família Banto. A hipótese inicial é a de que as proparoxítonas, não naturais até para falantes de Português como L1 e que não estão imersos em contextos de multilinguismo generalizado, seriam muito frequentemente regularizadas paroxítonas, como efeito do contato do Português com outras línguas que com ele coexistem nas duas comunidades. Os resultados preliminares revelam que há, pelo menos entre os indivíduos mais jovens são-tomenses e moçambicanos (na faixa entre 18 e 35 anos), similaridades no que concerne aos índices brutos de aplicação da regra de apagamento da postônica medial e à interação dos fatores de natureza linguística (referentes aos contextos precedente e subsequente à vogal). Contudo, as análises iniciais revelam diferenças entre as variedades no que tange à atuação dos condicionamentos sociais, sobretudo os relativos à escolaridade e à relação entre o português e as línguas locais.

### **Referências bibliográficas**

GOMES, Danielle Kely. *Síncope em proparoxítonas: um estudo contrastivo entre o português brasileiro e o português europeu*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. 273 f. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

GOMES, Danielle Kely. Vogais em contexto postônico medial no português de São Tomé. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (Org). *Duas variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018.p.159-176

WEIREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

## **O COMPORTAMENTO DO DITONGO /ei/ NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ**

Raphaela Ribeiro Passos

O presente estudo vincula-se à linha de pesquisa *Língua e Sociedade: Variação e Mudança* e baseia-se nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001). O estudo propõe-se a analisar a realização do ditongo /ei/ na variedade urbana do Português de São Tomé (PST), a fim de verificar se, assim como ocorre com relação a outras variáveis linguísticas, no plano fonético-fonológico também há convergência com a variedade brasileira. No Português do Brasil (PB), a monotongação do ditongo /ei/ é um processo produtivo no interior de vocábulos, em palavras como “madeira” e “peixe”, por exemplo. Paiva (1996) constatou que a monotongação depende basicamente de restrições de ordem estrutural, como o modo e o ponto de articulação do segmento subsequente, sendo o *tepe* e as fricativas palato-alveolares os principais favorecedores do processo. Resultados semelhantes são encontrados em outros estudos em diversas regiões do país, como o de Ribeiro (1990), Lopes (2002) e Toledo (2011), corroborando o indício de que, no PB, a monotongação do ditongo /ei/ é um processo produtivo e condicionado principalmente por fatores estruturais. Para a análise do ditongo /ei/ em São Tomé foi tomado como base o *corpus* VAPOR, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, que conta com 17 inquéritos com informantes naturais de São Tomé, distribuídos por sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade. Foram levantados 736 dados e o processo de monotongação ocorreu em 70,1% deles. As variáveis sociais e estruturais controladas nas análises foram baseadas em Paiva (1996), às quais acrescentou-se a variável *frequência de uso de um crioulo* (BRANDÃO, 2011), no intuito de verificar as possíveis interferências do Forro, a segunda língua mais falada em São Tomé, nas concretizações registradas.

### Referências bibliográficas

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Concordância nominal na variedade não standard do português falado em São Tomé. Comunicação apresentada ao *XVI Congresso Internacional de ALFAL*, Alcalá de Henares, Espanha. Universidad de Alcalá, 6-9 jun., 2011.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. vol. 1.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. vol. 2.

LOPES, Raquel. A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFPA, Belém, PA, 2002.

PAIVA, M. C. A. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SILVA, G. M. O; SCHERRE, M. M. P. (Orgs) *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a. p. 217-236.

RIBEIRO, Denise Aparecida Sofiati de Barros. 1990. 125f. O apagamento dos ditongos decrescentes orais no sudoeste do Paraná. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFPR, Curitiba, PR. 1990.

TOLEDO, Eduardo Elisal de. 2011. 109f. *A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Linguística), PUCRS, Porto Alegre, RS, 2011.

## **CONTÍNUA DE ORALIDADE-LETRAMENTO E DE MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA DAS ESTRATÉGIAS DE RETOMADA DO ACUSATIVO DE TERCEIRA PESSOA**

Monique Débora Alves de Oliveira Lima

Karen Cristina da Silva Pissurno

Juliana Magalhães Catta Preta de Santana

Este trabalho objetivou verificar a distribuição das variantes utilizadas na expressão do acusativo anafórico de terceira pessoa nos contínua de oralidade-letramento e de monitoração estilística, a partir de um *corpus* específico extraído de diferentes gêneros textuais, constituído para análise em um curso de Doutorado. Esta pesquisa insere-se entre os estudos variacionistas da Sociolinguística Laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG, [1968] 2006; LABOV, 2008 [1972]), considerando, ainda, os *contínua* de variação linguística propostos por Bortoni-Ricardo (2005). Para a composição da amostra de textos selecionada, tomou-se como aporte teórico-metodológico a teoria de gêneros textuais de Marcuschi (2008). Dessa forma, buscou-se averiguar (i) como se comporta o referido fenômeno no que tange ao espectro da variação de *modalidade* e de *registro* e (ii) qual o reflexo desse comportamento para o âmbito do ensino. Nesse intuito, foram selecionados gêneros textuais que vão desde os mais representativos da oralidade (tirinhas) até os mais característicos do letramento (teses e dissertações acadêmicas), na tentativa de observar o fenômeno em um breve contínuo de monitoração estilística. As variantes do fenômeno em análise são as já elencadas pela literatura, a saber: (a) o clítico acusativo, variante padronizada, com maior prestígio social, que, como hipótese, deveria alcançar sua mais alta ocorrência nos gêneros mais formais, com nível de subjetividade mais restrito; (b) o pronome lexical, (c) o objeto nulo e (d) o sintagma nominal anafórico, que deveriam atingir maior frequência de uso nos gêneros de caráter mais subjetivo e menor grau de formalidade. Pretendeu-se, assim, verificar quais variantes seriam mais ou menos utilizadas nessa amostra e averiguar que contextos, linguísticos e extralinguísticos, condicionariam a escolha por uma ou outra variante. Esperava-se, com isso, identificar o grau de prestígio associado às formas em variação, o que pode influenciar a avaliação do fenômeno, tanto social quanto escolar mais especificamente. Para além do tratamento estatístico, buscou-se discutir os resultados e, a partir disso, fomentar reflexões para o ensino.

### **Referências bibliográficas**

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo para análise sociolinguística do português brasileiro. In: *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola editorial, 2005, p. 45-52.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; e HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. Revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

## ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO NA FALA BRASILEIRA E PORTUGUESA NO PROJETO CONCORDÂNCIA

Geovane Melo Emidio Sousa  
Maria Eugenia Lammoglia Duarte

O tratamento que as estratégias de indeterminação aponta que existem três pontos de variação entre as formas atestadas no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE). Usando a proposta de Marins, Soares da Silva e Duarte (2015; 2017) ou a de Holmberg (2017), chegaremos aos seguintes pontos de competição: (a) formas em que o falante está *excluído*, representadas pelo clítico *se*, o pronome de 3ª. p.pl. nulo ou expresso e uma estratégia sem qualquer marca, com o verbo na 3ª. p.sg. zero (definidas pelos traços [+3ª. pessoa/+plural]), ilustradas em (1); (b) formas em que o falante está necessariamente *incluído*, podendo ou não incluir o interlocutor: *nós* e *a gente* (definidas pelos traços [+1ª.p. /+pl]), como em (2); e (c) formas em que o falante e o interlocutor podem ou não estar incluídos: *se*, *tu*, *você* e *zero* (definidas pelos traços [3ª.p /+sg]), como em (3).

- (1) a. hoje tudo que **se pede** é um segundo grau né.  
b. agora que **eles tão arrumando** tudo... é muito difícil vaga na escola.  
c. a gente sabe assim... ah **Ø matou** fulano... e quando **Ø mata**, alguém faz alguma coisa.
- (2) a. **nós** temos que procurar sempre dar o respeito...  
b. eu também não posso falar nada, que **a gente** não sabe o dia de amanhã
- (3) a. *é o que mais se vê aí fora... em tudo quanto é lugar é violência né?*  
b. *o conserto é tipo assim: uma semana tu (você) vê uma equipe aqui; na outra, falha.*  
c. pra beber **Ø tem que ter** noção.

O objetivo desta comunicação é trazer uma análise contrastiva do PB e do PE oral, a partir de amostras das duas variedades, recentemente gravadas pelo Projeto Concordância (2009-2010), em duas localidades do Rio de Janeiro e de Lisboa. Apresentaremos os resultados para falantes com nível fundamental, médio e superior de escolaridade. Nosso quadro teórico utiliza o modelo da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov e Herzog 2006 [1968] e a proposta de Kroch (1994), segundo a qual dublês morfológicos que cumprem a mesma função não permanecem no sistema: um deles tende a perder a competição. Consideramos ainda os estudos acima mencionados para caracterizar tais pontos de variação bem como os resultados sincrônicos e diacrônicos, que preveem a conclusão da mudança no PB em direção a *eles*, *a gente* e *você/tu*. Como o PE mantém um sistema de sujeitos nulos consistente, esperamos atestar tanto o clítico *se* quanto formas pronominais nominativas nulas.

### Referências bibliográficas



DUARTE, M. E. L, MARINS, J.E e SOARES DA SILVA, H. *Revisiting Duarte (1995): for a Gradient Analysis of indeterminate Subject in Brazilian Portuguese* in: Diadorim, volume 19 (edição especial), Rio de Janeiro, 2017.

KROCH, A. Morphosyntactic variation, 1994. (MS)

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (trad. de M. Bagno). São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

## **ASPECTOS LINGUÍSTICO-IDENTITÁRIOS E AVALIAÇÃO SUBJETIVA DA ARQUICOMUNIDADE RURAL DO 3º DISTRITO DE NOVA FRIBURGO**

Jaqueline de Moraes Thurler Dália

O trabalho pretende divulgar o levantamento dos aspectos linguístico-identitários realizado na *arquicomunidade* (ECKERT E McCONNELL, 2010) rural do 3º Distrito de Nova Friburgo e a avaliação subjetiva de seus usuários (LABOV, 2008; CARDOSO, 2015). A região é formada por inúmeros aglomerados/bairros rurais (CANDIDO, 2010; COMERFORD, 2005) que funcionam como uma importante comunidade de prática de seus moradores, pois neles partilham-se modos de fazer e conviver (CERTEAU, 2008) e atua-se cooperativamente a partir de interesses comuns. Como campo, foram selecionados seis desses agrupamentos por meio de categorias de ruralidades apontadas pelos próprios informantes. Elas permitiram entender a região como uma *arquicomunidade*, visto que esse espaço rural, devido às características geográficas, sociais e vernaculares, funciona identitariamente como uma comunidade guarda-chuva (ECKERT E McCONNELL, 2010, p.104), abarcando todas as outras possíveis organizações que nela residem. No que se refere à construção e à análise do *corpus* dessa variedade, não se pretendeu, neste momento, dar-lhe um tratamento quantitativo. Buscou-se traçar um panorama morfossintático daquele falar, que até então não havia sido pesquisado, e seus dados mais relevantes serão apresentados, tais como: o emprego de diminutivos, pronomes e preposições e a realização de concordâncias nominais e verbais. As amostras foram colhidas em entrevistas gravadas, baseadas em um roteiro e em uma ficha social, e complementadas com a observação-participante (TARALLO, 2007). Essa convivência trouxe à investigação um caráter etnográfico, que permitiu perceber a língua em real situação de uso, testar hipóteses e confrontar conclusões. Em relação à avaliação, realizaram-se dois tipos de testes: em ausência e com áudio modelo (CARDOSO, 2015). Objetivava-se com eles compreender as crenças e atitudes dos falantes frente ao seu exemplar linguístico isoladamente e em comparação com um modelo urbano de prestígio (LABOV, 2008). Aqui, foi possível concluir que: os falantes mais velhos reproduzem a estigmatização que sofreram, buscando concordância e complementaridade com seu interlocutor (CARDOSO, 2015); os jovens utilizam, como estratégia contra o preconceito, sua capacidade de acomodação e convergência de fala (BORTONI-RICARDO, 2011).

**Palavras-chave:** sociolinguística; avaliação; arquicomunidade.

### **Referências bibliográficas**

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARDOSO, Denise Porto. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.

COMERFORD, John Cunha. Comunidade Rural. In: MOTTA, Márcia. *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ECKERT, Penélope; MCCONNELL, Sally. Comunidade de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

**PREDICADORES VERBAIS IMPESSOAIS *TER* E *HAVER* NO  
CONTINUUM FALA-ESCRITA: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DE  
SEUS USOS EM REPRESENTAÇÕES DA NORMA CULTA**

Deyse Edberg Ribeiro Silva Gama  
Eneile Santos Saraiva  
Maitê Lopes de Almeida

Esta pesquisa é resultado das discussões levantadas na Disciplina Tópicos Especiais (Normas linguísticas e variação estilística: pesquisa e ensino), ministrada pela Profa. Dra. Silvia Rodrigues Viera, do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ, no primeiro semestre de 2018 e tem como objetivo analisar a alternância de uso entre os predicadores verbais impessoais *ter* e *haver* nas modalidades oral e escrita do Português Brasileiro (PB). São propostas reflexões sobre: (i) a constituição dos padrões normativos do PB (ii) fatores que podem influenciar no uso das variantes em estudo e (iii) as contribuições da Sociolinguística à educação, bem como a abordagem da alternância *ter~haver* através dos diferentes gêneros textuais, visto que o estudo da variação é tido como um dos pontos necessários ao ensino de língua em sala de aula, segundo os PCN's (BRASIL, 1998a, p. 29). A hipótese desta pesquisa é a de que o verbo *ter* impessoal é mais utilizado na modalidade oral, uma vez que a escrita se faz mais conservadora e mais resistente à mudança linguística. O *corpus* utilizado na análise é constituído por expressões da norma culta: fala espontânea e textos escritos de diferentes gêneros, em domínios jornalístico e acadêmico. Os resultados são discutidos considerando o *continuum* monitoração estilística (BORTONI-RICARDO, 2005) e tomando como base os pressupostos teóricos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINRICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1994).

**Palavras-chave:** variação linguística; ensino de língua; gêneros textuais.

## Referências bibliográficas

BORTONI-RICARDO, S. M. “A língua portuguesa no Brasil; Um modelo para a análise sociolinguística do português brasileiro”. In: \_\_\_\_\_ *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de M. Bagno; rev. C. A. Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília/ DF MEC, 1998a.

## VARIAÇÃO DE REGÊNCIA DOS VERBOS 'ASSISTIR' E 'IMPLICAR': UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA

Débora de Freitas Dias

O presente trabalho aborda a variação de regência dos verbos '*assistir*' e '*implicar*', escolha que reflete o desejo de que professores e alunos compreendam a realidade linguística como esta se apresenta: híbrida, mutável e heterogênea. Seguindo os preceitos de Labov (2008) e outros autores, esse estudo se fundamenta na Sociolinguística, corrente linguística para a qual a variação é inerente a todas as línguas naturais. Além disso, na interface com o ensino de Língua Portuguesa, a proposta se apoia nos fundamentos de Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), que estabelece *contínuos* como forma de distribuição das variedades: o *continuum* rural-urbano, o de oralidade-letramento e o da monitoração estilística, almejando a construção de um modelo que comporte o conjunto de variedades que compõe o mosaico linguístico brasileiro. Dentro desse panorama, a pesquisa objetiva o confronto entre Gramáticas Normativas e recentes Gramáticas de cunho majoritariamente descritivo, visando refletir sobre o comportamento variável das regências verbais e tornando viável o questionamento das diferentes acepções pregadas por cada um desses suportes, observando o tratamento estritamente gramatical no primeiro caso, e uma análise mais propriamente linguística, no segundo caso. Para exemplificar esse comportamento, serão exploradas *reportagens* e *crônicas* dos jornais *O Globo* e *Extra*, contrapondo estilos mais e menos monitorados, respectivamente. Embora haja expectativa de que eles veiculem o uso da chamada língua padrão, pode-se perceber que a depender do público-alvo (o primeiro se destina a um público de mais prestígio, e o segundo a um público de menos prestígio), do estilo em que se encontra o texto, dentre outros fatores, verificam-se mudanças significativas na regência. Portanto, o trabalho visa contribuir para a implementação de um ensino mais democrático nas escolas, compreendendo que só assim, poderá ser feito um levantamento justo e que abarque a realidade linguística multifacetada constitutiva da sociedade.

**Palavras-chave:** sociolinguística; regência verbal; variação e ensino.

## Referências bibliográficas

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

## **ORDEM, ENSINO E VARIAÇÃO: UMA ANÁLISE INICIAL**

Stephanie Valle de Souza Chalfun

O presente trabalho aborda o tema da variação da ordem do sujeito e temas a ele relacionados – como a concordância e a pontuação –, considerando propostas e materiais relacionados ao ensino de Língua Portuguesa no cenário brasileiro atual.

Esse estudo tem como objetivo refletir sobre como alguns materiais didáticos (livros e apostilas) lidam com os padrões de ordem da sentença em sala de aula (passando por temas como a concordância e pontuação). Sendo assim, nosso objetivo é apresentar a forma com que os livros didáticos abordam essas estruturas, confrontando-a a alguns estudos científicos (Pilati, 2017; Oliveira e Quarezemin, 2016; Palomanes e Bravin, 2012). Em um segundo momento do trabalho, pretendemos apresentar, ainda que de maneira preliminar, os padrões de ordem do sujeito, aliados aos temas da concordância e pontuação, produzidos por alunos de um pré-vestibular comunitário, em redações escolares antes e depois de uma aula sobre ordem do sujeito e pontuação. Para tal atividade, baseamo-nos em dois eixos de trabalho propostos (Franchi, 2006), a saber: (i) análise linguística e epilinguística de fenômenos gramaticais. Dessa forma, nesses moldes, estaremos realizando, em sala de aula, atividade reflexiva e atividade epilinguística da língua. Nossa intenção é suscitar debates acerca da temática “ordem” em geral, com o intuito de formular as novas questões científicas já em desenvolvimento em pesquisa com dados atuais. Nossa hipótese é a de que, com base na reflexão e análise da ordem dos constituintes em redações escolares, será possível, futuramente, avaliar em que medida os padrões de ordem do sujeito são importantes na construção de uma aprendizagem ativa, como postula (Pilati, 2017).

### **Referências bibliográficas**

FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, Roberta Pites de; QUAREZEMIN, Sandra. *Gramáticas na escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PALOMANES, Roza; BRAVIN, Ângela Maria. *Práticas de Ensino do Português*. São Paulo: Contexto, 2012.

PILATI, Eloisa. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. São Paulo: Pontes Editores, 2017.

# **O FENÔMENO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL NA ESCRITA DE APRENDIZES DO EF II DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE TRÊS REGIÕES DO RIO DE JANEIRO**

Mara Pereira Mariano

A concordância nominal é um fenômeno linguístico bastante estudado por diversos pesquisadores e, normalmente, é considerado um fenômeno que se enquadra na regra variável de Labov (LABOV, 2003). Em um contexto de variação, há variantes que alternam entre si, mas que apresentam o mesmo valor referencial. No caso da concordância de número, são as variantes <os> e <s> que se alternam, sendo esta prestigiada socialmente, enquanto aquela é considerada erro e sinal de não saber falar português (*os menino*s x *os meninos*). A fim de observar essa variação na escrita de aprendizes do EF II, a presente pesquisa fez uma análise atomística, isto é, estudou o comportamento de cada elemento que formava os sintagmas nominais simples presentes em redações de alunos da rede pública e privada de diferentes áreas da cidade do Rio de Janeiro. Essas áreas são compostas por bairros que apresentam proximidade espacial e especificidades urbanas semelhantes, e se diferenciam em relação às questões socioeconômicas. Ao todo, analisaram-se 469 produções textuais e encontraram-se 4.047 dados em que apenas 108 elementos não apresentaram a marca formal de número (2,7%) contra 3.939 dados com a marca -s de plural (97,3%). Portanto, nessa pesquisa, a concordância nominal pôde ser considerado um fenômeno que se enquadra na regra do tipo II (regra semi-categórica) proposta por Labov (LABOV, 2003). Objetivo dessa apresentação, então, será mostrar que fatores de ordem linguística e extralinguística interferiram na presença da variante zero. Além disso, será possível refletir acerca do estigma social sobre essa variante na modalidade escrita da língua.

## **Referências bibliográficas**

MARIANO, Mara Pereira. *O fenômeno da concordância nominal em redações escolares*. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)* - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 1994.

\_\_\_\_\_. *Reanálise da concordância de número em português* – Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988. Em dois volumes com 555p. mimeo.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Mudanças sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 85-102.

## **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E GÊNEROS TEXTUAIS-DISCURSIVOS EM AMBIENTE DIGITAL: SUJEITO, OBJETO DIRETO, BLOGS E WHATSAPP**

Profa. Dra. Vera Lúcia Paredes Silva  
Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro

O surgimento dos gêneros textuais-discursivos em ambiente digital tem levantado novas questões para os estudos linguísticos. Já se verificou, por exemplo, que as interações pela Web seguem padrões diferentes daqueles tipicamente associados à escrita ou à oralidade (Paredes Silva, 2017). Apresentamos, pois, resultados de análises recentes sobre a expressão variável do sujeito de primeira pessoa do singular e do objeto direto de terceira pessoa em gêneros em ambiente digital. Ambos os fenômenos foram investigados por uma perspectiva discursivo-funcional, e os resultados, comparados a análises variacionistas anteriores dos mesmos fenômenos, na fala e na escrita. Nosso principal objetivo é ressaltar a natureza híbrida dos gêneros na Web 2.0 a partir da variação em nível morfossintático. Em relação ao sujeito, comparamos os dados de blogs de viagem, analisados por Lima (2014) – nos quais autores compartilham suas experiências pessoais, o que faz prevalecer a primeira pessoa do singular –, com os de cartas pessoais, analisados por Paredes Silva (1988). Encontramos uma coincidência de frequência em ambas as investigações: 77% de zeros e 23% de pronomes, resultados distintos de pesquisas sobre oralidade. Além disso, as mesmas variáveis foram selecionadas pelo Goldvarb nas duas amostras: ambiguidade contextual, conexão discursiva e ênfase. Em relação ao objeto direto, contrastamos dados de conversas privadas de WhatsApp, analisados por nós, a dados de fala e escrita, analisados, respectivamente, por Corrêa (1991) e Averbug (2000). Também comparamos as variáveis investigadas para o WhatsApp com aquelas controladas por Pinheiro (2016) para entrevistas sociolinguísticas orais com jovens cariocas internos em regime socioeducativo. Concluímos que, no WhatsApp e na oralidade, a anáfora zero é a variante mais frequente (mais de 60% nas duas amostras), em contraste com dados de escrita (23%). Além disso, tanto no WhatsApp, quanto nas entrevistas, as variáveis animacidade, distância entre as menções e a manutenção ou não da função sintática foram consideradas pelo Goldvarb como relevantes para essa variação. Acreditamos que esses resultados destacam a natureza híbrida dos gêneros em ambiente digital e apontamos, assim, para a crescente demanda de investigações sobre os gêneros textuais-discursivos na Web 2.0.

### **Referências bibliográficas**

AVERBUG, Mayra Cristina Guimarães. *Objeto direto anafórico e sujeito pronominal na escrita de estudantes*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

CORRÊA, Vilma Reche. *Objeto direto nulo no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de Campinas, 1991.

LIMA, Yalis Duarte Rodrigues. *A variação do sujeito de primeira pessoa do singular no gênero blog*. Monografia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, mimeo, 1988.

\_\_\_\_\_. Gêneros digitais: o hibridismo de fala e escrita. *GRATO 6th International Conference on Grammar and Text*, Universidade Nova de Lisboa, mimeo, jun-2017.

PINHEIRO, Andrei Ferreira de Carvalhaes. A primeira parte de um estudo sobre a expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa: a fala de jovens cariocas em regime socioeducativo. *Linguística Rio*, v. 2, pp. 5060, 2016.

## OBJETO DIRETO ANAFÓRICO RETOMANDO UM SN NO PROJETO CONCORDÂNCIA

Thiago Nascimento de Melo  
Maria Eugênia Lammoglia Duarte

Desde o trabalho de Omena (1978), o objeto anafórico tem sido apontado como uma característica distintiva do português do Brasil (PB) no contexto das línguas românicas. Este é um fenômeno atestado na fala de inúmeras regiões do país (Duarte e Ramos 2015) e em análises diacrônicas (Cyrino 1994; Marques de Sousa 2017), entre outros. Apesar de boa parte dos estudos distinguirem os objetos com antecedente oracional (cf. 1) dos que retomam um SN, não é frequente a distinção entre os que funcionam como objeto direto (cf. 2) e os que são sujeitos marcados com caso acusativo (cf. 3). Um outro fator que controla a distribuição do objeto é a função do seu antecedente – seja dentro do mesmo período, como sujeito ou complemento, seja fora dele, como tópico discursivo (cf. 4). Acrescido a isso, tem-se o traço semântico do antecedente [+/-humano], [+/-animado], [+/-específico], como proposto por Cyrino, Duarte e Kato (2000) em sua hierarquia referencial. O propósito deste trabalho é trazer um pouco mais de informações sobre a distribuição do objeto anafórico que retoma um SN, comparando amostras de fala brasileira (PB) e portuguesa (PE), gravadas pelo Projeto Concordância (anos 2009-2010), em duas localidades do Rio de Janeiro e de Lisboa, a partir do quadro teórico utilizado por Marques de Sousa (2017). O autor aplica a Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog 2006 [1968]), utilizando o tratamento gramatical apresentado por I. Duarte e Costa (2013), que evidencia a relevância dos fatores estruturais apresentados. Esperamos encontrar nas duas variedades resultados semelhantes aos encontrados na última sincronia analisada por Marques de Sousa, em peças de teatro, que revelam dois sistemas distintos (a) em relação ao uso do clítico acusativo, robusto no PE e em extinção no PB; (b) em relação ao modesto uso do pronome nominativo em função acusativa (ele) no PB, condicionado à estrutura da sentença associada ao traço [+humano] do antecedente, ausente no PE; e (c) um uso discreto do objeto nulo no PE, licenciado e identificado por um tópico proeminente no PE, e um uso pouco sujeito a restrições no PB.

- (1) a. aí quando chegou lá na frente aí os cara perceberam Ø e vieram atrás dele
- (2) a. no joelho eu podia fazer certos exames mas não autorizou Ø eu não podia fazer Ø
- (3) a. acho **ele** um estadista bom
  - b. então é engraçado ouvir **ela** falar
  - c. eles usam esse dinheiro que você dá é pra sustentar o vício deles, o que mata até a fome, que não **os** faz sentir fome”
- (4) a. nós tivemos as diretas já ... mas tentam abafar Ø o máximo possível
  - b. tudo o que meus pais me ensinaram... eu procuro passar pros meus filhos ... TUDO... não tem nada que eu não deixe de ensiná-**los**”

## O SUJEITO DE REFERÊNCIA DEFINIDA E O DESLOCAMENTO À ESQUERDA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE PE E PB NA AMOSTRA CONCORDÂNCIA

Eduardo Patrick  
Maria Eugênia Lammoglia Duarte

Uma das questões mais caras ao estudo da mudança linguística, dentro do modelo de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), é a do “encaixamento”, que busca responder, do ponto de vista estrutural, que efeitos determinada mudança provoca no sistema de forma “não acidental”. Ancorando-se na hipótese de que o Português Brasileiro (PB) passou pela remarcação no valor do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), de positivo para negativo (Duarte, 1995), e de que o Português Europeu (PE) mantém seu estatuto de língua de sujeito nulo “consistente” (Roberts e Holmberg, 2010), este trabalho objetiva, primeiramente, mostrar diferenças quantitativas e qualitativas que distinguem a expressão do sujeito de referência definida na fala de indivíduos portugueses e brasileiros, com base em amostras mais recentes. A partir desses resultados, apontamos o comportamento de uma das estruturas de tópico marcado, a que chamamos de Deslocamento à Esquerda (DE), mostrando que sua ocorrência, em ambas as variedades, apresenta diferenças não apenas quantitativas como também qualitativas: enquanto no PB, corroboramos a hipótese de Duarte (1995), para quem as nossas DE’s se configuram como um subproduto da remarcação do valor do PSN, (1), no PE, verificamos que elas se constituem em uma estratégia sujeita a mais restrições, que veicula hesitação ou ocorre com um DP distante, definido, humano, (2):

- (1) [A convivência social]<sub>i</sub> **ela**<sub>i</sub> refreia a violência
- (2) [O meu filho]<sub>i</sub>, quando entrou agora para o quinto ano, **ele**<sub>i</sub> dava ene erros.

Os dados analisados foram coletados da amostra do PROJETO CONCORDÂNCIA, com entrevistas gravadas entre 2009 e 2010, que englobam falantes de duas localidades de Lisboa e Rio de Janeiro - Oeiras e Cacém; Copacabana e Nova Iguaçu, respectivamente – estratificados segundo a faixa etária, nível de escolaridade e gênero. Os pressupostos teóricos norteadores da pesquisa se fundamentam na associação entre a Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]) e a Teoria dos Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981; 1995): enquanto a primeira cede subsídios para tratarmos do fenômeno da variação e mudança linguística, mostrando os passos da investigação; a segunda fornece uma completa descrição das propriedades que caracterizam o PSN, auxiliando na aplicação do modelo de mudança, desde o levantamento de hipóteses, o estabelecimento dos grupos de fatores até a interpretação dos resultados. A metodologia segue a orientação do modelo variacionista.

### Referências bibliográficas

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.



DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. Introduction: parameters in minimalist theory. In: BIBERAUER, T. HOLMBERG, A. ROBERTS, I. & SHEEHAN, M. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: CUP, 2010. p. 1-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para o estudo da mudança linguística*. (Trad. de Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2006. [Eds.,ing., 1968]

## **AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO PENDENTE COM RETOMADA NA ESCRITA CULTA BRASILEIRA: SUJEITO NULO X SUJEITO PREENCHIDO**

Mônica Tavares Orsini

Na escrita culta brasileira, predominam, no que tange à estrutura da sentença, construções do tipo sujeito – predicado. No entanto, é possível identificar a presença de sentenças organizadas em torno das categorias tópico e comentário. Este estudo focaliza uma das estratégias de tópico marcado, denominada tópico pendente com retomada (cf. ARAÚJO, 2006), em que o tópico é introduzido por locução prepositiva “quanto à” ou termo equivalente, sendo retomado no comentário por um correferente expresso ou nulo. Como a correferencialidade pode ser estabelecida em diferentes posições sintáticas no comentário, elegemos a posição de sujeito, visto identificarmos a possibilidade de alternância entre sujeito preenchido e sujeito nulo, como se verifica, respectivamente, em (1) “[Quanto à imprensa]<sub>i</sub> [ela]<sub>i</sub> deve ser livre, inclusive para que possa alertar a sociedade sobre esses riscos.” e (2) [Quanto aos escândalos de pedofilia nas igrejas irlandesa e americana]<sub>i</sub>, [ ]<sub>i</sub> vinham de décadas.” Assim, pretendemos investigar a ação de fatores de natureza sintática e/ou semântico-discursiva que possam favorecer a construção de tópico pendente com retomada com sujeito expresso, além da interferência do grau de formalidade de diferentes gêneros textuais do domínio midiático (cf. BORTONIRICARDO, 2005). A amostra constitui-se de 1.456 textos publicados nos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, no interstício 2009-2015, contemplando cinco gêneros textuais distintos: editorial, artigo de opinião, reportagem, crônica e carta de leitor. A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1991), em particular na forma como o PB marca o Parâmetro do Sujeito Nulo, já que a variação entre sujeito preenchido e nulo, na construção em foco, parece ser reflexo da remarcação desse parâmetro no PB oral (cf. KATO e DUARTE, 2014). Segue a metodologia proposta pela Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006[1968]). Resultados preliminares apontam que a variação entre sujeito expresso e categoria vazia é determinada por fatores como relação semântica entre tópico e correferente, configuração sintática da construção em que as categorias tópico e sujeito se encontram, função discursiva da construção de tópico e natureza do correferente.

### **Referências bibliográficas**

ARAÚJO, Edivalda Alves. *As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva*. Tese de doutoramento. Universidade Federal da Bahia, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação*. SP: Parábola, 2005.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

KATO, Mary & DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro. *Veredas (UFJF. Online)*, v. 18, 2014, p. 1-22.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Revisão Técnica de Carlos Alberto Faraco. Posfácio de Maria da Conceição e Maria Eugênia Lammoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

## **O PRONOME SE NA SÓCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS POPULAR DO BRASIL: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO E SOCIOFUNCIONALISTA DO VERNÁCULO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO RIO DAS RÃS**

Jádilla Leite Moreiar  
Jorge Augusto Alves da Silva

O presente estudo, ainda em andamento, pautado na Sociolinguística Variacionista e Sócio-histórica bem como nos postulados do Sociofuncionalismo, propôs-se a investigar um fenômeno linguístico o qual tem sido alvo da atenção de autores tais como Nunes (1995), Rocha (1999), Camacho (2003) e Mello (2009): o pronome reflexivo SE. Defendemos que a variedade da Língua Portuguesa, falada atualmente pela maioria da população brasileira, a *variedade popular*, formou-se a partir do contexto de “multilinguístico generalizado” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 14) que permeava o Brasil nos primeiros séculos de colonização. Esse multilinguismo evidente nos tempos do Brasil Colônia teve como consequência mais direta a formação de uma variedade de língua resultante do contato entre línguas indígenas e africanas e a língua do colonizador (o Português) que constituíram nossa cultura nacional. Destarte, considerando o contexto sócio-histórico da formação do português popular e procurando contribuir para sua melhor caracterização no que tange ao pronome SE reflexivo, objetivamos analisar o funcionamento do clítico SE em estruturas tradicionalmente classificadas como reflexivas, dando ênfase a variação entre a realização e o apagamento. Em decorrência disso, vamos (a) descrever os condicionantes (linguísticos e extralinguísticos) que contribuem para a realização e sua consequente omissão no Português Popular da comunidade quilombola de Rio das Rãs, distrito de Bom Jesus da Lapa-BA, levando em consideração os percentuais e os pesos relativos que revelam fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais) que estariam condicionando a realização ou o apagamento do *SE reflexivo*. Para fins desta pesquisa, vamos controlar, em termos variacionistas (LABOV, 1972), a realização do pronome. Para tal pesquisa, comparamos os trabalhos que versam sobre o português popular rural do Brasil, tal como fez Souza (2011), que na sua dissertação intitulada como *As estruturas reflexivas do português Afro-brasileiro* se insere na tradição dos que admitem a hipótese de certos fenômenos do PB serem decorrentes de contextos que admitem contato entre línguas no Brasil. Neste trabalho de natureza qualitativa, amparado dos pressupostos teóricos e das ferramentas metodológicas de orientação laboviana, utilizamos o *corpus* cedido por outro

pesquisador, Lécio Assis, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística pela UESB, membro do Grupo Janus, constituído por informantes da comunidade quilombola de Rio das Rãs, que foram divididos segundo os critérios *sexo, faixa etária (jovens, adultos e idosos) e com pouca ou nenhum escolarização*. Os resultados preliminares sinalizam que, a preferência dos falantes do Português Popular do Quilombo do Rio das Rãs é pelo apagamento do clítico.

**Palavras-chave:** clítico se; realização/apagamento do se; português popular; sócio-história; quilombo.

### **Referências bibliográficas**

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (2004). *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.

SOUZA, Jurgen Alves de. *As estruturadas reflexivas no português afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

TEIXEIRA, Jodalmara Oliveira Rocha. *O clítico SE no Português Popular e Culto de Vitória da Conquista: uma análise sociolinguística e sociofuncionalista*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

## O QUE FAZER QUANDO CHOVEM IDEIAS? A TEMPESTADE MENTAL APLICADA À LEITURA E À PRODUÇÃO DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS

Caio Mieirol Mendonça  
Eliete F. Batista da Silveira

A ausência de planejamento sistematizado do texto argumentativo escrito interfere diretamente na qualidade da sua organização, bem como na própria argumentação proposta. É necessária, portanto, a elaboração de didáticas de construção daquele tipo de texto que incluam o seu planejamento. Partindo da tempestade mental (*brainstorming*) como estratégia-base para o ensino da produção de textos argumentativos, propõe-se aqui apresentar uma metodologia didática focalizada naquela estratégia, bem como os seus resultados na escrita desse tipo de texto. Este trabalho é uma proposta incipiente, aplicada no curso de Redação dos Cursos de Línguas Abertas à Comunidade (CLAC UFRJ), com objetivos de esquematizar o processo de planejamento e de fomentar a prática de atividades frequentes, ordenadas e conscientes de organização textual. A pesquisa é subsidiada pelos pressupostos da Linguística do Texto e da Metacognição. O que se atestou até agora são manifestações de processos regulares de ordenação de ideias durante a tempestade mental. Os resultados alcançados revelam a efetividade da metodologia para a produção do texto argumentativo. Os dados produzidos a partir dessas manifestações serão expostos ao longo da apresentação. Serão também exibidos gráficos que ilustram as etapas de realização da estratégia e um modelo formulado a partir das análises do processo. As referências teóricas que orientaram este trabalho são: CABRAL (2013); FIGUEIREDO & FERREIRA (2016); KOCH (2000); KOCH (1993); KOCH & ELIAS (2016); OSBORN (1957); REBOUL (2004); e SANTOS & FERREIRA (2017).

**Palavras-chave:** ensino; planejamento; argumentação; tempestade mental.

## AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA LEGITIMAR O DISCURSO NA NOTÍCIA

Clarice de Matos Oliveira  
Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome  
Ana Cláudia Peters Salgado

O presente trabalho tem como objetivo analisar a forma como foi construída uma notícia publicada no jornal *on-line* “Tribuna de Minas”, que utilizou outros textos para legitimar/oficializar a informação nela divulgada. Para análise, foi selecionada uma notícia; esse gênero textual aqui em destaque é importante para as análises que serão apresentadas, uma vez que pensar sobre o objetivo desse texto pode nos auxiliar nas justificativas sobre os discursos que foram entextualizados nessa notícia. Essa matéria colocou em foco o baixo desempenho dos alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental em leitura e em Matemática na cidade de Juiz de Fora. A notícia analisada neste trabalho apresenta marcas que Blommaert (2005) denomina de entextualização ou

recontextualização. Esses conceitos tratam dos discursos que são entextualizados e recontextualizados em um novo discurso, ou seja, esse novo discurso é um novo texto que funciona em um contexto diferente de sua produção original. Desse modo, a partir da notícia selecionada para análise serão apontadas as estratégias que esse jornal utilizou para conferir um “tom oficial” para o que foi relatado nesse texto, ou seja, para transmitir confiabilidade sobre o fato noticiado.

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. De Maria E. Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 1997.

BARBOSA, J. P. *Notícia* (Coleção trabalhando com os gêneros do discurso: relatar). São Paulo: FTD, 2001.

BAUMAN, R; BRIGGS, C. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Trad. Vânia Z. Cardoso. In: *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, SC, v. 8, n1-2, p. 185-229. 2006.

BENASSI, M. V. B. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: *Celli – colóquio de estudos linguísticos e literários*. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1791-1799.

BLOMMAERT, J. Text and Context. In: *Dicourse: A critical Introduction*. Cambridge: CUP, 2005.

CARVALHO, R; CAPETTI, P. Avaliação mostra insuficiência de alunos na leitura e na matemática. In: *Tribuna de Minas*. 2018. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/10-06-2018/avaliacao-mostra-insuficiencia-de-alunos-na-leitura-e-na-matematica.html>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

LAGE, N. *Linguagem jornalística*. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Processos de compreensão. In: *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

SILVA, D. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. In: *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2014.

### **REFERENCIAÇÃO EM ENTREVISTAS IMPRESSAS**

Dennis Castanheira

Esta comunicação tem como objetivo geral discutir o uso de estratégias de referenciação em entrevistas impressas publicadas em 2018 nas revistas Exame e Veja. Para isso,

recorremos aos pressupostos teóricos da Linguística do Texto e do Funcionalismo Norte-Americano. Essa perspectiva de interface, ainda pouco explorada nos estudos linguísticos, é pautada em um olhar baseado no uso e centrado em aspectos pragmáticos. Sob um olhar sociocognitivo e interacional, nesta pesquisa, consideramos que os sentidos são co-construídos e, conseqüentemente, os referentes são negociados no momento da interação. A referenciação envolve um complexo processo de ativação e reativação de objetos de discurso em que estão presentes elementos linguísticos, visuais, cognitivos e sociais. Destacamos, dentro do “quadro” da referenciação, especificamente, as estratégias de encapsulamento anafórico (FRANCIS, 1994; CONTE, 1996). Como grupos de fatores, pretendemos observar a relação entre os encapsulamentos e os graus de subjetividade, bem como as anáforas encapsuladoras e os temas das entrevistas. A escolha do gênero textual está relacionada ao fato de não existirem muitos trabalhos sobre referenciação nesse gênero. Segundo Santos, Cruz e Antunes (no prelo), as entrevistas são de difícil definição, pois apresentam diferentes possibilidades de realização, incluindo diferentes modalidades e variados subtipos (cf. HOFFNAGEL, 2002). Essenfelder (2005) defende a heterogeneidade das entrevistas, ressaltando que, em alguma medida, elas ocorrem com todos em situações corriqueiras, como pedir uma informação sobre um produto em uma loja ou ser sabatinado ao pleitear uma vaga num emprego. Esta apresentação, então, visa a mostrar o uso das anáforas encapsuladoras a partir de aspectos discursivos, ressaltando seu papel na co-construção dos sentidos do texto.

### **Referências bibliográficas**

CONTE, M. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B; CIULLA, A. (orgs.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003.

FRANCIS, Gill. (2003). Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M.M.; BIASI-RODRIGUES, B; CIULLA, A. (orgs.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003.

ESSENFELDER, R. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem/ReVEL*. v. 3, n. 4, mar. 2005.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. A. (org.) *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010 [2002]. p. 195-208.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. *et al.* (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

SANTOS, L. W.; CRUZ, W.; ANTUNES, V. Oralidade e gêneros textuais orais em sala: uma questão ainda pouco falada, [no prelo].

### **UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO USO DOS ADJETIVOS EM JORNAL DE LÍNGUA PORTUGUESA E EM JORNAL DE LÍNGUA FRANCESA**

Fabiana Gomes Carvalho

Esta pesquisa é uma análise comparativa do uso dos adjetivos em dois jornais, um em língua portuguesa e o outro em língua francesa. Para tal comparação foram escolhidos os jornais Folha de São Paulo e *Le Monde*, ambos com notícias atuais, cuja temática é de cunho global. Abordaremos, descritivamente, o uso dos adjetivos nas duas mídias jornalísticas propondo um estudo discursivo dessa classe de palavras. Para tanto, lança-se mão da teoria da referenciação no que tange à posição tópica do adjetivo no projeto de dizer do texto, aos encapsulamentos de ideias trazidos pelos adjetivos, dentre outras retomadas predicativas possíveis encontradas no *corpus*. Com isso, constatamos as possíveis mudanças de concepção do adjetivo, identificando as diferentes visões expressas em onze gramáticas analisadas das duas diferentes línguas. O *corpus* selecionado corresponde a três pares de reportagens completas (título principal ou manchete, *lead* e corpo da notícia) de cada jornal, totalizando seis textos das mídias jornalísticas. O objetivo desta pesquisa é verificar de que forma, discursivamente, o adjetivo é, de fato, utilizado, verificando diferenças e semelhanças entre as duas línguas e, sobretudo, o efeito semântico-discursivo desses usos no texto jornalístico. Procedeu-se a uma análise qualitativa, pois avaliou-se o contexto de uso dos adjetivos encontrados. Além disso, propôs-se uma análise quantitativa, para levantar o número percentual de uso nos diferentes contextos, considerando as posições, anafórica e catafórica, dos adjetivos encontrados. A partir das análises dos adjetivos encontrados nessa pesquisa, conseguimos separá-los e classificá-los em cinco categorias, a saber: 1ª morfossintática, 2ª semântico-discursiva, 3ª tamanho do sintagma, 4ª gênero e 5ª tipo semântico do adjetivo. Destacamos alguns resultados dessa pesquisa como: 1) a classe do adjetivo nas duas línguas revela, argumentativamente, a posição assumida por cada enunciador, e em cada discurso, por exemplo; 2) há um uso expressivamente maior de adjetivos na língua francesa; 3) a posição majoritária dos adjetivos, em ambas as línguas estudadas, é postposta a seu referente.

**Palavras-chave:** adjetivos; mídia jornalística; referenciação; língua francesa; língua portuguesa; predicação.

## **REGULARIDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: MATERIALIZAÇÃO NO TEXTO ESCRITO**

Felipe de Andrade Constancio

Desde a década de 1980 do século passado, foram iniciados e concluídos muitos estudos em torno do chamado português brasileiro culto falado. Em quase quatro décadas de estudos, são vistas poucas iniciativas descritivas acerca do português brasileiro culto escrito. O trabalho ora proposto surge como mais um investimento potencial na descrição dos *corpora* que circulam no território da literatura e da mídia, ambas pós-modernas e portadoras de peculiaridades, cujos registros escritos englobam o que se costuma denominar português brasileiro. A proposição de um trabalho descritivo, que leve em conta a sistematização e a regularização das categorias de língua em textos escritos, incide, sobretudo, nas unidades do léxico e da sintaxe, no sentido de que essas unidades tendenciam a formação dessa língua particular no seio da lusofonia. Nos domínios da sintaxe do português brasileiro, não faltam exemplos acerca de colocação pronominal, concordância e regência, cuja manifestação aponta para a estabilização de uma língua culta em formação nos centros urbanos. Para nortear as discussões ora propostas, valemos dos direcionamentos da perspectiva sociofuncional, que vê na língua o potencial de

mudança e, ao mesmo tempo, vê o potencial de reanálise das categorias de língua. Pela perspectiva sociofuncional, são revisitados binômios conceituais como norma padrão e norma culta, tão caros aos estudos de língua nos dois últimos séculos da gramaticografia brasileira.

**Palavras-chave:** culto; escrita; português.

## **AS COORDENADAS DÊITICAS NA ORGANIZAÇÃO DO TEXTO NARRATIVO**

Fernanda Gonçalves de Laia

Esta comunicação parte das discussões teóricas relativas ao estudo da dêixis e do centro dêítico a partir do pressuposto de que, no processo de compreensão leitora, o sujeito leitor/ouvinte configura os acontecimentos por meio das coordenadas pessoais e espaço-temporais das cenas. Para tanto, nosso trabalho está fundamentado nas teorias sobre dêixis e centro dêítico propostas por Benveniste (1995), Levinson (2007), Lyons (1977) e Rapaport et al (1994). Acreditamos que, por meio da produção e da transformação dos acontecimentos na narrativa, as personagens movem-se e interagem nos espaços e, em consequência disso, o centro dêítico também se movimenta no espaço e no tempo da narrativa. Dessa forma, conforme os acontecimentos são desencadeados, as circunstâncias são geradas e configuradas de acordo com os episódios descritos, contribuindo para a compreensão dos fatos. No âmbito da compreensão leitora, consideramos que o sujeito leitor/ouvinte transpassa os limites das expressões textuais, pois relaciona as informações dadas pelo narrador a seu conhecimento de mundo, desenvolvendo uma imagem mental a respeito da personagem, do espaço e do tempo, associando-a com o mundo real. Nesse sentido, o centro dêítico é um processo cognitivo que auxilia a compreensão do texto narrativo, visto que os acontecimentos descritos desenrolam-se face ao leitor, isto é, o leitor estabelece representações mentais do texto e manifesta uma perspectiva sobre personagem, narrador, espaço e tempo, realizando relações com os elementos que constroem a história como o QUEM, o AQUI e o AGORA. Dessas considerações gerais, este trabalho objetiva analisar como o centro dêítico é controlado através de coordenadas que revelam um QUEM, um ONDE e um QUANDO, que, orientadas por elementos dêíticos, possibilitam que as informações fornecidas sejam compreendidas. Como resultado preliminar, destacamos que os eventos narrativos são produzidos e transformados conforme a manifestação de elementos referenciais. Sendo assim, esta comunicação insere-se no simpósio “Estudos do texto, interação, cultura e cognição”.

## ***NINGUÉM FALA ASSIM! REALIDADE E IDEALIZAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DA FALA ESPONTÂNEA***

Felipe Goulart  
Maria Helena de Moura Neves

Os estudos da oralidade têm, ao longo das últimas décadas, oferecido à comunidade científica uma descrição sólida e detalhada do funcionamento da comunicação oral (Preti, 2003, 2011; Preti e Urbano, 1990; Leite e Callou, 2002; Chafe, 1980, 1994; Ilari e Neves,



2008). Esse ramo da linguística já reuniu diversos dados relacionados às especificidades fonéticas, morfo sintáticas e discursivas da língua falada, frequentemente indicando a existência de uma diferença entre a forma como as pessoas acreditam falar e a forma como elas falam de fato. Esse banco de informações parece viabilizar a tarefa de selecionar uma variedade linguística e verificar até que ponto ela se aproxima ou se distancia daquilo que os linguistas vêm demonstrando ser a língua falada real. É justamente isso que se pretende realizar neste trabalho, sendo as variedades selecionadas para esse fim: (i) a língua falada em filmes, seriados, novelas e afins, isto é, a fala da ficção audiovisual; (ii) a língua falada em pegadinhas e em outros gêneros supostamente não roteirizados. Tendo como principal referência de fala espontânea e pouco monitorada as amostras de interação do *corpus* de Iboruna, pretende-se determinar até que ponto pretensas representações da fala espontânea realmente a representam, e, por consequência, obter pistas quanto aos traços que denunciam a artificialidade de uma produção roteirizada. A investigação será predominantemente direcionada a três aspectos de (potencial) discrepância entre a fala espontânea efetiva e a fala roteirizada: as minúcias do fluxo de informação, isto é, os detalhes da negociação que fazem falante e ouvinte de blocos informativos dados, acessíveis e novos; a configuração das descontinuidades linguísticas, isto é, a frequência e a distribuição de hesitações e interrupções, que são um fenômeno intrínseco da língua falada; e, finalmente, a frequência e a distribuição de disputas por turnos conversacionais, ou seja, de instâncias em que dois (ou mais) interlocutores falam ao mesmo tempo em uma tentativa de tomar para si a palavra.

### **Referências bibliográficas**

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: Wallace L. Chafe (ed.). The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production (advances in discourse processes, vol. III). Norwood, N.J.: Ablex, 1980.

\_\_\_\_\_. Discourse, consciousness and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.) Gramática do Português Culto Falado no Brasil. v. II. Classes de Palavras e Processos de Construção. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. Como falam os brasileiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

PRETI, Dino (org.). Interação na fala e na escrita. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

\_\_\_\_\_. (org.). Variações na fala e na escrita. São Paulo: Humanitas, 2011.

PRETI, Dino; URBANO, Udinilson (orgs.). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Vol. IV – Estudos. São Paulo: T. A. Queiroz, FAPESP, 1990.

**A CONSTITUIÇÃO DA REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS DE  
IDOSOS CARIOCAS E ALUNOS DA EJA DE UMA COMUNIDADE RURAL  
DE MATO GROSSO**

Leila Figueiredo de Barros  
Maria Teresa Tedesco

A presente pesquisa está inserida nos estudos da linguística textual e na sociolinguística variacionista, tem como objetivo compreender o processo de referência em narrativas orais em dois *corpus* bem distintos e significativos. O primeiro corpus da pesquisa é constituído por alunos de escola pública rural que contempla o ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos), localizada no município de Livramento no Estado de Mato Grosso-Brasil, com idade de (60) anos, e que vivem no Estado de Mato Grosso há mais de 40 anos. O segundo corpus da pesquisa é formado por idosos com idade também a partir de sessenta (60) anos e que nasceram ou vivem em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro, há mais de quarenta (40) anos. Diante disto, busca-se estudar a heterogeneidade linguística desses distintos grupos sociais, inseridos em suas práticas sociais e culturais, de modo à observar e analisar as variações linguísticas e (re)construção de objetos discursivos que interferem nas relações interdiscursivas destes interactantes. O estudo dialoga com os trabalhos desenvolvidos pelo projeto NURC, com base nas cidades Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife. Os pesquisadores do NURC analisaram a linguagem de pessoas graduadas na década de 70 e 90. A contribuição base deste estudo é a parceria estabelecida entre Brasil e Alemanha – UERJ e HAIDEBERG com o projeto chamado Varia-Idade (Comunicação entre geração: Estratégias linguísticas e discursivas na idade maior. O estudo é uma parceria cooperativa entre a Universidade de Heidelberg, Alemanha, representada pelo Seminário de Romanística, e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, que tem como representante o Instituto de Letras. Trata-se de um projeto de caráter institucional que agrega pesquisadores de linguagem brasileiros e alemães. Esta pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa, interpretativa e exploratória, pautada em pesquisa de campo. Contempla-se teoricamente as postulações de Marcuschi, Koch, Tedesco, Labov entre outros que são teóricos ligados a linguística textual e à sociolinguística variacionista.

**Palavras- chave:** práticas sociais de linguagem; referência; alunos da Eja-MT; idosos cariocas.

## **NARRATIVAS ORAIS AMAZÔNICAS: COMPREENSÃO E APREENSÃO DOS FRAMES BOTO E COBRA A PARTIR DOS ESTUDOS SOBRE A REFERENCIAÇÃO E A SEMÂNTICA DE FRAMES**

Maria do Carmo Ribeiro Casseb

As narrativas constituem uma atividade discursiva que vai bem além do ato de contar histórias, reais ou fictícias, situadas num dado espaço e tempo. O ato de narrar deve ser examinado como diretamente ligado aos processos cognitivos de transmissão de conhecimento e construção de significado. Com base nos estudos sobre cognição, linguagem e cultura desenvolvidos no âmbito da Linguística Cognitiva (LC) e da Linguística Textual (LT), buscamos a compreensão das motivações cognitivas e culturais que favorecem tanto a convencionalidade quanto a especificidade dos frames COBRA e BOTO que subjazem nas narrativas orais amazônicas analisadas nesta pesquisa. Esclarecemos que este trabalho fundamenta-se no arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (LC), especificamente da Semântica de frames (FILLMORE, 1977; 1982;

1985), (TANNEN, 1993) e da Linguística Textual (LC), no que tange aos estudos da referenciação (MARCUSCHI & KOCH, 1998), (MARCUSCHI, 2007), (KOCH, 1995), (MONDADA & DUBOIS, 2005), (CAVALCANTE E SANTOS, 2014). Em síntese, buscaremos mostrar que as narrativas orais amazônicas são parte inerente da cultura do povo amazônico e que os pressupostos cognitivistas acerca do fenômeno do significado e da referenciação nos ajudam a compreender como se dá a compreensão e a apreensão do conhecimento acerca dos *frames* COBRA e BOTO, objetos de análise deste estudo.

**Palavras-chave:** linguística cognitiva; linguística textual; semântica de *frames*; referenciação; narrativas orais amazônicas.

## **COGNIÇÃO E COERÊNCIA TEXTUAL: UMA ANÁLISE DESCRITIVA DOS ASPECTOS COGNITIVOS NA ESCRITA DE ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Manoel Felipe Santiago Filho

Cognição: "a fronteira final... audaciosamente indo onde nenhum homem jamais esteve." é um intertexto que representa bem as relações complexas que envolvem o simples ato de escrita de um ditado escolar em um texto formal, no qual são preconizadas regras morfosintáticas, semânticas e pragmáticas, que, invariavelmente, ora se encontram, ora se desencontram da realidade percebida e compartilhada pelos interlocutores desse texto escrito. Cada interlocutor, a partir de suas experiências pessoais, interage com aquilo que escreve ou fala, assim como, com aquilo que lê ou ouve, gerando expectativas relacionais oriundas de suas memórias de curto, médio e longo prazo. Tais memórias, tratadas e armazenadas, estão e são disponibilizadas para a representação sensível de um contexto predeterminado, compartilhado ou não, na qual essas mesmas memórias reproduzem, cognitivamente, uma ideia, um discurso ou uma performance limítrofe entre aquilo que o código, presumidamente, tenta expressar e aquilo que realmente significa. Logo, um texto reúne marcas linguísticas, socioculturais e cognitivas, seus interlocutores tornam-se ativos construtores desse texto, objetos-do-mundo real passam a ser objetos-de-discurso. O *corpus* de pesquisa analisado é representado por uma amostragem de 20 textos transcritos a partir de um ditado de surpresa, dado em sala de aula aos alunos de três turmas distintas do 8º ano de uma escola pública de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, em junho de 2018. O objetivo deste artigo, portanto, é analisar os aspectos cognitivos desses textos, derivados do exercício da ditação do texto original expresso pelo primeiro interlocutor, o professor emissor do texto, confrontando o original com os resultados apresentados pelos alunos receptores. Trabalhamos com a hipótese de que os alunos possuem muitas deficiências quanto à competência escritora, todavia, associadas à pré-conceitos estabelecidos em modelos mentais relacionados à seu conhecimento de mundo. Para tal, utilizamos o aporte teórico de Arruda (2003), Berger & Luckmann (2003), Evans & Green (2006), Fauconnier (2003), Koch (2003, 2004, 2007, 2012), Koch & Travaglia (2001), Koch & Elias (2009 /2012), Marcuschi (2004, 2009), Medeiros (2015).

**Palavras-chave:** língua portuguesa; cognição; texto escrito; ensino fundamental.

## **O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NOS TEXTOS INSTRUIONAIS E O ATO ILOCUCIONÁRIO: ALGUMAS PRESSUPOSIÇÕES PARA ANÁLISE DOS SENTIDOS**

Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira

Objetiva-se, nesta apresentação, tratar da relação de elementos materiais (enunciados que instruem) e discursivos (intencionalidade desses enunciados) na análise da referenciação em quatro textos injuntivos: a receita, o manual, a bula e o contrato jurídico. A linguagem, nessa perspectiva, incorpora ações de diferentes naturezas, assumindo diferentes intenções para fazer a instrução, que serão relacionadas à natureza do que está sendo instruído. Para essa relação entre intencionalidade de ações, ao pronunciar um enunciado e análise dos referentes, unem-se estudos dentro da Pragmática e da Linguística do texto, que confluem para análise do processo comunicativo, por meio das intenções dos indivíduos e do texto em si. Ressalta-se que, embora a injunção seja tipologia usada massivamente, nas trocas comunicativas cotidianas, não costuma ser corpus para pesquisas acadêmicas. Por outro lado, os textos instrucionais, também constituem exemplares fundamentais para os indivíduos, pois eles são lidos sempre que se adquirir um produto (objeto, artefato), um serviço (bem de consumo) ou quando é necessário ser instruído para o manuseio de produtos. A análise da estrutura material desses textos, para além de uma contemplação da ação de instruir, pelos seus locutores, pode mostrar, também, como as designações usadas para referir corroboram com a tese dos diferentes níveis do ato ilocucionário que possuem como efeito a instrução. Nesse sentido, o estudo sobre o processo de referenciação pode dimensionar alguns questionamentos importantes, afeitos a essa configuração discursiva, própria da injunção. Articulam-se, nesse viés, os planos discursivo e textual, cujas intersecções constituem discussões importantes no seio dos estudos linguísticos. Para fins das análises propostas, salientam-se aspectos em torno dos conceitos da referenciação, como o da articulação dos sintagmas nominais, usados nas designações dos objetos aos quais às instruções são direcionadas; e, sobre os usos das ações indicadoras de instruções, indicativas de "atos de linguagem" específicos para essa finalidade. Como bases teóricas, dentro dos estudos pragmáticos, articulam-se as conclusões de Austin (1962) e Searle (1969; 2002), além dos pressupostos de Cavalcante (2011) e Marcuschi (2008), nas análises dos componentes textuais e discursivos para configuração linguística do texto instrucional.

## **A RETOMADA ANAFÓRICA EM PRODUÇÕES ARGUMENTATIVAS DE ESTUDANTES DE DIFERENTES PERIFERIAS DO RIO DE JANEIRO: O TEXTO DESVELANDO CONTEXTO**

Silvia Guimaraes

O objetivo central deste trabalho foi pesquisar como estudantes em situação de segregação social estão sendo discursivamente incluídos em nossa cultura letrada. Assim, baseados na abordagem qualiquantitativa, investigamos o texto de dez alunos do nono ano de uma escola de periferia, na Zona Norte do Rio de Janeiro, a fim de observar como eles mobilizam seus saberes linguísticos para fins argumentativos. Em consonância com os estudos sobre a recategorização, uma das pautas da perspectiva sociointeracionista da Linguística Textual, mapeamos as anáforas diretas emergentes nos textos, com o intuito

de estudar a relação entre os recursos anafóricos e a construção do projeto de dizer dos participantes. Os resultados desvelam uma proficiência em nível coesivo aquém do proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN/LP). Por outro lado, a análise da recategorização através das pistas linguísticas presentes na predicação sugere que os participantes conseguem mobilizar outros saberes sociocognitivos para compensar algumas “faltas” em nível gramatical, equilibrando a argumentatividade no texto. Estes resultados reforçam a necessidade do ensino da gramática com reais fins discursivos. Sinalizam, simultaneamente, a riqueza linguística encontrada a partir de recursos cognitivos de recategorização ainda não trabalhados sistemática e discursivamente na e pela escola.

**Palavras-chave:** referenciação; argumentatividade; alunos de periferia.

### Referências bibliográficas

ADAM, J. M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2. ed. revista e aumentada. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

ALMEIDA, M. A. C. *Coesão textual da linguagem dos pré-adolescentes*. 1980. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1980.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Uma introdução de J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 1985.

ALVEZ-MAZZOTI, L.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa qualitativa e quantitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ANTUNES, I. *Muito além da gramática*. Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. Construction de la référence et strategies de designation. Tradução (inédita) de Mônica Magalhães Cavalcante. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (Org.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâth: Université de Neuchâth, 1995. p. 227-271.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BASSETTO, L. M. T. *O funcionamento de nomes próprios no processo de referenciação*. 2015. 204 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

BERNARDO, G. *Educação pelo argumento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol.1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol. 2. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2015.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: EDUC, 2012.

CAVALCANTE, M. M; CUSTÓDIO FILHO, V; BRITO, M. A. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTI, J. R. *Professor, Leitura e Escrita*. São Paulo: Contexto, 2010.

CUSTÓDIO FILHO, N., SILVA, F. O. O caráter não linear da recategorização. In: CAVANCANTE, M; DE LIMA, S. M. C. (Orgs). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 59-85.

\_\_\_\_\_. Análise da referenciação por meio de traços de significação. In: FIGUEIREDO, M. F. et al. *Textos: sentidos, leituras e circulação*. Franca, SP: Unifran, 2014. p. 199-224.

\_\_\_\_\_. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. 330 f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. S. O. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIJK, T. A. V. *Discurso e Poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.

DUBOIS, D; MONDADA, L. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

FÁVERO, L; KOCH, I. *Linguística Textual - Introdução*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GEDOZ, D; COSTA-HUBEZ, T. Concepção sociointeracionista de linguagem: Percurso histórico e contribuições para um novo olhar sobre o texto. *Revista Trama*, v. 8, n. 16, p. 125-138, 2º semestre, 2012.

JAGUARIBE, V. M. F. Os caprichos e as condescendências do discurso literário. In: CAVALCANTE, M. et al. (Org). Texto e discurso sob múltiplos olhares. *Referenciação e outros domínios discursivos*, v. 2. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 221-249.

KLEIMAN, A. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo, Santa Cruz do Sul*, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007.

KOCH, I. Interferências da oralidade na aquisição da escrita. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, (3), p. 31-38, jul/dez. 1997.

\_\_\_\_\_. *Léxico e progressão referencial*. Estudos em homenagem ao professor Doutor Mário Vilela. Organização: Secção de Linguística Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 1, p. 263-276, 2005.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. As expressões nominais indefinidas e a progressão referencial. *Revista de Letras*, n. 08, v. 1/2, jan./dez. 2004.

\_\_\_\_\_; ELIAS, V. M. *Ler e escrever – estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LAGO, L. C. *Desigualdade e segregação na metrópole: o Rio de Janeiro em tempo de crise*. Recurso eletrônico. 2. ed. Letra Capital, 2015.

LIMA, S. M. C. de; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVel*, v. 13, n. 25, p. 295-315, 2015.

MANGABEIRA, M. S. Leitura e a produção textual no currículo do 9º ano do fundamental da Secretaria Municipal de Educação do Município do Rio de Janeiro. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 20, n. 58, jan./abr. 2014. p.133. Suplemento, *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos (SINEFIL)*.

MARCUSCHI, B. Escrevendo na escola para a vida. In: RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. (Orgs). *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. Coleção explorando o ensino. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 19, p. 65-84, 2010.

MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: ILARI, R. *Sentido e Significação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263-284.

\_\_\_\_\_. *Cognição, Linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENEZES, V. M. C. *Referenciação, uso do léxico e letramento*. Intersecções, 18. ed., ano 9, n. 1, p. 81-92, fev. 2016.

SANTOS, L. W; CUBA RICHE, R; TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2015.

SOTO, W. H. G. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. *Estudos, Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro*, v. 16. n. 01, p 109-131, 2008.

TEDESCO, M. T. V. A. *O processo de referenciação e o texto argumentativo*. 2002. 147 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

## **REFERENCIAÇÃO NA DIVULGAÇÃO ONLINE DA ASTRONOMIA PARA JOVENS BRASILEIROS**

Thayane de Oliveira Vieira

O presente trabalho objetiva contribuir para a continuidade dos estudos preexistentes de referenciação e progressão referencial e das pesquisas que investigam estes mecanismos, especificamente, em textos de divulgação científica, analisando a produção de sentido originada pela construção dos referentes nesse gênero textual. Além disso, visa investigar como a referenciação auxilia na criação de uma proximidade entre a Astronomia e o leitor infanto-juvenil da revista *Superinteressante* e como essa “ponte” criada pode ser considerada positiva tanto para os jovens quanto para os astrônomos. A pesquisa, portanto, pretende estudar a referenciação como um instrumento facilitador em textos de divulgação científica, estando intrinsecamente associada à noção de categorização e construção de objetos de discurso (MARCUSCHI, 2004; MONDADA; DUBOIS, 2003) e de inferenciação (MARCUSCHI, 2007). Assim, consideramos que os redatores da revista contribuem para a criação de uma “ponte”, já que utilizam o léxico da língua para produzir referentes – e termos que os retomam –, de forma que estes representem a realidade extralinguística, não sendo simples rótulos desta, mas a construção e a reconstrução de objetos de discurso. Em outras palavras, os autores do texto se valem intencionalmente de estratégias sociocognitivas que acionam conhecimentos, sendo estes considerados por Koch e Elias (2008) como conhecimento enciclopédico – ou de mundo –, conhecimento linguístico e conhecimento interacional, que se subdivide em ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural. O receptor, por sua vez, fará uso inconsciente dos mesmos aspectos ao buscar a compreensão do texto. Dessa forma, a pesquisa utilizará fundamentação teórica de cunho sociocognitivo, baseando-se nos autores citados, entre outros, além de *corpus* selecionado da revista *Superinteressante*.

**Palavras-chave:** referenciação; progressão referencial; divulgação científica.



## **Referências bibliográficas**

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. de. (orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263-284.

\_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construções dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M; RODRIGUES, B. (orgs.). *Referenciação. Clássicos da Linguística*. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

## **PRÁTICAS DE LEITURA SOB A PERSPECTIVA INTERTEXTUAL COM ALUNOS DO 6º ANO DO COLÉGIO PEDRO II**

Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano

A coleta de dados foi realizada com alunos do 6º ano do Colégio Pedro II – Campus Tijuca II, no ano letivo de 2011. O trabalho consistiu em uma abordagem da leitura sob a perspectiva intertextual a partir de fábulas e provérbios. Este estudo se fundamentou em uma metodologia de trabalho com produção textual na perspectiva sociointerativa, ou seja, a partir de uma concepção da língua vista como uma atividade sociohistórica, uma atividade cognitiva e sociointerativa e dialógica concebida por Bakhtin (2000), a qual defende que não existe um discurso que já não seja, constitutivamente, permeado de alguma forma por outro dizer. Para a Linguística Textual, o texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos, e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos de discurso e propostas de sentido, ao operarem escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua lhes põe à disposição. Em todo texto há uma gama de implícitos, detectáveis através da mobilização do contexto sociocognitivo no qual se movem os atores sociais. Desta forma, a adoção desta prática de leitura e produção de textos sob a perspectiva intertextual favoreceu o surgimento de novos objetivos para o ensino de Língua Portuguesa, a fim de desenvolver de forma plena a competência comunicativa natural do aluno.

**Palavras-chave:** intertextualidade; leitura; produção escrita; gêneros textuais.

## **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN (org.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade Em torno de Bakhtin*, São Paulo. EdUSP, 2003.

FÁVERO, Leonor; KOCH, Ingedore. *Linguística Textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1989.

## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA COM JOVENS E ADULTOS SURDOS**

Vanderléa Oliveira Franca

O presente estudo tem como objetivo discutir concepções de leitura e escrita como práticas sociais, com jovens e adultos surdos, no primeiro segmento do ensino fundamental noturno do INES. Nossa clientela é bastante diversificada. Não podemos falar em sujeito surdo de maneira genérica e abstrata. Cada ser humano é um ser único com sua história de vida. Entre nossos alunos, temos gradações no comprometimento auditivo de cada um; alguns nasceram surdos e outros perderam a audição em diferentes fases da vida; alguns são filhos de pais surdos e outros conviveram apenas com ouvintes; alguns são oralizados e/ou fluentes em Libras e outros nos chegam sem nenhuma língua e nenhum contato anterior com o ambiente escolar, alguns frequentaram escolas regulares e outros estiveram matriculados em escolas especiais; alguns são trabalhadores, chefes de família, enquanto outros são superprotegidos por seus familiares; temos, na mesma sala, adolescentes com todas as suas contradições e adultos, pais e avós. As inúmeras combinações possíveis entre essas e outras variáveis implicam ressonâncias na formação de cada sujeito surdo. E qualquer tentativa de homogeneização implica em subalternização. Nossa prática pedagógica, no início de escolarização de jovens e adultos surdos, envolve inúmeras dificuldades. Esses alunos geralmente passaram por muitas experiências de fracasso escolar, que relatam associando-o às mais variadas causas. Nosso constante estímulo é desenvolver atividades na perspectiva de uma educação capaz de contribuir para a autonomia desses sujeitos, todavia, essa não é uma tarefa fácil. Estamos constantemente diante do desafio referente à melhor forma de interagir em sala de aula, a fim de desenvolver conhecimentos e habilidades específicas para produções textuais proficientes. A partir dos horizontes abertos por Freire (1987, 2007), entendemos que a leitura da palavra-mundo vai muito além da aquisição do código escrito, que como se sabe, não é neutro, nem tampouco as práticas escolares: tanto podem subalternizar quanto emancipar. A escola tradicionalmente desenvolve tarefas de produção de texto desvinculadas de situações de interação contextualizadas. Seguindo em outra orientação, podemos transitar em uma ampla diversidade de gêneros textuais e variadas tipologias, em diferentes funções comunicativas. (DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2005). Para o surdo não oralizado, a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, transforma-se em importante ponto de contato com a sociedade ouvinte. Nesse contexto, temos um redimensionando das funções sociais da escrita (BOZZA, 1996).

### **Referências bibliográficas**

- BOZZA, S. *Trabalhando com a palavra viva*. Curitiba: Renascer, 1996.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

## **AS RELAÇÕES DE INTERTEXTUALIDADE EM EXPRESSÕES ANAFÓRICAS NO GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL COMENTÁRIO, NO FACEBOOK**

Cristina Normandia dos Santos

Lévy (2010), ao refletir sobre as implicações culturais originadas pela comunicação digital, faz menção ao cientista Albert Einstein, que, numa entrevista, nos anos cinquenta, chamou atenção para três grandes bombas que explodiram no século XX: a bomba demográfica, a bomba atômica e a bomba das telecomunicações. A bomba das telecomunicações possibilitou o desenvolvimento da *Internet* e com a mídia digital veio a explosão da comunicação digital, a qual Lévy (2010) define como cibercultura. A cibercultura teve implicações econômicas, implicações nas relações sociais, a partir da organização de comunidades virtuais e teve implicações significativas na linguagem. O uso da língua em ambientes virtuais, como as redes sociais, se realiza, essencialmente, por meio de textos ou por fragmentos de textos, que podem ser verbais, não verbais, sonoros ou ainda híbridos, a depender do propósito comunicativo do interactante. Esse sistema organizado por fragmentos de textos é caracterizado como hipertexto, considerado por Marcuschi e Xavier (2010) como uma forma de produção textual que pode ser possível nos gêneros discursivos e, por isso, influencia nas particularidades específicas do gênero. Entre estas particularidades está a intertextualidade, propriedade de coerência textual que, segundo Koch (2014), define a natureza do hipertexto. Discutir sobre a heterogeneidade discursiva presente na comunicação virtual a partir da intertextualidade permite compreender como se desenvolve o processo de leitura e como se desenvolve os pontos de vistas em comunidades virtuais, como o *Facebook*. Rede social reconhecida por meios jornalísticos como importante instrumento de divulgação da informação. O presente trabalho visa abordar sobre perfis de relações de intertextualidade, baseada em funções discursivas de expressões anafóricas diretas e indiretas, no gênero discursivo digital comentário, em perfil jornalístico do *Facebook*. As expressões anafóricas são estratégias textuais que determinam o processo de referência, atividade de significação, em que as categorias linguísticas são (re)construídas, discursivamente (MONDADA & DUBOIS, 2003). Por isso, as funções discursivas das expressões anafóricas, no gênero comentário, indicam relações de intertextualidade explícitas e implícitas que orientam para existência de uma superestrutura discursiva. Nessa lógica, a presente proposta está fundamentada nas abordagens da Linguística textual com Koch (2002), Marcuschi (2012), Tedesco (2002) e nas postulações sobre dialogismo com Bakhtin (2010). Metodologicamente, o presente estudo organiza-se numa perspectiva etnográfica, em que o estudo está focado nas estruturas textuais dos comentários publicados pelos interactantes na rede social *Facebook*.

## **INSTRUÇÕES SEMIÓTICAS PARA A COMPREENSÃO DE TEXTOS**

Darcilia Simões

A comunicação visa a contribuir com a prática didática de estudo de textos, apontando subsídios semióticos que podem orientar a leitura tanto no plano lexical (iconicidade lexical), quanto no plano da estruturação dos enunciados (iconicidade diagramática). Com suporte na semiótica (Peirce, 1990; Santaella, 2002) e na teoria da iconicidade verbal (Simões: 2009, 2018), vimos testando até que ponto os componentes verbais ou não verbais de um texto podem funcionar como pistas de leitura. Na tradicional prática de leitura, bastavam-se as palavras e sinais de pontuação; hodiernamente conclui-se que tudo o que compõe o texto pode ser observado como elemento significativo coadjuvante na compreensão do texto. A mediação dos signos de qualquer natureza é uma constante na atuação humana, portanto, é indispensável deitar olhos sobre a presença de elementos icônico e indiciais que, juntamente com as palavras (símbolos por natureza) constroem trilhas nos textos e podem conduzir o leitor à compreensão e a interpretações plausíveis, ajustadas à malha sógnica que constitui o texto. Entendemos que o processo de compreensão e interpretação de um texto deva ser regulado pela seleção e distribuição dos signos na sua superfície, uma vez que esta visa a registrar/cumprir um projeto comunicativo elaborado pelo enunciador. Portanto não cabe ao enunciatário esgarçar o texto, atribuindo-lhe sentidos não sustentados pela malha sógnica. A proposição semiótica tem por objetivo controlar a interpretação para que não se caia na armadilha da superinterpretação que transformaria o texto em “terra sem lei”. Sabe-se que o texto literário é polissêmico por natureza, todavia, também ele apresenta limites de interpretação que precisam ser respeitados sob pena de a extrapolação acabar por prejudicar a leitura e desvalorizar o texto.

### **Referências bibliográficas**

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

SANTAELLA, L. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thomson, 2002.

SIMÕES, D. *Iconicidade Verbal*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

SIMÕES, D. Teoria da iconicidade Verbal: Aplicações. In: SIMÕES, D.; CORREIA, C. M. D. C. ( . ). *Discussões e aplicações da semiótica de extração peirceana*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. p. 310.

## **A COMPLEXIDADE DA ESTRUTURA SINTÁTICA FRENTE A UMA SITUAÇÃO DE EMOÇÃO**

Renata Barbosa Vicente  
Cristina Lopomo Defendi

No município do Cabo de Santo Agostinho foi desenvolvido na Universidade Federal Rural de Pernambuco o projeto intitulado 'Construindo os saberes junto à melhor idade' que previa atividades educacionais e culturais para o idoso, promovendo o exercício de cidadania e a inclusão social. Este projeto permitiu-nos coletar dados junto aos idosos, por meio de entrevistas e testes nas modalidades oral e escrita, para a seguinte hipótese de nossa pesquisa: a perda de papéis sociais, a saúde em declínio e o isolamento social, por exemplo, contribuem para a redução do funcionamento cognitivo (capacidade de compreender e pensar de uma forma lógica, com prejuízo na memória). Para responder

este questionamento estabelecemos como objetivo analisar as construções sintáticas realizadas, em textos orais, durante a participação de atividades educacionais, por pessoas com mais de 60 anos e apresentar os resultados dos dados analisados. Para análise dos dados assumimos uma concepção de linguagem sociointeracionista e uma perspectiva cognitivista. Os princípios funcionalistas de iconicidade, fundo/figura e marcação servem a análise dos dados, assim retomaremos Givón (1979), e, para tratar de emoção e memória, tomaremos por base Damásio (2011). Cabe ainda dizer que de acordo com Givón, a estrutura da língua reflete a estrutura da mente; logo, idosos acometidos por doenças ou sem envolvimento psicossocial ativo tendem a produzir textos orais de maneira menos complexa sintaticamente. A pesquisa evidencia a linguagem como uma esfera de canalização das emoções e intenções dos indivíduos. Então o idoso, diante de uma exposição (falar a frente para os colegas), canaliza suas emoções, fazendo explanações menos complexas, apresentando, com base nos resultados, esquecimentos, em face da situação de tensão.

## **SOU BRASILEIRO MAS JÁ DESISTI FAZ TEMPO”: DISCURSOS CONTRAFACTUAIS NO TWITTER FRENTE À MODERNIDADE LÍQUIDA**

Thayssa Taranto

O presente trabalho integra parcialmente nossa tese de doutorado, que tratará das relações entre contrafactualidade e humor à luz da teoria dos *frames* (FILLMORE, 1982) e da mesclagem conceitual (FAUCONNIER & TURNER, 2002) tendo como objeto *tweets* humorísticos. Nessa ocasião, entretanto, procuraremos entender de que forma o discurso contrafactual, nas redes sociais, e mais especificamente no Twitter, reflete a realidade vivida pelos seus produtores, cunhada por Bauman (2001) de “modernidade líquida”. Afirmar Bauman (2001; 2007) ser nossa época uma época de incertezas, que se caracteriza tanto pela ausência quanto pela multiplicidade dos padrões, códigos e regras que outrora nos norteavam, bem como pelo afrouxamento dos laços inter-humanos. Assim, a sensação de desolação diante dessa nova realidade somada à ampliação das possibilidades de expressão oriundas das novas tecnologias constituiu-se num cenário favorável à produção de discursos estereotipados de autopiedade nas redes sociais por parte do jovem pós-moderno, e especialmente pelo jovem brasileiro de classe média baixa pertencente à chamada Geração Z (ou seja, aqueles nascidos entre 1992 e 2010). Ao que tudo indica, esse tipo de discurso, dado o seu caráter humorístico, parece possuir uma dupla função para quem o produz: aliviar as tensões da vida real e, ao mesmo tempo, angariar seguidores para seus perfis de forma a promover-se nas redes sociais. De acordo com Fauconnier e Turner (2002), o raciocínio contrafactual se estrutura a partir da combinação de elementos aparentemente incompatíveis, em que as oposições são ativadas em vez de suprimidas. Com isso, é gerado um efeito de sentido que só é possível por conta das diferenças entre os resultados propostos pelo cenário imaginário e real. Nas construções específicas que serão alvo de nossa análise, a contrafactualidade, via de regra, se realiza a partir do confronto entre expectativa (positiva) e realidade (negativa), em que a segunda invariavelmente prevalece sobre a primeira. Dessa forma, o emprego do raciocínio contrafactual, por esse público jovem, parece servir à formação de um estereótipo (e, por conseguinte, de uma crítica, ainda que inconsciente) que se materializa em forma de textos de conteúdo cômico. Nesse sentido, *tweets* humorísticos contrafactuais não têm a pretensão de serem meramente informativos, mas funcionam como um reforço a certos

estigmas e/ou crenças. Em outras palavras, a contrafactualidade, nessas produções, parece refletir de forma bastante emblemática a desilusão vivida pelo jovem pós-moderno.

### **Referências bibliográficas**

BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Basic Books, a Member of the Perseus Books Group, New York, 2002.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea (Eds.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982, p.111-37. Disponível em: [http://brenocon.com/Fillmore%201982\\_2up.pdf](http://brenocon.com/Fillmore%201982_2up.pdf) (Acesso em 14 mar. 2018)

## **A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO PELO SER “CARIOCA” NO DISCURSO DE IDOSOS EM PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA**

Yasmin Cibelle Soares da Silva Alves

Este trabalho tem por objetivo investigar a construção de sentido no discurso, percebida como uma unidade de significação no texto, porém, a concepção dessa unidade é configurada de modo complexo que, muitas vezes, foge do alcance de nossa consciência. Com o intuito de tornar essa construção um fenômeno observável, o objeto de estudo escolhido é a estratégia da recategorização realizada por expressões lexicais na fala de idosos que compõem o corpus oral proveniente de entrevistas urbano-biográficas do projeto *Varia-Idade no Rio de Janeiro Comunicação e geração: Estratégias linguísticas e discursivas na idade Maior*. Neste projeto, as entrevistas abordam questões concernentes às vivências sociais dos participantes na cidade do Rio de Janeiro. Por meio do discurso oral desses idosos, observa-se como a estratégia discursiva mencionada ganha relevância não somente na estruturação textual colaborando com a progressão e a organização do discurso, como também possibilitando estabelecer a compreensão da conceptualização do modelo “carioca” mediante a reconstrução dos referentes. Isso oportuniza ver como essas estruturas linguísticas se atrelam à sistemas de conhecimento extralinguísticos, ancorados em experiências perceptuais e socioculturais dos informantes. Em razão disso, percebe-se como a estratégia da (re)categorização se expande para além das relações textuais por conta de sua essência discursivo-cognitiva com a qual podemos justificar seus usos na interação. Para tanto, os referenciais teóricos deste trabalho se encontram na interface entre os postulados da Linguística Textual e da Linguística Cognitiva pela perspectiva dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987). Assim, pelos referidos aportes teóricos e pelo recorte do objeto de estudo proposto, pode-se refletir sobre a construção de sentido como um processo mental e interacional, o que proporciona ver o discurso como uma constante (re)categorização da percepção de mundo, moldada por uma “cognição social” (DIJK, 2012).

## Referências bibliográficas

ALVARO, Patricia Teles; Ferrari, Lilian. (Org.). *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. 1 ed. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I e II*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

CAVALCANTE, M. M. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, V.; MORATO, E. M. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; CORTEZ, Suzana Leite. A Construção do Ponto de Vista por meio de Formas Referenciais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães, LIMA, Silvana Maria Calixto de (Org.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 9-29.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. *Produção Textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

**AS FASES DE UMA AUDIÊNCIA PRELIMINAR NO JUIZADO ESPECIAL  
CRIMINAL**

Ana Carla Machado  
Amitza Torres Vieira

O Juizado Especial Criminal (JECRIM) é o órgão do poder judiciário responsável por processar e julgar contravenções penais e crimes de menor potencial ofensivo cujas penas não ultrapassem dois anos de prisão. Nessa instância, a audiência preliminar acontece antes do oferecimento da denúncia e constitui uma possibilidade para que as partes se reconciliem, evitando, assim, um processo criminal. Este trabalho tem por objetivo identificar as fases que compõem uma audiência preliminar do JECRIM, a partir dos pressupostos da Análise da Conversa de base etnometodológica (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974) e da fala-em-interação institucional (DREW e HERITAGE, 1992; SARANGI, 2005; ROBINSON, 2013). Recorre-se também ao aporte teórico da argumentação interacional (SCHIFFRIN, 1987). Os encontros foram gravados em uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais e se encontram transcritos de acordo com as convenções dos analistas da conversa (LODER; JUNG, 2008), sendo o estudo é de cunho qualitativo e interpretativo (DENZIN e LINCOLN, 2000). A pesquisa lidará, portanto, com as ações verbais e não verbais empreendidas pelos participantes em cada fase. Os resultados preliminares sinalizam a presença de quatro fases. Na primeira, denominada *abertura*, a conciliadora apregoa e saúda as partes. Na segunda, *apresentação do problema*, confirma as informações que foram prestadas no boletim de ocorrência e esclarece as considerações legais sobre o fato. Na terceira fase, *proposta de arquivamento*, a conciliadora argumenta a favor do arquivamento do processo, averigua as fichas criminais dos envolvidos e realiza o arquivamento. Finalmente, ordena que as partes assinem o termo de desinteresse e encerra a audiência com um agradecimento na fase denominada *fechamento*.

**Referências bibliográficas**

- DENZIN, N; LINCOLN, Y. 2000. The discipline and practice of qualitative research. In: N, DEZIN; Y. LINCOLN (org.). *The handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, Sage. 1-27.
- DREW, P.; HERITAGE, J. 1992. Analyzing talk at work: an introduction. In: P. DREW; J. HERITAGE (org.). *Talk at work: interaction in institutional settings*. Cambridge University Press, p. 3-211.
- LODER, L.L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: L.L. LODER; N.M.JUNG (org.), *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. São Paulo, Mercado das Letras, 2008, p.127-161.
- ROBERTS, C; SARANGI, S. *Theme-oriented discourse analysis of medical encounters*. In: *Medical Education*, 2005; 39. p. 632-640.



ROBINSON, Jeffrey D. Overall Structural Organization. In SIDNELL, Jack; STIVERS, Tanya (Ed.). *The Handbook of Conversation Analysis*. Oxford: Willey-Blackwell, 2013. p. 257-280.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas (UFJF)*, Juiz de Fora, vol.7, nº 1-2, 2003, p. 9-73. Tradução de SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. *A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation*. *Language*, Baltimore vol. 50, nº 4, 1974, pp. 696- 735.

SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Oxford/Cambridge: Blackwell Publishers, p. 386- 405, 1994.

### **(RE)FORMULAÇÕES DE UMA CONCILIADORA DO JECRIM COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA PARA ATINGIR O MANDATO INSTITUCIONAL**

Lara Carvalho Miranda  
Amitza Torres Vieira

O trabalho tem como objetivo analisar as (re)formulações na fala de uma conciliadora em uma audiência preliminar no Juizado Especial Criminal (JECRIM), tendo em vista o mandato institucional (MAYNARD, 1984) que deve ser cumprido. Nessa instância judicial, as audiências preliminares ocorrem antes do oferecimento da denúncia e constituem oportunidade para o acordo entre as partes, evitando-se, assim, um processo na esfera criminal. As bases teórico-metodológicas ancoram-se na Análise da Conversa Etnometodológica (SACKS; SCHEGLOFF; SCHEFFERSON, 1974), bem como nas contribuições de Heritage e Watson (1979), quanto às propriedades e características das formulações, e de Bilmes (2011), no que tange à redefinição da noção de (re)formulação. As audiências foram geradas em uma cidade de Minas Gerais, sendo os dados transcritos de acordo com o modelo Jefferson (LODER; JUNG, 2008). Os resultados preliminares mostram que a conciliadora, ao longo da audiência, ora induz as partes à conciliação e ao arquivamento do processo, ora dissuade as partes a buscar a tutela jurisdicional, o que constitui seu objetivo institucional. Para isso, reformula várias vezes sua posição de que “não vale a pena” dar prosseguimento à ocorrência. Ao reformular, a conciliadora preserva o sentido principal de sua primeira formulação que veicula, ainda que implicitamente, sua meta institucional, promovendo o apagamento de algumas partes da elocução para transformá-la, reforçando seu posicionamento e induzindo ao arquivamento ou ao aceite da não continuidade do processo.

#### **Referências bibliográficas**

BILMES, J. Occasioned semantics: a systematic approach to meaning in talk. *Human Studies*, 2011, 34(2):129-153.

HERITAGE, J.; WATSON, D.R.. Formulations as conversational objects. In: G. PSATHAS (ed.), *Everyday Language*. New York, Irvington Press, 1979, p. 123-162.

MAYNARD, D. *Inside plea bargaining: the language of negotiation*. New York, Plenum, 1984.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Revista Veredas de Estudos Linguísticos*, v. 7, n. 2, p. 1-67, jan/dez. 2003. Tradução do original: A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

LODER, L.L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: L.L. LODER; N.M.JUNG (Org.), *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. São Paulo, Mercado das Letras, 2008, p.127-161.

## **O USO DE NARRATIVAS BREVES NA ARGUMENTAÇÃO NO CONTEXTO INSTITUCIONAL DE UMA AUDIÊNCIA DE CONCILIAÇÃO NO PROCON**

Alice Silva Müller  
Cristiane Schettino  
Amitza Torres Vieira

O estudo tem como objetivo investigar o uso avaliativo de narrativas breves na argumentação de reclamante e reclamado em uma audiência de conciliação no PROCON. Para tanto, recorreremos ao aporte teórico sobre micronarrativas (BAMBERG e GEORGAKOPOULOU, 2008; BASTOS e BIAR, 2015), avaliação (LINDE, 1997) e argumentação interacional (SCHIFFRIN, 1987). Nas narrativas breves, o tempo histórico em que se passa o enredo é impreciso. Esses pequenos relatos se referem sempre a um período curto em que a situação apresentada ao interlocutor inicia-se, desenvolve-se e, por fim, é concluída. Para Linde (1997), a avaliação reflete valores sociais na estrutura do discurso, fornecendo indicações da ordem social que o locutor reproduz e assume. Nos dados investigados neste trabalho, a avaliação acontece em um processo inferencial que é alcançado através da objetividade de fatos culturais (SHI-XU, 2000). Nesse caso, a realidade social trazida ao discurso projeta valores da sociedade que estão sendo avaliados pelo locutor. As sequências argumentativas dos corpora foram identificadas a partir das considerações de Schiffrin (1987) sobre argumentação interacional, cuja discussão engloba as três partes centrais que compõem a atividade argumentativa: posição, disputa e sustentação. A metodologia é qualitativa e interpretativa (DENZIM e LINCOLN, 2006) e os dados foram transcritos de acordo com o modelo Jefferson de transcrição (LODER, 2008). Os resultados da análise indicam que esse tipo de narrativa traz fatos objetivos que mostram uma avaliação negativa sobre o outro. Dessa forma, nesta audiência no PROCON, as narrativas breves atuam na argumentação com o objetivo de desacreditar a posição do oponente.

### **Referências bibliográficas**

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text and Talk*, v. 29, n. 3, p. 377-396, 2008.

BIAR, L.; BASTOS, L. C. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. DELTA – Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 31, 2015.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: the discipline and practice of qualitative research. In: \_\_\_\_\_. (Ed.) *The SAGE handbook of qualitative research*. 3. ed. California: Sage publications, 2006.

LINDE, C. Evaluation as linguistic structure and social practice. In: GUNNARSSON, B.; LINELL, P.; NORDBERG, B. (orgs.). *The construction of professional discourse*. London: Longman, 1997. p. 151-172.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. *Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.p. 127-160.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SHI-XU. Opinion discourse: Investigating the paradoxical nature of the text and talk of opinions. *Research on Language and Social Interaction*, 33(3), 2000, p. 263-289.

## **A DIMENSÃO IDEOLÓGICA NA FALA DE CONFLITO NO PROCON**

Maurício Carlos da Silva  
Amitza Torres Vieira

Este estudo se propõe a identificar o papel da dimensão ideológica em uma audiência de conciliação no PROCON. Nesse contexto institucional de mediação, a negociação entre as partes, reclamante e reclamado, depende de uma intensa construção discursiva de versões sobre o fato. Geralmente, algumas dessas negociações constituem exemplos do que se denomina fala de conflito (GRIMSHAW, 1990), uma área de pesquisa que lida com o estudo do conflito nas suas mais variadas formas. No que se refere à metodologia, essa pesquisa se configura como um estudo de caso de cunho qualitativo, e faz uso de dados reais de fala, gravados e transcritos segundo as convenções do modelo utilizado pelos analistas da conversa (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974). Quanto à noção de ideologia ela é considerada, em linhas gerais, como um fenômeno instável, situado e influenciado por contextos relevantes, abrangendo não só o âmbito político, mas toda a ordem social. Nessa abordagem, a ideologia pode ser evidenciada pelas práticas interacionais e o próprio senso comum é considerado uma manifestação ideológica (BILLIG, 1991). Essa visão rompe com a ideia reducionista de ideologia apenas como ferramenta a serviço das classes dominantes, pois a própria opinião de indivíduos particulares, grupos ou instituições tem importância social e serve a propósitos ideológicos (SHI-XU, 2000). Enfim, é interesse dessa investigação a concepção de ideologia enquanto sentido negociado/construído na situação interacional, mobilizado pelas formas simbólicas (THOMPSON, 2011) que estão inseridas nos contextos sociais e que circulam no mundo social. Os resultados do estudo mostram que os participantes, durante a fala de conflito, buscaram desqualificar o outro, não só por meio de narrativas, como também fazendo uso de formas discursivo-culturais que veiculam valores ideológicos específicos. Os fatos objetivos narrados pela reclamante serviram para fornecer status de factualidade à opinião subjetiva de que os reclamados eram maus

profissionais. Os reclamados, por sua vez, fizeram uso de elementos ideológicos no intuito de desconstruir a imagem negativa imputada pela reclamante ao seu trabalho, ao mesmo tempo em que atribuíam a si a identidade de bons profissionais.

**Palavras-chave:** fala de conflito; ideologia; identidade.

### **Referências bibliográficas**

BILLIG, M. *Ideology and opinions: studies in rethorical psychology*. London: Sage, 1991.

GRIMSHAW, A.D. *Conflicttalk*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SHI-XU. Opinion discourse: Investigating the paradoxical nature of the text and talk of opinions. *Research on Language and Social Interaction*. Loughborough University, UK, v.33, n. 3. P. 263-289, 2000.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, vol. 50, 1974.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

## **VIOLAÇÕES DE CARACTERÍSTICAS DA FALA INSTITUCIONAL EM UMA SESSÃO DE JULGAMENTO NA JUSTIÇA MILITAR DA UNIÃO**

André Lázaro Ferreira Augusto  
Amitza Torres Vieira

Dentre as características apresentadas por Drew e Heritage (1992) da fala institucional estão presentes a necessidade do cumprimento de uma meta e a inferência de enquadres e procedimentos. Além disso, a assimetria entre os participantes ocasiona diferença entre a liberdade no uso de mecanismos da conversa. Essa diferenciação é ainda mais sensível em um contexto jurídico, em especial na interação que ocorre em audiências judiciais, em que o juiz tem praticamente o controle absoluto de qual participante será o selecionado ou não. Este trabalho tem como objetivo mostrar a flexibilização do controle de turno de fala e a violação de regra procedimental em uma sessão de julgamento de um processo criminal que tramitou em uma Auditoria da Justiça Militar da União. A metodologia de pesquisa é qualitativa e interpretativa (DENZIN e LINCOLN, 2006). Os dados foram transcritos de acordo com os analistas da conversa (LODER, 2008). O caso selecionado tratava da subtração de um celular realizada por um soldado do Exército Brasileiro ocorrida no interior de um Quartel. Foi designada uma audiência para a inquirição das testemunhas e o interrogatório do acusado. Concluídas tais coletas de depoimentos, contrariamente ao disposto na legislação processual penal militar, iniciou-se a sessão de julgamento. No referido ato judicial participaram a Promotora de Justiça, o Defensor Público e o Conselho de Justiça. Os resultados evidenciam a ruptura da ordem sequencial

das falas, com a tomada de turno realizada pela Promotora de Justiça durante a fala do Juiz-Auditor devido à necessidade de correção de informação prestada. A análise também mostra a quebra da rotinização de procedimentos (CORONA, 2009) ao final da sustentação oral do Defensor Público, já que ocorreu um questionamento do Juiz-Auditor ante um pedido condenatório.

### **Referências bibliográficas**

CORONA, M. D. Fala-em-interação cotidiana e fala-em-interação institucional: uma análise de Audiências Criminais. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. *Análises de fala-em-interação institucional: a perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 13-44

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2006.

DREW, P.; HERITAGE, J. Analyzing talk at work: an introduction. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Talk at work: interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 3-29; 29-65.

LODER, Leticia Ludwig. O Modelo Jefferson de Transcrição: Convenções e Debates. In: LODER, L. L.; NEIVA, M. J. (Orgs). *Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado das Letras, 2008, p. 127-161.

## **A ATRIBUIÇÃO/ REIVINDICAÇÃO DO PAPEL SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DA DEFESA DO PONTO DE VISTA**

Roberta Fernandes Pacheco  
Amitza Torres Vieira

Baseado nos estudos teóricos sobre papel (SARANGI e SLEMBROUCK, 1996; SARANGI, 2010, 2011; WEIZMAN, 2006, 2008, PACHECO, 2018), este trabalho objetiva analisar como a atribuição e a reivindicação do papel social são negociadas pelos interagentes na construção da defesa de seus pontos de vista na entrevista política. A partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa dos dados, baseada em um estudo de caso, utilizo as contribuições da Análise da Conversa (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974) como ferramenta de análise. O *corpus* é composto por quatro edições do programa televisivo *Roda Viva*, que se caracteriza como um programa de entrevistas, em que diversos temas são abordados e discutidos pelos participantes que compõem a mesa em cada uma de suas edições. Os resultados de análise evidenciam que ao legitimar ou refutar os papéis sociais atribuídos e/ou reivindicados, os participantes, sejam entrevistadores ou entrevistados, negociam seus pontos de vista na disputa pelos melhores argumentos de convencimento da opinião pública sobre os temas abordados.

**Palavras-chave:** papel social; ponto de vista; interação.

### **Referências bibliográficas**

PACHECO, Roberta F. *A dinamicidade de papéis e posições em uma entrevista-debate*.

Revista Recorte, Unincor, vol. 15, nº 1, 2018, no prelo.

RODA VIVA. Produção: Fundação Padre Anchieta. Centro Paulista de Rádio e Tv Educativas. Acesso em <http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva>.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. *A Simplest Systematic for the Organization of Turn Taking for Conversation*. Language, 50 (4), p. 696 - 735, 1974.

SARANGI, Srikant. *Reconfiguring Self/Identity/Status/Role: The Case of Professional Role Performance in Healthcare Encounters*. Journal of Applied Linguistics and Professional Practice. P. 75–95, 2010.

SARANGI, Srikant. Role hybridity in professional practice. In: \_\_\_\_\_; POLESE, V.; CALIENDO, G. (Eds.) *Genre(s) on the Move: Hybridisation and Discourse Change in Specialised Communication*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane (ESI), 2011.

SARANGI, Srikant; SLEMBROUCK, S. *Language, Bureaucracy and Social Control*. London: Longman, 1996.

WEIZMAN, Elda. *Roles and identities in news interviews: The Israeli context*. Journal of Pragmatics, 38, p. 154–179, 2006.

WEIZMAN, Elda. *Positioning in media dialogue: negotiating roles in the news interview*. Série Dialogue Studies. Amsterdam – Philadelphia. John Benjamins Publishing. 2008.

## **ESPAÇOS MENTAIS, INTERSUBJETIVIDADE E ARGUMENTAÇÃO: USOS DO CONECTOR ‘MAS’ NA MEDIAÇÃO FAMILIAR**

Naira Velozo  
Sandra Bernardo

Nesta comunicação, inserida no Simpósio “Fala-em-interação em contextos institucionais”, analisam-se ocorrências do conector ‘mas’ em uma sessão de mediação, etapa de um processo judicial, a fim de descrever os usos do conector, com base, sobretudo, na Teoria dos Espaços Mentais, mais especificamente, no modelo de Rede de Espaços Comunicativos Básicos (FAUCONNIER, 1997; FERRARI; SWEETSER, 2012); e no conceito de intersubjetividade (LANGACKER, 1990; VERHAGEN, 2005). A constituição do *corpus* segue os procedimentos da Análise da Conversa Etnometodológica e as convenções de transcrição estabelecidas em Sacks, Schegloff e Jefferson (2003[1974]). Como ferramentas teórico-metodológicas, além da proposta de divisão tripartida da argumentação em posição, disputa e sustentação (SCHIFFRIN, 1987; BERNARDO, 2002), adotaram-se as noções de tópico (GORSKI, 1993; BERNARDO, 2002) e sequencialidade da conversa (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 2003[1974]). Os resultados parciais da análise evidenciam que (i) o conector ‘mas’ atua no gerenciamento da conversa, em estágios de disputa e sustentação de posição argumentativa, contrastando espaços mentais em nível epistêmico, metatextual, metalinguístico e no nível dos atos de fala; (ii) os usos do conector são intersubjetivos,

uma vez que visam à coordenação cognitiva dos estados mentais e intencionais dos participantes da interação, seja para gerenciar tópicos conversacionais, com o propósito de retomar ou invalidar um encaminhamento argumentativo; seja para ajustar o foco de atenção dos interlocutores para um elemento específico de um modelo cognitivo idealizado ou espaço mental.

**Palavras-chave:** conector ‘mas’; gerenciamento argumentativo; espaços mentais; intersubjetividade; fala-em-interação; mediação familiar.

### **Referências bibliográficas**

BERNARDO, Sandra Pereira. *Foco e ponto de vista na conversa informal: uma abordagem sócio-cognitiva*. 2002. 221f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, L. e SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: *Viewpoint in language; a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 47-68.

GORSKI, Edair Maria. Iconicidade e topicidade no discurso narrativo. In: VOTRE, S. (org.). *Iconicidade — Funcionalismo em Linguística*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1993. p. 16-40.

LANGACKER, R. Subjectification. *Cognitive Linguistics* 1, p. 5-38, 1990.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Language*, v. 50, n. 4, 1974, p. 696-735.

SCHIFFRIN, Deborah. Background: what is discourse. In: *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 1-30.

VERHAGEN, A. Intersubjectivity – mutual management of cognitive states. In: *Constructions of intersubjectivity*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 1-27.

### **FALA-EM-INTERAÇÃO INSTITUCIONAL: “IGUAL” COMO MARCADOR DISCURSIVO NA RECLAMAÇÃO DE TERCEIROS AUSENTES NA MEDIAÇÃO FAMILIAR JUDICIAL**

Áida Silva Penna  
Paulo Cortes Gago

A fala-em-interação é mais do que simplesmente uma atividade verbal, mas também social. É por meio dela que os indivíduos fazem um convite, uma pergunta, uma oferta etc., ou seja, se comunicam. É até difícil imaginar uma atividade (cotidiana ou institucional) sem a realização linguística (GAGO, 2002). Em ambiente institucional,

mais especificamente em contexto jurídico, a fala é elemento fundamental para a interação entre os participantes – sobretudo em situação de controvérsia, pois é através dela que os disputantes promovem possível solução de suas controvérsias. Um dos métodos tradicionais de resolução de uma disputa é o Sistema Judicial (SAMPAIO & BRAGA NETO, 2007). Porém, a partir dos anos 70, a mediação surgiu como uma das formas alternativas de resolução de controvérsia como uma maneira de aliviar o Sistema Jurídico Tradicional, que se encontrava extremamente sobrecarregado (AZEVEDO, 2013). Durante a sessão de mediação, surgem inúmeras reclamações contra as partes. Reclamar é demonstrar sentimento de descontentamento sobre um estado de coisas, atribuindo responsabilidade a algo ou a alguém (TRAVERSO, 2009). As reclamações são capazes de desempenhar diferentes funções em ambiente institucional (RUUSUVUORI & LINDFORS, 2009). Nesse sentido, assumimos a reclamação como elemento chave de análise desta pesquisa para uma descrição interacional do texto oral durante a sessão de mediação familiar judicial. Temos como objetivo identificar, observar e analisar como ocorrem as reclamações de terceiros ausentes a partir de elementos linguísticos e extralinguísticos empregados pelos reclamantes, neste contexto institucional. Para tal, recorremos aos aparatos teórico-metodológicos da Análise da Conversa Etnometodológica (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON; 1974) devido à sua capacidade de descrição e compreensão dos significados das ações sociais humanas. Nosso *corpus* compõe-se da transcrição das gravações em áudio de um caso completo de mediação famílias judicial. Na nossa análise, percebemos que uma forma muito recorrente de se iniciar uma reclamação de terceiros ausentes é por meio da forma linguística *igual*. Além disso, partícula *igual* exerceu função de marcador discursivo como maneira de garantir e legitimar ainda mais as reclamações realizadas. Ainda, essas reclamações, iniciadas pelo *igual*, aparecem repentinamente na sequência conversacional e em formato de longas narrativas.

**Palavras-chave:** fala-em-interação institucional; mediação; reclamação; marcador discursivo; análise da conversa etnometodológica.

### Referências bibliográficas

AZEVEDO, A. G. de. *Manual de mediação judicial*. Brasília: Ministério da Justiça, 2013.

GAGO, P. C. *Questões de transcrição em análise da conversa*. Revista de estudos linguísticos: Veredas, Juiz de Fora: 2002, vol. 6, n. 2, p. 89-113

RUUSUVUORI, J. & LINDFORS, P. *Complaining about previous treatment in health care settings*. Journal of Pragmatics, 2009, v. 41, p. 2415-2434

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. *A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation*. Language, 1974, v. 50, n. 4, p. 696-735

SAMPAIO, L. R. C. & BRAGA NETO, A. *O que é mediação de conflitos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

TRAVERSO, V. *The dilemmas of third-party complaints in conversation between friends*. Journal of Pragmatics, 2009, v. 41, p.2385-2399



## **LIDERANÇA E CULTURA DE SEGURANÇA: UM ESTUDO SOBRE RESPONSABILIDADE**

Amanda Costa Pinto de Moraes  
Maria do Carmo Leite de Oliveira

O desenvolvimento de uma cultura de segurança é crucial para a prevenção de acidentes, especialmente em empresas que possuem funções que envolvem atividades de risco. Apesar de a construção de um ambiente seguro ser da responsabilidade de todos, é a liderança, entendida como um processo de influência (BERGAMINI, 1994), que tem um papel determinante na conscientização de seus seguidores com relação aos objetivos, valores, atitudes, de uma cultura de segurança (ALVES & JUNIOR, 2013). À luz das teorias sobre responsabilidade (SARANGI, 2012) e liderança (HERSEY & BLANCHARD, 1986; BERGAMINI, 1994; ROBBINS & JUDGE, 2014), pretende-se examinar como os líderes veem a sua responsabilidade com relação à ocorrência de acidentes de trabalho. O corpus é constituído de entrevistas semiestruturadas, realizadas com líderes que atuam na área de segurança do trabalho e que lidam com trabalhadores que executam atividades com risco iminente. Os resultados mostram que os conceitos de agência, conhecimento e intenção são invocados para responsabilizar o empregado e a própria direção da empresa pela ocorrência de acidentes. No caso dos empregados, o líder vê que a sua responsabilidade restrita às tarefas de dar treinamento, oferecer equipamento e determinar normas de proteção, reforçando a crença de sua impotência diante de empregados que foram socializados numa cultura de risco. No caso da empresa, a sua impotência é atribuída a uma cultura empresarial que valoriza mais a produtividade do que a segurança. Em conclusão, os líderes não se veem como agentes de mudança de uma cultura – seja da empresa, seja do empregado –, o que evidencia uma visão equivocada do que seja liderança.

**Palavras-chave:** liderança; responsabilidade; agência.

### **Referências bibliográficas**

ALVES, J. L. L.; JUNIOR, L. C. de M. *Mudança cultural orientada por comportamento: elementos para uma cultura de saúde, segurança, confiabilidade e produtividade, atuando com as pessoas*. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2013.

BERGAMINI, C. W. Uma revisão da evolução histórica dos estudos e pesquisas sobre liderança enfatiza a importância de líderes organizacionais eficazes. *Revista de Administração de Empresas/EAESP/FGV*, São Paulo, 1994, v. 34, n. 3, p.102-114.

HERSEY, P.; BLANCHARD, K. H. *Psicologia para administradores: a teoria e as técnicas da liderança situacional*. São Paulo: EPU, 1986.

ROBBINS, S. P.; JUDGE, T. A. *Fundamentos do comportamento organizacional*. 12. Ed. – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.

SARANGI, S. Owning responsible actions/selves: Role-relational trajectories in counselling for childhood genetic testing. *Journal of applied linguistics and professional practice*. 2012, v. 9 Issue 3, p295-318.

# **ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA EM CONTEXTOS DE PERTENCIMENTO SINDICAL: UM ESTUDO DE FALA-EM-INTERAÇÃO COM POPULAÇÕES RUAIS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS**

Gilson Soares Toledo

Telma Cristina de Almeida Silva Pereira

Apropriou-se nesta análise das noções da sociolinguística interacional e da análise da conversa para identificar características de pertencimento institucional (sindical) da comunidade rural de Miragaia, microrregião de Ubá, Zona da Mata de Minas Gerais. Trata-se de uma comunidade de prática (CdP), tendo em vista o forte vínculo social entre as pessoas desenvolvido a partir de aprendizagens regulares, além do compartilhamento de objetivos comuns reconhecidos em suas atividades cotidianas. Tal comunidade é constituída por proprietários rurais que desenvolvem especificamente atividade econômica de integração junto a uma grande empresa de alimentos da região e, devido a esta atividade, tiveram seus espaços de sociabilidade encolhidos, mantendo por sua vez determinadas características constitutivas de uma população rural mais tradicional e que por isso deve ser observada uma vez que é reprodutora de determinados comportamentos sociais apresentados através de pistas linguísticas e paralinguísticas. Tais evidências surgiram a partir de dados naturalísticos obtidos em reuniões sindicais e associações onde os interagentes demonstram pertencer ou não à instituição ora vinculados. Observou-se que apenas a afiliação sindical não determina o pertencimento e a representatividade desses proprietários rurais, o que compromete significativamente as vantagens que estes poderiam obter através das instituições que os representam, assim como impossibilita que estes proprietários se instrumentalizem politicamente para enfrentar a exploração de trabalho a qual são submetidos. Mas apesar disso, entende-se que através das relações sociais desenvolvidas por um indivíduo em uma determinada comunidade, faz surgir diferentes modos dele se expressar em sua relação com o outro, consigo mesmo e com o seu discurso. Desta forma foi possível observar através de excertos extraídos de falas-em-interação em contextos interacionais sindicais, dados que podem favorecer tanto o debate acadêmico na área da linguística aplicada em contextos interacionais, como a compreensão da relação da construção de identidades através dos usos linguísticos das populações rurais da Zona da Mata de Minas Gerais.

## **Referências bibliográficas**

Goffman, E. *Frame analysis*. Lebanon, NH: Northeastern University. (Obra original publicada em 1974), 1986.

\_\_\_\_\_. A situação negligenciada. In B. T. Ribeiro; P. M. Garcez, *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Age. (Obra original publicada em 1964), (1998a).

\_\_\_\_\_. Footing. In B. T. Ribeiro; P. M. Garcez. *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Age, (1998b).

LODER, L. L; JUNG, N. M. *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometológica*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008, pp. 95-126.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, vol.7, nº 1-2, 2003, p. 9-73. Tradução de SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, Baltimore vol. 50, nº 4, 1974, pp. 696- 735.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Retrieved September 5, 2012, from [https://books.google.com.br/books?id=heBZpgYUKdAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=heBZpgYUKdAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false).

## **“PRÉ-CONCEITOS” E SOCIOLINGÜÍSTICA NO PROJETO NAP – UNIMONTES**

Maria Fernanda Soares Silva Senna  
Ana Flávia Silva Gonçalves  
Maria Cristina Ruas Maia Abreu

Trabalho de caráter teórico-aplicado, visa, inicialmente, à apresentação da sociolinguística, como conteúdo previsto pelos documentos oficiais de ensino de Língua Portuguesa, como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, com uma proposta teórico-metodológica mais flexível, em contraposição as aulas de língua portuguesa permeadas de preconceitos linguísticos e de apego às normas gramaticais. Assim, entendemos que concepções teóricas da sociolinguística podem não só guiar as aulas de português como também conceder um tratamento mais adequado e ético as muitas situações de uso da língua oral e escrita que divergem do que está posto pela prescrição normativa. A partir dessa crença, nós, professoras de língua portuguesa, voluntárias, na turma do 2º ano do projeto NAP (Núcleo de Apoio para Promoção da Cidadania) da Universidade Estadual de Montes Claros–MG, apresentamos, em uma aula, uma reflexão sobre a abordagem sociolinguística. Elegemos como referencial teórico o sociolinguista Marcos Bagno (2002), por causa de suas reflexões didáticas acerca do tema. Para a consecução da aula, recorremos à data-show e convidamos 2 alunos do curso de letras/português para ministrarem uma palestra sobre o tema, o que favoreceu a interação, o debate. Observou-se que os alunos reproduziam um preconceito linguístico que emerge, quase sempre, da sociedade letrada e da valorização demasiada do padrão culto. A linguagem coloquial era vista como algo além de errado, sendo considerada também feia. Ao final da aula, os alunos compreenderam que a linguagem é multifacetada e flexível e representa classe social, valores, escolaridade, região, dentre outros fatores, o que os levou a entender que a linguagem não-padrão tem relação com traços culturais do sujeito, não podendo ser vista como inferior. Após essa aula, chegamos à conclusão de que uma reflexão sobre a abordagem sociolinguística é de suma importância para a vida do aluno, uma vez que seu campo de estudo, a linguagem verbal humana e suas múltiplas manifestações, está atrelado a noções como ética e cidadania.

**Palavras-chave:** preconceito linguístico; NAP; variação e mudanças linguísticas; ensino de Língua Portuguesa.

## **Referências bibliográficas**

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org). *Introdução a linguística*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 121.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. – *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

### **GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ENTRECRUZAMENTO DIDÁTICO PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE ESCRITA PROFICIENTE**

Tatiana da Conceição Gonçalves

Este trabalho perpassa pelo universo que estrutura e organiza a sociedade atual, constituída por diversos sistemas de signos que, articulados, compõem os discursos, os quais, por meio de uma forma, um tema e um estilo, configuram os gêneros discursivos/textuais utilizados para o estabelecimento das interações sociais, estabelecendo, dessa forma, um plano comunicativo multimodal confluyente com as diversas linguagens; estas, consolidadas em práticas sociocomunicativas intermediadas por distintos textos com propriedades e sequências textuais particulares, bem como com habilidades linguístico-discursivas e cognoscitivas dos produtores falantes/ouvintes. Com efeito, surgem novas maneiras de ler, interpretar e produzir gêneros textuais. A partir desse princípio, pretendo apresentar os fundamentos teóricos de ANTUNES, Irandé (2010, 2017); BEZERRA, Paulo (2016); KOCH, Ingedore G. Villaça (2015) e DIONÍSIO, Paiva Angela (2005), os quais sustentam esta pesquisa em desenvolvimento no contexto do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Amapá (IFAP), em quatro turmas do Ensino Médio Integrado, a fim de que possa ser instituído um levantamento e uma análise acerca dos conteúdos expostos nos planos de ensino e nos livros didáticos de língua portuguesa desse nível de ensino, com o intuito de que seja proposta uma possível reorganização dos conteúdos pontuados nesses documentos e livros ou mesmo um acréscimo de itens, considerando-se a relação entre as concepções filosófico-educacionais dessa instituição de ensino e a finalidade das práticas de ensino docente, alinhadas às demandas sociais atuais, tendo em vista a consolidação da leitura e escrita proficiente dos alunos. Dado que, há a hipótese, sustentada nos pressupostos teóricos mencionados neste estudo, de que criar meios instrucionais para o refinamento processual do projeto de escrita dos alunos, articulado aos multiletramentos relativos à produção/recepção de textos multimodais, possibilitá-los-á fazer uso adequado e diversificado da língua tanto em produções orais como escritas em diferentes contextos e situações. Sendo assim, os conteúdos a serem explorados nas aulas de Língua Portuguesa deverão ter como ponto de partida a leitura, a análise e a escrita de gêneros discursivos/textuais distintos, fazendo com que esses discentes reflitam e discutam sobre o que leem, analisando a estrutura composicional dos textos, o conteúdo temático, como também a função social dessas composições, considerando-se os fatores internos e

externos subjacentes à sua organização, de acordo com as intenções e os propósitos específicos relativos aos contextos de uso. Tal método impulsionará o ensino de língua para uma vertente menos metalinguístico-prescritiva que, de certo, oportunizará, ainda, o pensar e o refletir acerca dos usos efetivos da língua nas dimensões oral e escrita.

**Palavras-chave:** gêneros discursivos/textuais; ensino de língua portuguesa; projeto de escrita proficiente; uso adequado da língua em produções orais e escritas.

**CONSTRUÇÕES COM {[SUPER] + [VERBO]} NA LÍNGUA PORTUGUESA –  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO  
USO**

Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto  
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

O presente trabalho tem a finalidade de descrever os pareamentos forma-função das construções com {[super] + [verbo]} na língua portuguesa. Assume-se, para tanto, o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016; BISPO & SILVA, 2016), que tem como pressuposto a renovação da língua a partir do uso bem como a relação direta entre estruturas linguísticas e suas funções no discurso. Adota-se, para a realização da pesquisa, o equacionamento entre a análise qualitativa das ocorrências e o cálculo da frequência de uso e uma perspectiva pancrônica de análise, uma vez que se pretende explicar como construções surgem e se desenvolvem na língua a partir dos deslizamentos formais e funcionais. O *corpus* sincrônico oral é composto por textos datados do século XX ao século XXI, retirados do *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, do *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e do *corpus* do projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. Quanto ao *corpus* sincrônico escrito, este é composto por textos datados do século XXI, retirados de *blogs* e de revistas disponíveis na internet. Já o *corpus* diacrônico é constituído por textos que recobrem o período compreendido entre o século XII e o século XIX, retirados do “CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval” e do “*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe”. Os resultados obtidos até o momento apontam que as construções com {[super] + [verbo]} desenvolveram, com o passar do tempo, sentidos cada vez mais [+ intersubjetivos], indexando o *comprometimento do locutor* com relação à veracidade da proposição, em uma estratégia de convencimento de seu interlocutor.

**Referências bibliográficas**

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: *XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BYBEE, J. L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2), 2016, p. 233-259.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## **CONSTRUÇÃO PREDICATIVA DE MUDANÇA NO PB: *FICAR*, *TORNAR-SE* E *VIRAR***

Bruna Gois Pavão Ferreira

Baseada na abordagem construcionista de Goldberg (1995, 2013, 2016) e Traugott & Trousdale (2013), esta pesquisa focaliza a construção predicativa de mudança (de estado e de propriedade) e a variação/alternância entre os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar* nesse tipo de construção no Português Brasileiro (PB), a fim de descrever diferenças e similaridades existentes, a depender do verbo selecionado para preencher o *slot* destinado a verbo relacional na construção. Nessa descrição, examinam-se: o tipo de sintagma predicativo, o tipo de animacidade do participante sujeito, nuance(s) aspectual(is) decorrentes dessa compatibilização na construção e o grau de formalidade associado à situação discursiva em que seus construtos operam. Pretende-se identificar: (i) os padrões de uso com base na frequência, no espreadamento/na extensibilidade e nas relações de forma e/ou função/significado por semelhanças de família existentes entre construtos de padrões construcionais licenciados por tal construção; (ii) a configuração morfosintática da construção predicativa de mudança e seu potencial de licenciamento construcional no Português; (iii) suas instâncias de uso; (iv) as diferenças semântico-pragmáticas entre as construções com *ficar*, *tornar-se* e *virar*, buscando-se analisar como se dá a variação/alternância entre tais verbos nesse tipo de construção. Para tanto, os dados coletados em artigos acadêmicos, jornais, revistas e alguns sites de avaliação foram analisados de acordo com alguns parâmetros, como o tipo de mudança (de estado ou de propriedade), o tipo de animacidade do sujeito, o tipo de sintagma predicativo, o aspecto mais permanente/mais transitório da construção e o grau de formalidade, tendo como base a ideia de lidar com as propriedades fundamentais de uma construção gramatical (esquematicidade, produtividade e composicionalidade, cf. TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) e contextualidade (GOLDBERG, 2016). A partir da análise dos dados, é possível identificar que a construção predicativa de mudança licencia padrões construcionais diferentes que, em decorrência do alinhamento funcional (semântico, discursivo, pragmático, cognitivo e/ou social), estão reunidos e estocados na mente dos usuários como variantes construcionais. Assim, cada pareamento forma-sentido gerado pela compatibilização dos verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar* é minimamente distinto, havendo umas instâncias de uso dessa construção mais centrais (como é o caso das microconstruções com *ficar*) e outras mais periféricas (como é o caso das microconstruções com *virar*). Além disso, *tornar-se* e *virar* integram construções que revelam mudança de propriedade, uma nuance diferente de mudança de estado, que é prototipicamente representada pela construção com *ficar*, fato que é comprovado pelo tipo de sintagma predicativo predominante, uma vez que os sintagmas adjetivais indicam prototipicamente estados.

### **Referências bibliográficas**

GOLDBERG, Adele E. (1995) *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. The University of Chicago Press, Chicago and London.

\_\_\_\_\_. (2013) Constructionist approaches. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. USA: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_. (2016) Compositionality. In: RIEMER N. (Ed.). *Routledge semantics handbook*, pp. 419-430.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. (2013) *Constructionalization and construction changes*. Great Britain: Oxford University Press.

### **DE MONO A BIARGUMENTAL: MUDANÇA DE TRANSITIVIDADE NOS VERBOS *EXPLODIR*, *CESSAR*, *APARECER* E *SURGIR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Monclar Guimarães Lopes

Este trabalho busca descrever a expansão da *construção transitiva causativa* – [X<sub>agente</sub> V.COM Y<sub>afetado</sub>] –, um padrão argumental emergente no português brasileiro. Trata-se de uma construção complexa e parcialmente esquemática que possibilita o aumento de valência em alguns verbos originalmente monoargumentais, mais especificamente, os de tipo inacusativo que apresentam como único argumento um termo de papel paciente. Como ilustração, observemos duas ocorrências com o verbo *desaparecer*: a) “minha carteira desapareceu”; b) “Para ajudar Aécio, mídia desaparece com aeroporto”. No primeiro exemplo, podemos afirmar que *desaparecer* é recrutado pela construção monoargumental [X<sub>paciente</sub> V]; no segundo, pela construção biargumental [X<sub>agente</sub> V.COM Y<sub>afetado</sub>]. Vale ressaltar que esta última construção se encontra descrita em Lopes (2015, 2017) e Lopes e Menezes (2018), que investigaram sua emergência no português brasileiro com base nos verbos *desaparecer*, *sumir* e *acabar*, a partir de dados diacrônicos. Os autores assumem a hipótese de que a construção transitiva causativa seja o resultado de um processo de construcionalização (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), na medida em que tanto uma maior vinculação entre verbo e preposição quanto a diminuição da composicionalidade acarretam um novo pareamento de FORMA-SENTIDO, isto é, resultam num novo nó-*type* na rede de construções. Nessa atual fase da pesquisa, por sua vez, busca-se: 1) observar a produtividade e a expansão dessa construção, tendo como objeto quatro outros verbos inacusativos e levando-se em consideração seu tipo semântico – *explodir* e *cessar* são, conforme Halliday (1985), verbos de processo material de transformação, ao passo que *aparecer* e *surgir* são verbos de processo material de criação; 2) representar a rede das construções transitivas causativas em nossa sincronia a partir dos dados analisados; 3) verificar semelhanças e diferenças entre a construção transitiva causativa e a construção transitiva canônica (S VTD OD), na medida em que ambas apresentam um sujeito agente e um objeto afetado. Como metodologia de pesquisa, emprega-se análise quali-quantitativa de dados síncronicos, extraídos do *Corpus do Português*, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso.



**Palavras-chave:** construcionalização; mudança de transitividade; linguística funcional.

### **Referências bibliográficas**

HALIDAY, Michael A. K. *An introduction to functional grammar*. New York, Edward Arnold. 1985.

LOPES, Monclar Guimarães. *Transitivização de desaparecer em perspectiva cognitivo-funcional*. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

\_\_\_\_\_. Transitivização de sumir e desaparecer no português do Brasil: um caso de construcionalização lexical. *Revista Entrepalavras*, Fortaleza, n. 4, v.7, 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/729>.

LOPES, Monclar Guimarães; MENEZES, Vanda Maria Cardozo. A formação do subesquema argumental causativo no português brasileiro. *Revista Confluência*. Rio de Janeiro, n. 54., v. 1, 2018. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/213>

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construcional Changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013

## **A COMPLEMENTAÇÃO SENTENCIAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA DA INTERAÇÃO ENTRE VERBOS E A CONSTRUÇÃO GRAMATICAL**

Dayanne de Oliveira Silva

A Construção de Complementação Sentencial (CCS) do português brasileiro, cuja forma é SUJEITO + VERBO + SINTAGMA ORACIONAL INTRODUZIDO PELO “QUE” COMPLEMENTIZADOR é amplamente utilizada para reportar discursos, percepções e avaliações, como se pode observar nos exemplos (1) e (2): (1) Ele percebeu que a aula estava interessante. (2) Ele comentou que a aula estava interessante. (3) ?? Ele elogiou que a aula estava interessante. No entanto, certas formulações com complemento sentencial, ainda que pareçam sintática e semanticamente plausíveis, não são possíveis, como se verifica em (3). A partir dessa observação, busca-se, sob a luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; 2013; BYBEE, 2010; DIESSEL, 2015), caracterizar o conhecimento do falante do PB sobre a CCS, de modo a explicar como ele é capaz de evitar sentenças como (3), assim como tantas outras com verbos como “detalhar” e “criticar”, que constituiriam supergeneralizações da construção. Para investigar a natureza do saber linguístico inconsciente que leva o falante a evitar tais sentenças, três hipóteses foram levantadas: (i) usamos na CCS verbos pertencentes a determinadas classes semânticas (o conhecimento é, portanto, gramatical); (ii) usamos na CCS verbos que frequentemente experienciamos empregados nela (conhecimento estatístico do tipo enraizamento, ou “entrenchment”); (iii) usamos na CCS verbos que não são frequentemente utilizados em uma construção funcionalmente equivalente (conhecimento estatístico do tipo bloqueio, ou “preemption”). A fim de verificá-las, foi desenvolvido um experimento de produção induzida cujas variáveis independentes foram

a frequência do verbo na CCS (nula *versus* não-nula) e a classe semântica do verbo (anúncio – aceitável na CCS - *versus* crítica – evitada na CCS). Os 28 participantes assistiram a sequências de vídeos curtos e, ao final de cada um, responderam a perguntas interpretativas. A variável dependente foi o índice de respostas com emprego da CCS, em oposição a outras molduras sintáticas. O experimento demonstrou que os falantes recorrem ao seu conhecimento de natureza gramatical, especificamente semântico, para evitar supergeneralizações da CCS, dado que a incidência de emprego da complementação sentencial com verbos de anúncio de frequência nula foi significativamente maior que com verbos de crítica de frequência nula ( $p = 0.0021$ ), mas se baseiam também no seu conhecimento de natureza estatística do tipo enraizamento, já que a incidência de complementação sentencial com verbos de anúncio de frequência não-nula foi significativamente maior que com verbos de anúncio de frequência nula ( $p < 0.0001$ ).

### Referências bibliográficas

- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: University Press, 2010.
- DIESSEL, H. Usage-based Construction Grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. *The Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: University Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. Constructionist approaches. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Eds). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford. New York: Oxford University Press, 2013.

## UMA VISÃO CONSTRUCIONAL DA ORDEM VERBO-SUJEITO NO PB

Roberto de Freitas Jr.

No presente trabalho, apresentamos uma pesquisa que visa mapear a configuração sincrônica de parte da rede construcional de focalização no Português do Brasil (PB). A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2008), entre outros), buscamos descrever as características formais e funcionais de construções ativas e passivas regidas pelo esquema [(X) VSN]<sub>FOC</sub> e representadas, respectivamente, pelos pareamentos [(X)VSN]<sub>ATV</sub> e [(X)V<sub>AUX</sub>V<sub>PP</sub>SN]<sub>PAS</sub>. Os resultados mostram que as construções ativas e passivas VS aqui descritas partilham entre si, em termos de forma, grande semelhança, mas, em termos de sentido, apresentam papel diferenciado focalização. As construções ativas, tanto com o item verbal *acontecer* quanto com o *correr*, mostraram-se relacionadas, em maior grau, à perspectivização de evento, isto é, à focalização de cláusula, enquanto as construções passivas tiveram maior índice de perspectivização de constituinte, ou seja, de um SN, sobre o qual recaiu a focalização. Tal diferença discursiva não constitui, entretanto, justificativa para considerarmos as construções ativas e passivas derivadas de esquemas distintos. Ao contrário, entendemos que, ainda assim, tais subesquemas apareçam relacionados a um mesmo esquema

anterior, um protótipo, que pode abarcar tanto construções que envolvem a perspectivização de SNs, quanto a de eventos.

### **A CONSTRUÇÃO [(X)[VAUX VPP SN]]<sub>FOC</sub> NO GÊNERO *ABSTRACT*: CHOQUE DE CONSTRUÇÕES NA INTERLÍNGUA?**

Roberto de Freitas Jr.  
João Miguel Henrique de Lacerda

Este estudo, fundamentado nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, busca observar fatores estruturais e pragmático-discursivos relacionados ao processo de focalização no português brasileiro (PB) que estariam presentes em orações passivas, agramaticais, produzidas por falantes de inglês como língua estrangeira (EFL). Defendemos que a construção [(X)[V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>, presente na rede construcional do falante nativo do PB, entra em choque com a construção [it [V(S)]]<sub>FOC</sub>, presente na rede construcional do inglês, da qual tal falante tem, em geral, menor domínio. Referimo-nos a esse fenômeno como Hipótese do Choque Construcional na Interlíngua (HCCI). A fim de atingirmos o objetivo traçado, analisamos 16 dados extraídos de 150 *abstracts* de teses e dissertações defendidas por alunos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CCS/UFRJ). Dentre os fatores que nortearam a nossa análise, destacamos a extensão, a definitude e o status informacional do SN, o tipo de elemento X licenciado pela construção e o tipo de focalização (argumental ou sentencial). Os resultados apontam para a tendência de uso da construção [(X)[V<sub>AUX</sub>V<sub>PP</sub>SN]]<sub>FOC</sub> mais relacionado ao papel de perspectivização de SNs, foco argumental, seguindo padrões de informatividade e extensão condizentes com achados de pesquisas anteriores.

### **INVESTIGANDO A PRODUÇÃO DO PORTUGUÊS ESCRITO COMO L2 DE SURDOS: CONECTIVOS E MARCADORES PROSÓDICOS GRÁFICOS**

Carla Couto de Paula Silvério  
Aline Alves Fonseca  
Aline Garcia Roderio-Takahira

O presente trabalho é um recorte da nossa pesquisa de doutorado em que apresentamos o pré-teste de produção escrita, que será base para a construção dos futuros experimentos sobre o processamento de leitura de Português como segunda língua (L2) por Surdos, mais especificamente sobre o processamento de conectivos e marcadores prosódicos gráficos (MPG's). Segundo Quadros e Schmiedt (2006), para a aprendizagem da escrita, dentro de uma perspectiva de educação bilíngue, é necessário pensar que a primeira língua (L1) dos Surdos é a Libras, sendo a língua de instrução para o aprendizado do Português. Dentro dessa perspectiva, pautada na psicolinguística com caráter metodológico experimental (LEITÃO, 2008), buscamos compreender o uso que os Surdos fazem de conectivos e de MPG's em suas produções espontâneas a partir do pré-teste, o qual consistiu em seis produções escritas a partir de estímulos visuais, cada um contendo uma sequência de três ações (JACINTO et. al, 2012). Esses estímulos possibilitam o uso de diversos tipos de conectivos para unir os dois últimos quadros de cada sequência. Em seguida, foi filmado o protocolo verbal retrospectivo (Think-Aloud Protocol), momento em que os participantes Surdos explicaram em Libras o uso de cada um dos conectivos e

dos MPGs, com o objetivo de verificar o nível de conhecimento do Português nessa modalidade e o modo como se dá o contraste dos conectivos e dos MPGs em relação à produção escrita e à produção sinalizada. Participaram do pré-teste 20 alunos de graduação: 10 surdos e 10 ouvintes. Nossa expectativa era que o grupo de ouvintes, falantes nativos do Português, apresentasse desempenho melhor no uso de conectivos e MPG's e menor tempo médio de produção escrita. Os resultados iniciais do experimento aplicado têm apontado para confirmação da expectativa. No entanto, ainda visamos aprofundar a análise da performance do grupo de surdos considerando as seguintes variáveis: (i) faixa etária de contato com o português formal; (ii) faixa etária de contato com a Libras; e, (iii) se tiveram acesso ao ensino de Português como L2 com metodologias específicas para surdos. A partir dessas observações será possível: (i) analisar o conhecimento do uso de conectivos tanto em L1 quanto em L2 pelos Surdos; e, (ii) avaliar a implicação do sujeito Surdo ter uma L1 bem constituída, ou não, para a aprendizagem do Português escrito como L2. Esperamos, com os resultados encontrados, contribuir para a reflexão sobre as características do processamento de leitura por Surdos e por ouvintes em um primeiro passo para a revisão e criação de metodologias específicas de ensino de Português formal para Surdos, no que diz respeito ao uso de MPG's e conectivos.

### **Referências bibliográficas**

JACINTO, L. A.; RIBEIRO, K. B.; SOARES, A. J. C.; CÁRNIO, M. S. *Estímulos visuais e produção escrita de surdos sinalizadores*. *Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, vol. 24(2), pg.193-7, 2012.

LEITÃO, M. *Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem*. In: MARTELOTTA, M. (org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto. 2008.

QUADROS, R. M; SCHMIEDT, M. L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

## **O CONSTRUCTICON EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA ANÁLISE COGNITIVO-FUNCIONAL**

Roberto de Freitas Jr.  
João Paulo da Silva Nascimento

Mas não é mímica? É linguagem verbal ou não verbal? Língua de sinais ou linguagem de sinais? Estas são algumas perguntas comuns do cotidiano dos usuários da Língua Brasileira de Sinais – a Libras. Claramente, tais perguntas colocam em xeque seu *status* linguístico, uma questão mais que superada pela Linguística. O presente estudo linguístico, de vertente construcionista, visa descrever, de maneira inicial, a organização construcional da Libras. Para isso, analisamos os esquemas construcionais desta língua, em diferentes níveis, visando exemplificar sua organização em rede construcional e situá-la nas discussões linguísticas à luz da Gramática de Construções (GC), tal qual acontece com as línguas orais-auditivas. Parte-se, pois, do aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, sobretudo da teoria da GC (Goldberg, 1995, 2006; Bybee, 2008), visando apresentar determinadas características do *Constructicon* em Libras. Assim, analisam-se construções da Libras das seguintes naturezas: (a) lexical (o sinal); (b) de

estrutura morfológica; (c) expressões idiomáticas preenchidas; (d) idiomatismos formais e (e) construções sintaticamente abstratas. Tal abordagem realça o *status* linguístico da Libras com base em uma explicação fundamentada em teoria e análise linguísticas de natureza cognitivista, à medida em que se propõe à análise de seus diferentes tipos construcionais. Sendo a LIBRAS uma língua natural, não estaria ela isenta do pensamento de Goldberg (2003: 233), que considera um sistema linguístico como a interação incansável de “construções de cima abaixo” (*constructions all the way down*). Cabe ressaltar, ainda, que este trabalho encontra-se em fase inicial e que, por seu propósito, mostra-se de grande relevância no âmbito das discussões acerca de línguas de sinais em GC.

## MUDANÇAS SEMÂNTICAS DA CONSTRUÇÃO *V-ção* EM PORTUGUÊS

Dalby Dienstbach

Marcam o início da vertente mais contemporânea da Linguística Funcional (atualmente, Centrada no Uso) diálogos contundentes que ela tem travado, a partir dos primeiros anos do século XXI, com o campo particular da Linguística Cognitiva (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Inserido nessa interface, este trabalho tem como objetivos analisar e descrever indícios de construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) – tais como a perda de ambas a analisabilidade e a composicionalidade (BYBEE, 2016 [2010]) – de determinados construtos derivados da construção “verbo + sufixo nominalizador” (VN<sub>sx</sub>), com base em postulados pertinentes a uma abordagem cognitiva da metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Nesse caso, constituem o objeto de investigação deste trabalho o substantivo nominalizado pelo sufixo *-ção* “situação” (e a respectiva forma plural “situações”). A análise empreendida aqui recai sobre ocorrências desse construto em um corpus – coletado em tempo real – de postagens feitas por perfis brasileiros na rede social *Twitter* (Twitter, Inc.). Algo que a análise em corpus empreendida aqui evidencia é que os significados metafóricos do construto “situação” (e “situações”) (como sinônimo de “condição” ou “aspecto”) seriam significativamente mais frequentes do que os seus eventuais significados mais básicos (como sinônimos de “localização” ou “posição” física). Até onde isso permite se concluir, em última análise, a perda de ambas a analisabilidade e a composicionalidade do substantivo nominalizado pelo sufixo *-ção* “situação” (e “situações”) estaria, em grande medida, associada à atualização constante e regular dos seus significados metafóricos. Além disso, é possível se alegar que a atualização dos significados metafóricos desse construto prescinde – nos seus usos mais contemporâneos, pelo menos – dos significados, quer sejam básicos ou metafóricos, do verbo que compõe a construção VN<sub>sx</sub> da qual ele deriva, qual seja o verbo “situar”.

### Referências bibliográficas

BYBEE, J. *Linguagem, uso e cognição*. Tradução: M. A. Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução: GEIM. São Paulo Campinas: Mercado de Letras/São Paulo: EDUC, 2002.

ROSÁRIO, I.; OLIVEIRA, M. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## **SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA DA CONSTRUÇÃO “BEM+VERBO”**

Brendha Portela Camargo  
Clara Sousa da Silva

No português brasileiro, o advérbio “bem” se une a verbos de modo a modificá-los, veiculando sentido de intensidade – como em “Ontem choveu bem” – ou de modo – como em “Ele fez o trabalho muito bem”. No entanto, há sentenças em que a palavra “bem” não parece veicular nenhum desses dois valores. Isso se verifica em usos como “Eu tinha uma sandália dessas, mas ela bem arrebentou” e “Eu bem tô com fome”. Neste estudo, que se insere no quadro teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; DIESSEL, 2015), assumimos que exemplos como estes instanciam uma mesma construção semiabstrata, à qual iremos nos referir como Construção BEM + VERBO. Diante disso, o objetivo deste trabalho é descrever o polo semântico-pragmático dessa construção – em outras palavras, queremos entender qual é a contribuição desse “bem” para o significado da sentença. Nossa hipótese central é a de que a Construção BEM + VERBO está associada, de forma estável, a uma semântica de quebra de expectativa. Para além dessa generalização, sugerimos ainda que as instâncias da construção realizam, do ponto de vista pragmático, tanto atos representativos (como em “Eu tinha uma sandália dessas, mas ela bem arrebentou”) quanto atos diretivos (como em “Você bem podia pegar um café para mim”) (AUSTIN, 1955). Por fim, exploraremos a ideia de que os usos diretivos remontam à noção mais geral de quebra de expectativa na medida em que se constituem como estratégias para minimizar a ameaça à face negativa do interlocutor (BROWN; LEVINSON, 1985), permitindo que os atos diretivos sejam realizados de forma indireta, por meio de implicaturas conversacionais (GRICE, 1975).

## **A CONSTRUÇÃO “BEM QUE X” DO PB: UM CASO DE INTERSUBJETIVIDADE E POLISSEMIA**

Joabe Souza  
Diogo Pinheiro

Embora os estudos linguísticos pautados sobre os modelos de Gramática de Construções venham passando, no Brasil, por recente popularização e expansão, algumas das construções mais peculiares do nosso idioma ainda carecem de descrição acadêmica formal. Tal fator pode ser atribuído à chegada tardia dos fundamentos teóricos construcionistas aos pesquisadores brasileiros, que, atentando para indagações metodológicas mais recentes, acabaram por “pular” a fase de estudo dos usos linguísticos idiomáticos (intangíveis ao modelo gerativista) ocorrida no âmbito da linguística estadunidense. O presente trabalho, procurando colaborar para o suprimento desta carência, se propõe a descrever as propriedades semânticas e pragmáticas associadas à construção “Bem que X” do português brasileiro (como, por exemplo, em Bem que a

gente podia correr amanhã). Para esse objetivo, emprega-se o modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU; cf. CROFT e CRUSE 2001), segundo o qual a totalidade do conhecimento linguístico pode ser compreendida como um inventário estruturado de unidades simbólicas. Recorreu-se à análise de dados extraídos dos corpora virtuais Nilc/São Carlos e Corpus Brasileiro, disponíveis no website Linguateca (<http://www.linguateca.pt>). A análise quantitativa e qualitativa dos dados permitiu o desenvolvimento e formulação de quatro hipóteses. Em primeiro lugar, postula-se que a construção “Bem que X” seja uma construção de intersubjetividade (VERHAGEN, 2005) cuja função primordial é a asserção da posição do falante em relação a uma proposição pressuposta compartilhada entre os interlocutores. Define-se, assim, que sua função é eminentemente pragmática. Em segundo lugar, sugere-se que a construção é polissêmica, uma vez que pode desempenhar duas subfunções distintas: (i) refutar uma proposição pressuposta compartilhada entre os interlocutores e (ii) confirmar uma proposição pressuposta compartilhada entre os interlocutores. Em terceiro lugar, assume-se que, dentre as instâncias vinculadas à subfunção (i), é possível a distinção entre aquelas mais subjetivas, que excluem o falante do escopo da predicação, e aquelas mais objetivas, em que o falante faz parte também do escopo da predicação (LANGACKER, 1991). Por fim, sugere-se a existência de uma correlação entre determinados usos e predicadores verbais específicos. À luz dos fundamentos teóricos da Gramática de Construções Baseada no Uso, as diferentes instâncias de “Bem que X” podem, assim, ser formalizadas em termos de uma rede construcional taxonômica com quatro níveis diferentes de esquematicidade. O primeiro deles, mais abstrato, especifica simplesmente a ideia de posicionamento do falante em relação a uma proposição pressuposta. O segundo nível faz a distinção entre o tipo de posicionamento veiculado (refutação ou confirmação). O terceiro nível, por sua vez, distingue as duas instâncias vinculadas ao posicionamento de refutação (mais objetivo e mais subjetivo). O quarto nível, distingue, por fim, *types* formados através de itens verbais específicos, como, por exemplo, “Bem que + tentar” e “Bem que + poder”.

### **Referências bibliográficas**

CROFT, W; CRUSE, A. D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: University Press, 2001

LANGACKER, R. (1991). Subjectification. *Cognitive Linguistics*, v. 1, n.1, p. 5-38, 1991.

VERHAGEN A. *Constructions of intersubjectivity: discourse, syntax, and cognition*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

### **“QUE MANÉ TER DINHEIRO, EU QUERO É SER PESQUISADORA!” : UMA ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES [QUE MANÉ X], [QUE X O QUÊ] E [QUE X QUE NADA]**

Paula Sasse da Rocha  
Diogo Pinheiro

A presente proposta de trabalho tem como objetivo analisar três expressões idiomáticas (“idioms”) do português brasileiro (PB) à luz do quadro teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU; cf. DIESSEL, 2015; GOLDBERG, 2006; 2013; BYBEE, 2010; 2013). As construções pesquisadas são [Que mané X], que aparece em

frases como “Que mané dia dos namorados, o bagulho é copa!”, [Que X o quê], como em “Que sair o quê, eu quero é dormir.”, e [Que X que nada], usada, por exemplo, em “Que viajar que nada, ainda tenho um monte de trabalho pra fazer.” Assumindo-se o Princípio da Motivação Maximizada (GOLDBERG, 1995), e partindo-se da constatação de que todas essas construções são idiomas de codificação (FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1988), o trabalho busca motivar a forma idiossincrática dos três padrões. Propõe-se que as três construções estão ligadas entre si, bem como a uma série de outras construções idiomáticas do PB, por meio de links semânticos e fonológicos específicos, constituindo uma rede construcional que permite esclarecer a motivação de propriedades formais aparentemente arbitrárias.

## **QUIS ME DAR EXEMPLOS PRONTOS, LOGO EU QUE ESTUDO A LÍNGUA EM USO**

Jocinéia Andrade Ramos Araujo

O presente estudo pretende descrever a construção gramatical, presente na língua portuguesa, LOGO X por considerá-la com um novo significado a partir de um novo uso nos contextos observados em que a encontramos. A construção gramatical em questão, foge ao significado encontrado nas gramáticas de cunho prescritivo e descritivo do “logo” com valor conclusivo ou temporal. Assim, um novo significado, a noção de contraste, emerge do uso criativo e produtivo do falante. À luz da Gramática de Construção (GOLDBERG, 1995; CROFT; CRUSE, 2004) discute-se, através do inventário estruturado em que o falante organiza seus itens, ou seja, os pareamentos de forma e significado, o significado da construção LOGO X a partir da generalização na rede construcional, elencando as possibilidades de preenchimento do X, a saber: classes gramaticais como nome, advérbio e principalmente pronomes pessoais. Dessa forma, considerando que “a língua é uma rede de construções”, o estudo objetiva demonstrar que a construção LOGO X assume nova categoria sintática emergente a partir do uso: a de conector, e assume ainda um novo significado de quebra de expectativa, tendo a função pragmática focalizadora (ILLARI, 1992; CASTILHO, 2012).

**Palavras chaves:** construção; quebra de expectativa; foco.

### **Referências bibliográficas**

BOAS, H. C. The Syntax-lexicon continuum in Construction Grammar: A case study of English communication verbs. *Belgian Journal of Linguistics*, 24, 2010, pp. 54-82.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: FAPESP/Contexto, 2012.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. 2. Ed. 10. reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.



FILLMORE, Charles. Frame semantics and the nature of language. In: HARNARD, Steven R.; STEKLIS, Horst D.; LANCASTER, Jane. (eds.) *Origins and evolution of language and speech*. Nova York: New York Academy of Sciences, 1976.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. E. VAN DER AUWERA, J. This is to count as a construction. *Folia Linguistica*, 46, 1, 2012, 109–132.

ILARI, R. Sobre advérbios focalizadores. In: *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, v. II, 1992, p. 193-212

KONCHANSKA, A. Cognitive grammar, speech acts, and interpersonal dynamics: A study of two directive constructions in Polish. *Cognitive Linguistics*, 26, 1, 2015, pp. 1-94.

LEITE DE OLIVEIRA, D. *Construções de foco com o marcador éto em russo*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFRJ, 2017, capítulo 2, pp. 13-34.

NEVES, M. H. M. O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do português. *Alfa*, São Paulo, v.29, p.59-65, 1985.

### **"HÉTERO NÃO FAZ SEXO DIREITO": UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DAS REDES CONSTRUCIONAIS DE ADVÉRBIOS CANÔNICOS E DE ADJETIVOS ADVERBIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.**

Sara Martins Adelino  
Diogo Pinheiro

Sob o olhar da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU; cf. DIESSEL, 2015; GOLDBERG, 2006; 2013; BYBEE, 2010; 2013), busca-se verificar quais são as particularidades semânticas que distinguem dois padrões construcionais aparentemente equivalentes do português brasileiro: a construção [V + Adjetivo Adverbial], aqui referida como Construção de Adjetivo Adverbial, ou CAA (por exemplo: *Felipe escreveu rápido a mensagem*), e a construção [V + Advérbio Canônico], aqui referida como Construção de Advérbio Canônico, ou CAC (por exemplo: *Felipe escreveu rapidamente a mensagem*). Neste trabalho, explora-se a hipótese de que cada construção recobre um conjunto distinto de classes semânticas. Por exemplo, no português brasileiro, a impossibilidade de sentenças como *\*Beatriz explicou histórico o fenômeno* (em contraponto a *Beatriz explicou historicamente o fenômeno*) e *\*Juliana ama imenso* (em oposição a *Juliana ama imensamente*) parece sugerir que as classes semânticas de delimitação e intensidade não estão disponíveis para a CAA, ainda que sejam possíveis no que diz respeito à CAC. Sob a ótica da GCBU, interpretamos essa possível diferença como uma distinção referente ao nível intermediário da rede construcional que constitui

o conhecimento linguístico do falante; como resultado, o conjunto de construções intermediárias ligadas à CAC mais abstrata seria distinto do conjunto de construções intermediárias ligadas à CAA mais abstrata. Para verificar essa hipótese, foram coletados dados extraídos dos *corpora* Corpus Brasileiro e Corpo do Museu da Pessoa (ambos disponíveis em [www.linguateca.pt](http://www.linguateca.pt)) por meio dos seguintes comandos: `".*mente"` para os advérbios canônicos e `"[pos='V'] [pos='ADJ']"` e `"[pos='V'] [pos='ADV']"` para os adjetivos adverbiais. Após a coleta, todos os resultados foram revisados manualmente para que os seguintes tipos de dados fossem excluídos: (i) dados de línguas e dialetos estrangeiros, por exemplo o espanhol, o inglês, o italiano e também o português de Portugal; (ii) advérbios que não modificam verbo, como aqueles que se ligavam a nomes ou a sentenças como *um todo*; (iii) verbos nas formas de gerúndio e particípio; (iv) casos de ambiguidade estrutural, já que não era possível ter segurança em relação à interpretação estrutural pretendida; e (v) construções com interpretação inteiramente opaca, como *dar certo*. A análise dos dados ainda está em andamento.

**DIZER, ALEGAR E INFORMAR: AS DIFERENTES FORMAS DE  
ELOCUÇÃO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS**

Lúcia Helena Peyroton da Rocha  
Carmelita Minelio da Silva Amorim

Os verbos desempenham um papel fundamental na comunicação humana. Chafe (1979) subcategoriza o universo conceptual humano em duas grandes áreas: a do verbo e a do nome, atribuindo ao verbo um papel central. Os verbos, em geral, constituem os predicados das orações, os quais designam as propriedades ou relações básicas das predicções formadas na construção desses predicados com seus argumentos e os demais elementos do enunciado (NEVES, 2011). Essa preponderância dos verbos se justifica na medida em que em todas as línguas naturais há verbos, por isso esta classe é considerada um universal linguístico. O objetivo desta comunicação é apresentar um estudo sobre os verbos de elocução: dizer, alegar e informar que estamos desenvolvendo no Núcleo de Pesquisas em Linguagens da Ufes. A nossa análise repousa nos modelos baseados no uso para os quais a íntima relação entre estruturas linguísticas e instâncias de uso da linguagem é primordial, uma vez que o sistema linguístico do falante é fundamentalmente baseado em eventos de uso, ou seja, em instâncias de produção e compreensão da linguagem (KEMMER, BARLOW, 2000). Nessa perspectiva, a gramática deve ser pensada como uma organização cognitiva de experiências com a língua (BYBEE, 2006). Sendo assim, a análise de fenômenos linguísticos não pode ser estanque, mas deve considerar a junção entre os aspectos sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos. O corpus desta pesquisa se constitui de notícias coletadas em diversos jornais brasileiros on-line, no decorrer do ano de 2018. Buscamos descrever, analisar e explicar o funcionamento dos verbos "dizer, alegar e informar", dentro do universo dos verbos dicendi, recorrentes nas referidas notícias. Os resultados, ainda parciais, apontam para algumas regularidades quais sejam: funcionam ora como verbo de ação ora como de ação-processo, apenas o verbo "informar" seleciona como sujeito órgãos públicos ou privados, instituições etc.

**Palavras-chave:** transitividade; funcionalismo; verbos de elocução.

**Referências bibliográficas**

BARLOW, M.; KEMMER, S. (Org.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, n. 82, 2006.

CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

## **VER X” E “VER QUE X”: “VER” DE DIFERENTES FORMAS**

Mariana Pereira de Oliveira  
Carmelita Minelio da Silva Amorim

O tratamento tradicional dos verbos limita-se a categorização morfológica e sintática, não considerando a classificação semântica ou pragmática. Além disso, os exemplos apresentados, geralmente, são descontextualizados, apresentados por frases soltas, sem conexão com o texto do qual são retirados. Em uma perspectiva semântica, Viberg (1984) destaca que o campo semântico da percepção se organiza a partir dos cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar. Relacionada a isso está a classificação dos verbos perceptivos feita de acordo com o sentido envolvido na construção e com o papel semântico dos sujeitos desses verbos: (1) verbos de percepção ativa, que é conscientemente controlada pelo referente-sujeito; (2) verbos de percepção passiva, que acontece independentemente da vontade do referente-sujeito da oração. Segundo Cano Aguilar (1987), os verbos de percepção se enquadram em um grupo numeroso de verbos e também muito heterogêneo, tanto do ponto de vista sintático, quanto do semântico, que exige sujeito com o traço [+animado], e, no caso dos verbos que indicam percepção intelectual, sujeito [+humano]. Considerando isso, este trabalho tem como objetivo analisar o verbo de percepção passiva “ver”, a partir da natureza dos seus complementos (sujeito e objeto) e demais elementos que configuram o enunciado em que este verbo ocorre. A hipótese é que as características dos complementos influenciam o uso mais ou menos concreto desse verbo de percepção. O referencial teórico adotado é os modelos baseados no uso, que concebem a língua como um sistema adaptativo complexo, constituído, tanto de padrões mais ou menos regulares quanto de estruturas em permanente emergência, abarcando aspectos funcionais e cognitivos (BYBEE, 2010). O corpus é constituído de 46 amostras de fala do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix) (YACOVENCO, 2002). A análise dos dados partirá das acepções do verbo “ver” do Dicionário de Usos (BORBA, 2002).

**Palavras-chave:** verbo “ver”; padrões discursivos; modelos baseados no uso.

### **Referências bibliográficas**

BORBA, F. da S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo, Ática, 2002.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

## **CONSEQUÊNCIAS DO CONTATO LINGÜÍSTICO NA ZONA RURAL DO ESPÍRITO SANTO: A REGÊNCIA VERBAL**

Edenize Ponzo Peres  
Katiúscia Sartori Silva Cominotti

Os estudos apontam que, em uma situação de contato, as línguas envolvidas se influenciam mutuamente. Por sua vez, as pesquisas sobre as consequências do contato entre as línguas de herança e o português realizadas no Espírito Santo evidenciam que,

principalmente nas zonas rurais, a influência da língua minoritária se faz presente especialmente no nível fonético-fonológico. Entretanto, outros níveis também são influenciados. Desse modo, este trabalho, cujo referencial teórico é a Sociolinguística, especialmente a sua vertente dos Contatos Linguísticos (WEINREICH, 1970 [1953]), tem por objetivo apresentar as consequências linguísticas do contato entre o vêneto e o português no nível sintático, especificamente quanto à regência de alguns verbos pronunciados por quatro informantes idosos, agricultores aposentados, com pouca ou nenhuma escolaridade, todos descendentes de imigrantes originários da província do Vêneto, bilíngues em diferentes graus e residentes num distrito rural do município de Alfredo Chaves, Espírito Santo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas sociolinguísticas (LABOV, 1972) realizadas em julho de 2014. Os resultados indicam que a convivência em uma comunidade pequena, que até pouco tempo era bilíngue e que vivia em relativo isolamento propiciou, de um lado, a presença de traços das duas línguas em contato – o vêneto e o português – na linguagem dos mais idosos e, de outro, a existência de características que se diferem das regras de ambas as línguas. No tocante à regência verbal, especificamente, exemplos de frases encontradas no corpus são: “Eu nunca *bati um* filho. Eu nunca *bati um* filho”; “Bom, a Itália, lá eu *gostaria conhecer*. Não digo para ficar, mas *gostaria conhecer*”; e “Quando que eu entrei dentro da escola, eu *comecei sobiar*” (RB, 78 anos, masculino). As características da linguagem de informantes bilíngues, nascidos e residentes em comunidades rurais, são valiosas para os estudos de contatos linguísticos, bem como para o planejamento tanto do ensino de língua portuguesa quanto de ações que visem à valorização da língua de herança e, por conseguinte, a sua manutenção, o que justifica este estudo.

**Palavras-chave:** contato linguístico; bilinguismo; regência verbal.

### **Referências bibliográficas**

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

WEINREICH, Uriel. *Language in contact; findings and problems*. Paris: The Hague Mouton, 1970 [1953].

## **O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

Gesieny Laurett Neves Damasceno

Tendo em conta os componentes do Sistema de Transitividade sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (a saber, os Processos, os Participantes e as Circunstâncias), objetiva-se correlacionar as formas de codificação das cláusulas aos propósitos sócio-comunicativos dos gêneros discursivos (EGGINS; MARTIN, 1997). Como recorte analítico, descrevem-se os Processos do tipo Material e, mais especificamente, as diversas configurações que o Participante Ator assume no contexto particular das notícias jornalísticas (MELO, 1985). Os resultados pautam-se na análise de um *corpus* constituído por 31 notícias jornalísticas, retiradas do *corpus* VARPORT. O recorte de análise compreende 131 cláusulas construídas em torno de Processos Materiais, que são os Processos do fazer e do acontecer (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; 2013). A análise dos dados demonstrou que, no contexto das

notícias jornalísticas, as três diferentes formas de expressão do significado – congruente, metafórica (Metáfora da Transitividade) e metonímica – cumprem funções pragmático-discursivas bastante específicas. As expressões metafóricas, por exemplo, revelaram-se como um recurso muito importante para os casos em que o que se deseja é a omissão do real agente dos eventos narrados, sem que, no entanto, sejam geradas proposições incompletas. O uso mais frequente das expressões metafóricas com fins de ocultação do agente (49%/49) corrobora essa proposição.

**Palavras-chave:** linguística sistêmico-funcional; transitividade; configuração clausal; objetivos pragmático-discursivos.

### **Referências bibliográficas**

EGGINS, S.; MARTIN, J. Genres and registers of discourse. In: VAN DIJK, T. (ed.). *Discourse as structure and process*. v. 1. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 1997. p. 230-256.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.

\_\_\_\_\_. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4. ed. London and New York: Routledge, 2013.

MELO, J. M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

## **AS FORMAS DE REFÊRENCIA AO TEMPO FUTURO EM SITUAÇÕES DE INTERAÇÃO: LEVANTAMENTO E ANÁLISE**

Alexsander Carneiro Tinoco  
Maria Jussara de Almeida Abraçado

Esta pesquisa foi dividida em duas fases. Na primeira, buscamos compreender como era expresso o tempo futuro na língua latina, vimos que, nessa língua, havia algumas formas para se referir ao tempo futuro. No latim vulgar, algumas formas foram aos poucos sendo abandonadas em detrimento das formas sintéticas e perifrásticas. Nesse período, uma das formas perifrásticas era construída pelo verbo *habere* no presente do indicativo + Verbo Principal. Após ocorrer uma transformação do significado de *habere*, a perífrase aglutinou-se aos poucos, até construir as novas formas de futuro das línguas românicas no século XII (CÂMARA JR., 1985). Na língua portuguesa, a forma sintética do futuro existe com as formas perifrástica *ir* + infinitivo e o presente. Nesta pesquisa fizemos um levantamento de dados de fala e analisamos a fim de investigar as expressões de referência ao tempo futuro. Nela, consideramos também possíveis motivações para o uso de uma forma em detrimento de outras. Buscamos avaliar a atuação de algumas dessas motivações, através de alguns parâmetros semântico-discursivos. Na segunda fase, focamos a pesquisa na relação entre modalidade, verbos modais e o tempo futuro. Nesta fase, demos ênfase ao verbo *querer*, no qual se manifesta a volição, buscando compreender algumas especificidades em relação aos demais verbos modais.

## Referências bibliográficas

ABRAÇADO, Jussara. *The expression of the future tense in portuguese varieties spoken in Portugal, Brazil, Angola, Cape Verde, Mozambique, Guinea Bissau and Sao Tome and Principe*. Comunicação apresentada na 5th World Conference on Pluricentric Languages and their Non-Dominant Varieties. Mainz, University of Mainz (Germany), 13-16 July 2017.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss*. São Paulo: Publifolha, 2010.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. São Paulo: Inovação, 2013.

DIAS, Nilza B. e SOUZA, Fernanda C. A construção completiva com o volitivo querer. *Revista Veredas: sintaxe das línguas brasileiras*, vol. 18/1. 2014.

GRYNER, Helena. Emergência do futuro perifrástico no português carioca: o princípio da marcação. *Veredas, Ver. Est. Ling. Juiz de Fora*, v.6, n.2, p149 – 160, jul./dez. 2002.

MCCLEARY, Leland. *Sociolinguística*. Curso de Licenciatura em Letras-Libras. UFSC. 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Joseane M. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Faculdade de Letras – UFRJ. 2006

SANTOS, Valéria Cunha dos. *Intenção e desejo: usos de querer com implicaturas de futuridade*. 2016.

## OS PARTICIPANTES DE CLÁUSULAS COM O VERBO COMER: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA TRANSITIVIDADE VERBAL

Luciana Moraes Barcelos  
Lúcia Helena Peyroton da Rocha

Na mitologia Grega (GRAVES, 1998), Hydra foi descrito como um monstro com um corpo de cachorro e nove cabeças de serpente, uma delas imortal (alguns lhe atribuem oito, cinquenta ou cem). Nos estudos sobre a transitividade verbal, muitas vezes, as diferentes possibilidades de transitividade presentes em um só verbo são vistas, analogamente, como cabeças de Hydra, e alguns desavisados insistem em procurar a cabeça imortal, ou a transitividade ‘certa’ para cada verbo. Diante dessa realidade, propomo-nos a investigar a transitividade verbal pelo viés funcionalista, com foco específico nos participantes da cláusula. A presente comunicação expõe as pesquisas do projeto de pós-doutorado que investiga as diferentes formas de apresentação dos participantes, a partir da definição de Crystal (2008), no que tange às ocorrências de participantes subentendidos, não posicionais ou recuperáveis pelo contexto, em cláusulas

com o verbo *comer*. A partir desse recorte teórico, a análise aqui proposta perpassa a gramática de valências (Tesnière, 1959) e insere-se na hipótese da transitividade de Hopper e Thompson (1980) e de Thompson e Hopper (2001). A transitividade, então, é vista como uma propriedade da cláusula inteira, podendo ser observada por meio de um *continuum* classificatório, cuja base é composta por dez parâmetros, destacando-se o papel fundamental do parâmetro *participante*. Com o objetivo de compreender e delimitar melhor esse parâmetro, optou-se por elaborar uma pesquisa qualitativa, a partir de um *corpus* retirado da plataforma *Twitter*, após solicitação do verbo *comer* no ícone de pesquisa. Inicialmente buscou-se a forma no infinitivo, em seguida, foram pesquisados diferentes pessoas e tempos verbais. A partir dessa amostragem de uso, foi possível verificar como o falante do português usa tal verbo, destacando-se os casos de ausência de um segundo participante. Essa pesquisa não se propõe, por fim, invocar Heracles e cortar a cabeça imortal de Hydra, antes, coloca-se como observadora dos poemas gregos e das muitas faces como Hydra é descrita. As diferentes transitividades que um verbo apresenta no uso devem ser, ao linguista, objeto de descrição e análise, e ao poeta, de apreciação e usufruto.

### Referências bibliográficas

CRYSTAL, David. *A Dictionary of linguistics and phonetics*. 6th Edition. Oxford, UK. Blackwell Publishing, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*.

GRAVES, Robert. *Los mitos griegos II*. Madrid: Alianza Editorial, 1998. (arquivo on-line, [paginação diversa](http://www.mercaba.org/SANLUIS/ALiteratura/Antigua/Grecia/Graves,%20Robert-%20Los%20Mitos%20Griegos%20II.pdf)). Disponível em: <http://www.mercaba.org/SANLUIS/ALiteratura/Antigua/Grecia/Graves,%20Robert-%20Los%20Mitos%20Griegos%20II.pdf>

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. In: *Language*. Vol. 56 (2), 1980 (p. 251-299). TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Librairie C Klincksieck, 1959.

THOMPSON, Sandra; HOPPER, Paul. Transitivity, clause structure, and argument structure: Evidence from conversation. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and emergence of linguistic structure*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Company, 2001. (p. 27-60).

### **CORTANDO CAMINHO: UMA ANÁLISE DO VERBO CORTAR EM EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DO PORTUGUÊS**

Aparecida da Penha Krohling Christ

Este trabalho insere-se no quadro teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso. De acordo com Cunha, Bispo e Silva (2013), essa abordagem é o resultado da união da Linguística Funcional Norte-Americana com a Linguística Cognitiva, que, embora tenham suas particularidades, compartilham alguns pressupostos teórico-metodológicos, dentre os quais a visão da gramática como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, sendo dessa forma, passível de



afetamento pelo uso linguístico. De acordo com Bybee (2016), as expressões idiomáticas constituem um tipo específico de expressão pré-fabricada, cujo significado não literal depende, em geral, de metáfora, metonímia ou hipérbole para sua compreensão. Ainda segundo a autora, essas expressões são processadas e armazenadas como *chunk*, o que não significa que não tenham estrutura interna. Essa concepção ajuda-nos a compreender a versatilidade da construção "cortar o cordão-umbilical", que receberá uma interpretação baseada nos significados concretos, composicional, ou uma interpretação figurativa, dependendo do contexto. Objetivando analisar o uso do verbo "cortar" nessa e em outras expressões idiomáticas do português, buscamos respaldo, entre outros, nos estudos sobre a Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Salomão, 2009; Ferrari, 2016), projeções metafóricas e metonímicas (Lakoff e Johnson, [1980] 2002; Lakoff, 1987), encadeamento (*chunking*) e analogia (Bybee, 2016). Partimos da linguagem em seu uso para a escolha e a análise do *corpus*, composto de textos orais e escritos, produzidos e/ou veiculados preferencialmente no estado do Espírito Santo, em diferentes períodos, o que por si só implica a consideração da linguagem como uma atividade sociocultural e como tal, sujeita às pressões do contexto no qual se insere.

**Palavras-chave:** *chunking*, construções, metáforas.

### Referências bibliográficas

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão Técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M.A.; BISPO, E.B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013. p. 7-39.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

SALOMÃO. M.M.M. Tudo certo como dois e dois são cinco: Todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M.M.M. (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 33-74.

### A METAFORIZAÇÃO DOS VERBOS ARRASAR E DEITAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de metaforização dos verbos *arrasar* e *deitar* no português brasileiro. Esses predicados, típicos de ações como ‘tornar raso’ e ‘deixar-se cair’, em diferentes contextos, vêm se apresentando com um novo significado, passando a expressar sentidos ligados à intensidade e desempenho, como se vê nas ocorrências: “Gaulle, presidente da França, naquela época, *arrasou* nas eleições que convocou em 1968” (Folha.com – 13/05/2018) e “Ontem mesmo o ex-presidente Lula disse que é muito cedo para comentar um troço que só ocorrerá daqui a 17 meses, mesmo assim, *deitou* falação sobre a disputa de 2014” (Folha.com – 03/05/2013). Com base em Lakoff & Johnson (1980), Heine *et al* (1991) e Bybee (2003; 2010), presume-se que, em contextos como os citados acima, *arrasar* e *deitar* passam por um processo de metaforização com consequente generalização de significados, pois a partir de traços semânticos mais específicos, tais verbos passam a ampliar o contexto semântico e pragmático no qual ocorrem. Para análise, optou-se pelo levantamento de ocorrências entre os séculos XX e XXI no *Corpus do português* e no jornal online *Folha.com*. Sendo assim, será apresentado o processo de metaforização que permite a extensão semântica e pragmática dos verbos *arrasar* e *deitar*, a fim de elucidar a trajetória de abstratização desses itens.

**Palavras-chave:** funcionalismo; metaforização; verbos.

### Referências bibliográficas

BYBEE, J. Cognitive Processes in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.) *The New Psychology of Language*. Vol II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003a.

BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago, 1991.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

### AS CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS DE BASE VERBAL

Letícia de Almeida Barbosa  
Solange de Carvalho Fortilli

Considerando que o conhecimento da linguagem consiste em um sistema simbólico de pareamento entre forma e significado (CROFT; CRUSE, 2004) e que a totalidade desse conhecimento pode ser capturada em termos de redes de construções, este trabalho tem como objetivo analisar a parentetização dos verbos cognitivos do português, de modo a evidenciar a constituição de tais expressões, a partir da generalidade de padrões de uso. Os verbos cognitivos, tais *como crer, achar, pensar, supor, reconhecer, imaginar* e

*calcular* são caracterizados pela expressão de conhecimentos, atitudes, crenças e posicionamentos do falante diante de um conteúdo proposicional. Para Halliday (1985), esses verbos desenvolvem processos intimamente ligados ao planejamento da informação, à compreensão e à memória. Ao apresentarem comportamento parentético, construções como “eu imagino”, “eu penso”, “eu suponho” e “eu calculo” suspendem o tópico discursivo, sem afetar a coesão dentro do tópico no qual ocorrem e sem constituir uma nova centração tópica, o que pode ser visto em ocorrências como “A maioria das reclamações (*imagino eu*) fazem parte duma longa lista de ineficiências ([labinov.blogspot.com](http://labinov.blogspot.com) - Corpus do Português)”. Como partícula independente, tais expressões funcionam como modalizadores epistêmicos, que permitem ao falante fazer uma afirmação acerca de um fato que julga ser verdadeiro, sem se comprometer totalmente com sua afirmativa. Percebe-se que, dentre as construções com verbos cognitivos parentéticos, há uma gradualidade em termos de frequência, pois existem chunks mais fortes, como *suponho eu/penso eu* e chunks mais fracos, como em *calculo eu/deduzo eu* que, devido à especificidade dos seus traços semânticos, ainda encontram-se um pouco distantes do eixo modal epistêmico. Dessa forma, com base nos estudos cognitivos-funcionais de Bybee (2010), e nos pressupostos teóricos da abordagem construcional de Goldberg (2006) e Traugott & Trousdale (2013), é possível observar que existe um padrão específico para este uso, pois os verbos cognitivos que são utilizados, além de apresentarem, necessariamente, alguns traços semânticos que permitem a expressão de modalidade, não aceitam variabilidade de modo, tempo, pessoa e número, o que se constata pela forma cristalizada na primeira pessoa do singular no tempo presente e o modo no indicativo. Nesse sentido, para levantamento e análise de dados, optou-se pelo Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006), que contém dados dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Desse modo, com base em uma análise qualitativa e quantitativa, serão apresentados aspectos tais como a não composicionalidade e analisabilidade, as instâncias-*type* (subesquemas), a convencionalização do esquema parentético, e a rede de construções parentéticas epistêmicas de base verbal.

**Palavras-chave:** funcionalismo; parentetização; verbos cognitivos.

### Referências bibliográficas

BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*, Cambridge University Press, 2004.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*, 2006. Disponível online em <http://www.corpusdoportugues.org>.

GOLDBERG, A. *Constructions: A new theoretical approach to language. Trends in Cognitive Sciences*, 2003.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## **O VERBO PAGAR DENTRO DO CONTEXTO PENITENCIÁRIO PAULISTA: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO**

Kátia Roberta Rodrigues-Pinto

Este estudo objetiva analisar quais mecanismos cognitivos impulsionaram o verbo *pagar*, ligado a ações como ‘satisfazer dívida, preço ou valor’, a adquirir novos significados dentro do contexto penitenciário do Estado de São Paulo. Nota-se que, por meio da automatização desse item linguístico pela população carcerária em interação verbal com os servidores prisionais, o verbo *pagar* vem adquirindo características semânticas que se diferenciam de seu significado fonte, o qual se relaciona a valor monetário. Assim, devido à frequência de uso, *pagar* passa a referenciar traços como ‘*entregar, alojar, cumprir, fornecer, trocar e conceder* algo a/por alguém’, como se vê em ocorrências como: “Que hora vai *pagar* a boia?” e “Estou nessa unidade três dias *pagando* R.O”. Com base nos pressupostos teóricos de Lakoff e Johnson (1980), Heine *et al* (1991) e Bybee (2003, 2010), pressume-se que a polissemia do verbo *pagar* é proporcionada por mecanismos como: (i) extensão de significados, (ii) abstratização metafórica e (iii) habituação adquirida pela força semântica via repetição. Para Lakoff & Johnson (1980), a função primária da metáfora é proporcionar uma compreensão parcial de um tipo de experiência em termos de outro tipo de experiência, ou seja, experimentar, a partir de um campo conceptual concreto, um campo conceptual mais abstrato, o que pode ser observado em usos do verbo *pagar* no contexto selecionado. Nesse sentido, para analisar os diferentes usos do predicado *pagar*, serão utilizadas ocorrências retiradas do cotidiano prisional paulista a partir de relatos por interação verbal e dados escritos selecionados de livros atas e correspondências.

**Palavras-chave:** funcionalismo; contexto penitenciário; verbo pagar.

### **Referências bibliográficas**

BYBEE, J. Cognitive Process in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. M. (Ed. *The New Psychology of Language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. Vol. II, pag. 145-167.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

HEINE, B. CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

LAKOFF, G.; JOHNSON. M. *Metaphors we Live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

## **ENSINO DOS ARGUMENTOS VERBAIS ASSOCIADO A ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS DE LEITURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de ensino dos argumentos verbais associando-o à exploração de estratégias metacognitivas de leitura (Kato, 2007). O público-alvo foram estudantes do sétimo ano do Colégio Pedro II, *campus* Realengo II, do Rio de Janeiro. O verbo é uma classe de palavras complexa, cujo ensino deve considerar, pelo menos, três níveis gramaticais: morfológico, semântico e sintático. No que concerne ao âmbito sintático, decidimos por, antes de falar sobre transitividade, chamar a atenção dos estudantes para os argumentos exigidos por alguns verbos usando a estratégia de, a partir de um texto pronto, retirar alguns argumentos e perguntar aos estudantes se aquele fragmento de texto fazia sentido. Essa atividade fez com que eles percebessem que faltavam informações para que o texto pudesse ser considerado realmente um texto – pudesse fornecer subsídios para a construção da coerência. Em seguida, foi realizada uma atividade epilinguística (Franchi, 2006), na qual os discentes foram estimulados a operar sobre a própria linguagem, ao preencher as lacunas. Para atingir esse propósito, precisaram buscar pistas nas informações dadas – título, significado dos verbos – a fim de completar os espaços em branco de modo coerente, possibilitando que as estratégias metacognitivas de leitura, como o estabelecimento de um objetivo para a leitura e a formulação e testagem de hipóteses (Kleiman, 2011), fossem trabalhadas. Os resultados dessa atividade foram muito positivos, pois os estudantes puderam perceber que os verbos, de acordo com o sentido que veiculam e com o co-texto sentencial em que se inserem, exigem certos termos com determinadas características (+animado/-animado; ativo/passivo etc.), compreendendo as relações sintáticas entre o verbo e seus argumentos. Acreditamos que o ensino dos argumentos verbais relacionado à ativação das estratégias metacognitivas contribui para o desenvolvimento da competência leitora, haja vista tal competência depender de a capacidade do leitor proceder ao fatiamento do material lido em unidades linguísticas cada vez maiores (Kleiman, 2012), fator para o qual a descrição dos elementos que compõem a língua contribui enormemente.

### Referências bibliográficas

- FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato Miguel. "O verbo". In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do Português culto falado no Brasil*. Vol. III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.
- KATO, Mari. "Estratégias cognitivas e metacognitivas na aquisição de leitura". In: \_\_\_\_\_. *O aprendizado da leitura*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 123-138.
- KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 14 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 14 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

## CONSTRUÇÕES COPULATIVAS COM PREDICADORES ADJETIVAIS DEÔNTICOS E A SEMÂNTICA VERBAL DA COMPLETIVA SUBJETIVA

Dayane Alves Wiedemer

Neste resumo, apresentamos a pesquisa de mestrado, ainda em andamento, sobre a construção completiva composta por [verbo copulativo<sub>ser+</sub> predicativo<sub>preciso/necessário/obrigatório</sub> [oração completiva subjetiva]], que é uma estrutura linguística relacionada à modalidade deôntica, que se encontra no eixo da conduta e expressa os valores (graus) de obrigação, podendo ser moral, interna e ditada pela consciência ou obrigação material, externa, social e ditada pelas circunstâncias e necessidade (ALMEIDA, 1980; NEVES, 1996, 2010; ALVES WIEDEMER, 2016). Observar os diferentes usos dos graus de modalidade deôntica implica analisar como o falante emprega esse recurso para marcar impessoalidade em seu discurso, a fim de se distanciar, para não se comprometer com as informações veiculadas, seja, por um lado, em caráter predominantemente obrigatório, e, por outro lado, predominantemente necessário. Acreditamos que a gradiência da obrigação (obrigação interna ou externa e necessidade) é relacionada à natureza semântica dos verbos da oração completiva. Utilizamos a análise proposta por Halliday (1985), que classifica os verbos de acordo com o processo que representam e afirma que o sistema gramatical é baseado em sua transitividade. Esses processos são classificados em: (i) materiais; (ii) mentais; (iii) comportamentais; (iv) existenciais; (v) relacionais e (vi) verbais. E estes consistem em três componentes: o próprio processo, os participantes do processo e as circunstâncias associadas ao processo. Em nossos resultados, foi possível observar maior predominância de verbos materiais na obrigação externa, verbos mentais na obrigação interna, e, na necessidade, há uma distribuição maior das ocorrências entre as semânticas verbais. Pretendemos discutir, ainda, o papel dos verbos existenciais no processo de construção da impessoalidade. Nosso *corpus* de análise foi composto por discursos e votações disponíveis no site da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (*Alerj*), como são falas que visam o convencimento do outro, propiciam o uso da modalidade deôntica. A análise empreendida apoia-se nos pressupostos teóricos do Funcionalismo norte-americano.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, J. *Introdução ao estudo das perífrases verbais em português*. São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1980.

ALVES WIEDEMER, D. A modalidade deôntica na construção completiva impessoal com matriz *ser + preciso*: uma análise cognitivo-funcional. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, n. 45, v. 1, p. 100-114, 2016.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Great Britain, Edward Arnold, 1985.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. (Org.) *Gramática do português falado – v.vi*: Desenvolvimentos. Campinas: FAPESP/UNICAMP, 1996. p. 163-199.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2010.

# **ANÁLISE E DESCRIÇÃO DA TRANSITIVIDADE EM NOTÍCIAS DE FEMINICÍDIO: UMA INTERFACE ENTRE O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO E A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Alfredo Evangelista dos Santos Neto  
Gesieny Laurett Neves Damasceno

O fenômeno da transitividade tem sido um tema muito discutido entre os pesquisadores da linguagem, pois não há entre os gramáticos uma classificação uniforme que permita definir com precisão os limites de atuação do verbo na oração. O presente estudo visa a compreender o fenômeno da transitividade em sua ambiência linguística – mais especificamente, em notícias jornalísticas de feminicídio, veiculadas em jornais on-line do Estado do Espírito Santo. A temática será considerada a partir dos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico, em suas vertentes denominadas *norte-americana* (HOPPER; THOMPSON, 1980; THOMPSON; HOPPER, 2001) e *Linguística Sistêmico-Funcional* (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), que concebem a língua como um sistema que se constrói a partir das pressões de uso na interação comunicativa. Busca-se com este trabalho: (i) analisar o fenômeno da transitividade integrado ao gênero textual descrito anteriormente, com vistas a compreender o modo como os componentes da transitividade (número e natureza dos Participantes, tipos de Processos, grau de transitividade, relação Figura/Fundo etc.) constroem os significados nas notícias de feminicídio; (ii) averiguar a correlação entre os resultados obtidos na aplicação dos parâmetros de Hopper e Thompson (1980) e a aferição dos Processos arrolados pela Linguística Sistêmico-Funcional – a saber: Processos Material, Mental, Relacional, Verbal, Comportamental e Existencial (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Ao considerar o contexto linguístico em que as estruturas ocorrem, as configurações linguísticas serão ponderadas em suas dimensões morfossintática, semântica, discursiva e pragmática.

## **Referências bibliográficas**

- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Funcional Grammar*. 3. Ed. London: Edward Arnold, 2004.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*. V. 56 (2), Baltimore, 1980.
- THOMPSON, S.; HOPPER, P. Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

## **A TRANSITIVIDADE NO FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM EM USO**

Raquel Frontelmo Gomes da Silva

Esta comunicação apresenta os resultados de um estudo da transitividade oracional em verbos de objetos codificadores de mudança física. Esses verbos caracterizam-se por indicar ao mesmo tempo um fazer por parte do sujeito e um acontecer em relação ao objeto (cf. (1) João abriu a porta com chave falsa; (2) Uma chave falsa abriu a porta; (3) O vento abriu a porta. IGNÁCIO, 2002, p. 117). Para embasarmos nossa pesquisa, recorreremos ao Funcionalismo Linguístico Centrado no Uso, no qual se encontram os dez Parâmetros de Transitividade de Hopper e Thompson (1980). De acordo com esses autores, a transitividade é concebida não como uma propriedade categórica do verbo, mas como uma propriedade contínua, gradiente, da oração como um todo. O *corpus* foi constituído de manchetes e notícias de jornais que circulam socialmente, coletados via ferramenta de pesquisa *online* e a análise é de natureza qualitativa. Esperamos como resultado: (i) Uma maior compreensão do fenômeno da transitividade e também do funcionamento dos verbos, objeto desta pesquisa; (ii) Analisar e descrever o comportamento morfossintático, semântico, discursivo e pragmático desses verbos; (iii) Contribuir para a melhoria do ensino de língua portuguesa, no que tange ao complexo fenômeno da transitividade.

### **Referências bibliográficas**

ABRAÇADO, J.; KENEDY, E. (Orgs.) *Transitividade traço a traço*. Niterói: Ed. da UFF, 2014. (Coleção Ensaios, 36).

AMORIM, C, M, da, S. ROCHA, L, H, P. (Orgs). (In)*transitividade na perspectiva funcionalista da língua*. Vitória: Edufes, 2008.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelfhia: John Benjamins Publishing Company, V. 1, 2001.

HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. *Transitivity in grammar and discourse*. *Language*, Baltimore, v. 56, n. 2, 1980.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. São Paulo: Ribeirão Gráfica, 2002.

## **ENTRE OS MEUS VERSOS: ANÁLISE DE CANÇÕES À LUZ DA TRANSITIVIDADE**

Jamilly Lorencini Carone  
Gesieny Laurett Neves Damasceno

Desde muito tempo, estudiosos da língua vêm tentando compreender a transitividade e aplicar parâmetros de análise para esse fenômeno. A partir dos postulados de Hopper e Thompson (1980), os estudos acerca da transitividade começaram a ser explorados sob outro viés, passando a analisar não somente os verbos, mas as orações como um todo, além de apontar noções como as de Figura e Fundo dentro do gênero narrativa. Uma vez que “os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social” (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 158) e entendem que a língua e a comunicação entre os falantes estão vinculadas, os estudos acerca da transitividade têm o enfoque na maneira



como os indivíduos organizam seu discurso durante os atos comunicativos cotidianos e propõem uma abordagem para além da tradicional dicotomia “transitivo x intransitivo”. Desmembrando os parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980), Silveira (1990), em sua tese, postulou uma nova escala, trazendo uma proposta de análise eneária ao invés de binária, como era feita pelos autores norte-americanos, uma vez que a análise binária, muitas vezes, torna-se insuficiente. Considerando esses princípios, propomo-nos a explorar o gênero canção, que, de acordo com Manzoni e Rosa (2010), trata-se de um gênero híbrido por estabelecer uma ligação entre o texto musical e o poético, sendo impossível a dissociação entre poema e canção. Esse gênero possui, como objeto de análise, justamente a música, um fato social que está em constante modificação, dependendo do contexto histórico em que se insere e a partir de diversos fatores extralinguísticos. Por isso, para esta comunicação, trabalharemos com duas canções de cunho social, sendo elas “Construção”, de Chico Buarque (1971) e “O homem que não tinha nada”, do rapper Projota (2015), com o intuito de, a partir da comparação entre os modelos de análise adotados por Hopper e Thompson (1980) e Silveira (1990), bem como as postulações de Crystal (2008) no que tange ao parâmetro Participantes, estabelecermos uma relação entre a alta, a média e a baixa transitividade, e a maneira como a construção de sentido pôde ser estabelecida pelas escolhas lexicais utilizadas nas canções.

### **Referências bibliográficas**

BUARQUE, C. *Construção*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45124/>> Acesso em 02 de março de 2016.

CRYSTAL, D.; *A dictionary of Linguistics and Phonetics*. 6. ed., [S.l.]: Blackwell Publishing, 2008.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. *Transitivity in grammar and discourse*. Language. V. 56 (2), Baltimore, 1980.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de lingüística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MANZONI, A. S. S.; ROSA, D. B. *Gênero canção: Múltiplos olhares*. Universidade Federal de Alagoas, 2010. Disponível em: <<http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile/322/230>> Acesso em 29 abr. 2015.

PROJOTA. *O homem que não tinha nada*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/projota/o-homem-que-nao-tinha-nada/>> Acesso em 05 de agosto de 2017.

SILVEIRA, E. S. *Relevância em narrativas orais*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1990.

### **TRANSITIVIDADE SOB A ÓTICA DA LINGÜÍSTICA CENTRADA NO USO: ANÁLISE DE TIRAS DA MAFALDA**

O fenômeno analisado é o da transitividade na perspectiva da teoria baseada no uso. Essa teoria é o resultado da conjunção do funcionalismo norte-americano ao cognitivismo, que concebe a língua como sistema adaptativo complexo que se sustenta da interação entre cognição, cultura e uso. O *corpus* se constitui de tiras da Mafalda, coletadas do livro *Toda Mafalda*, de autoria de Quino. Como aporte descritivo-metodológico, aplicamos os dez Parâmetros de Transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980), com vistas a investigar como os traços componentes do sistema de transitividade se articulam no gênero tiras. Nesse sentido, são observadas tanto as propriedades sintáticas e semânticas dos elementos envolvidos na transitividade quanto as propriedades pragmáticas e discursivas que atuam nas escolhas efetuadas. Trata-se, portanto, de uma análise qualitativa das tiras da Mafalda, organizadas pelas temáticas: política, social, ambiental e educacional. Este trabalho se justifica tanto pela escolha do referencial teórico que permite a investigação de fatos linguísticos na língua em uso quanto pela escolha de um *corpus* para análise que traz à tona temas atuais, que promovem reflexão. Sendo assim, esperamos que os resultados possam ser aplicados ao ensino de língua portuguesa, juntamente com os outros trabalhos coordenados pela Profa. Dr<sup>a</sup> Lúcia Helena.

### Referências bibliográficas

- CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso* – São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção leituras introdutórias em linguagem).
- FURTADO DA CUNHA; M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. In: CEZARIO, M. M.;
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. New York: Orford University Press, 1995.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, p. 139-157, 1987.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*. V. 56 (2), Baltimore, 1980.
- MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. 4 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo. In: WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Linguística: fundamentos*. Rio de Janeiro: CCAA, 2006.
- QUINO. *Toda mafalda*. Trad. Andrea Sthael M. da Silva et al. São Paulo Martins Fontes, 1993.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. *Dicionário de comunicação*. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

## **ESTUDO DOS VERBOS *DICENDI* À LUZ DA LINGÜÍSTICA CENTRADA NO USO**

Vanessa Carvalho Bussolar  
Lúcia Helena Peyroton da Rocha

O objetivo é analisar o comportamento sintático, semântico, discursivo e pragmático dos verbos *dicendi*, “aqueles que introduzem discurso (discurso direto ou discurso indireto) e que cujo complemento direto é o conteúdo do que diz” (NEVES, 2000, p. 47). Para tanto, segue a proposição da Teoria Baseada no Uso, que é a junção do funcionalismo norte-americano e o cognitivismo (GIVÓN, 2001; HOPPER; THOMPSON, 1980; 2001, CROFT; CRUSE, 2004, FAUCONNIER, 1999, LANGACKER, 1991). A língua é vista como um sistema adaptativo complexo que emerge da interação entre cognição, cultura e uso (BYBEE, 2016). Este estudo se justifica na medida em que a transitividade ainda hoje se configura um fenômeno complexo e de difícil compreensão e também pela teoria eleita para subsidiar a análise. A metodologia é qualitativa, analítica e descritiva. Esses métodos mostram-se eficientes, visto que nos permitem conhecer a natureza sintática, semântica, pragmática e discursiva dos verbos *dicendi*. O corpus se constitui de notícias dos dois veículos consagrados no estado de Espírito Santo, a saber: A Gazeta e A Tribuna, nas Editorias Cidades, Policial, Política, Economia e Esportes, no período de janeiro de 2018 a março de 2018. Os dados foram coletados em notícias publicadas pelos jornais através do sítio eletrônico da A Gazeta e A Tribuna. Os verbos *dicendi* analisados comportaram-se como verbos de ação, com complementos oracionais, que são os conteúdos proferidos, selecionaram como sujeito sintático um elemento codificado semanticamente como agente prototípico, porque tem os traços: [humano e definido].

### **Referências bibliográficas**

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHAFE, W. L. *Giviness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view*. In: LI, C. N. (Ed.) *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FURTADO DA CUNHA; M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. In: CEZARIO, M. M.

GIVÓN, T. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1989.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. *Transitivity in grammar and discourse*. Language. V. 56 (2), Baltimore, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Stanfor: Stanfor: University Press, 1991.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EDUNESP, 2000.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010 [1984].

SAID ALI, I. M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3. Ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1964.

**A CONSTRUÇÃO DAR UMA X-(A)DA: UMA ABORDAGEM  
CONSTRUCIONAL**

Alzira da Penha Costa Davel

Este estudo tem por objetivo investigar o uso e as mudanças das microconstruções, cujos padrões são configurados como DAR UMA N-ADA SPREP e DAR UMA V-DA (SPREP), licenciadas pelo esquema DAR UMA X-(A)DA (SPREP), como, “*Dar uma bofetada/ cotovelada no menino*”; “*Dar uma olhada/ pesquisada no caderno*”. Para tanto, utilizamos o aporte teórico dos Modelos Baseados no Uso, principalmente, o da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; BYBEE, 2010), que entendem construção como um pareamento de forma-significado. Nessa abordagem, presume-se que o desenvolvimento e/ou a criação de novas construções é o resultado da ação de mecanismos cognitivos mais gerais, sendo os principais, para este estudo, a categorização, o *chunking* e a analogia (cf. BYBEE, 2010). Os Modelos Baseados no Uso enfatizam, ainda, a importância da frequência para a formação de novos padrões-*types*. As microconstruções aqui tratadas são parcialmente esquemáticas (BYBEE, 2010), com duas posições especificadas (verbo DAR e DETERMINANTE UMA) e dois *slots* esquemáticos (a nominalização resultante da combinação com ADA e o SPREP). Trata-se de construções de cunho semiformal, em geral, frequentes na oralidade. A partir de dados do português contemporâneo, coletados em *blogs* e *sites*, constantes do Corpus do Português (DAVIES & FERREIRA, 2006), que abordam temas como (filmes, culinária, viagem, moda, entre outros), buscamos verificar as seguintes hipóteses: (i) em termos estruturais e morfossintáticos, DAR UMA N-ADA SPREP e DAR UMA V-DA (SPREP) estão ligadas à construção canônica de transferência de posse (GOLDBERG, 1995; FURTADO DA CUNHA, 2017) por elos polissêmicos; (ii) do ponto de vista semântico, essas construções envolvem diferentes valores aspectuais, de pontualidade para as primeiras e de duração breve, para as últimas, e (iii) as duas microconstruções estão em processo de expansão, principalmente, pela variedade de formas nominais e verbais recrutadas para preencher os *slots* N e V, de modo que acarreta mudanças tanto na sua forma como no seu significado. Os resultados da análise mostram que as microconstruções de base nominal exibem menor grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade do que as de base verbal.

**Palavras-chave:** mudança construcional; construção; microconstruções.

**Referências bibliográficas**

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, Willian. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Motivações semântico-pragmáticas para a ordenação dos argumentos na construção ditransitiva. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 555-584, 2017.

GOLDBERG, Adele. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and constructional change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

## **UMA TRAJETÓRIA DE CONSTRUCIONALIZAÇÃO DA PERÍFRASE: Vpassar + a + V2**

Geisa Jordão

O verbo passar, em construções perifrásticas, vem ganhando relevância, segundo nossas investigações, apresentadas na tese “Construções com o verbo passar: mudança construcional em perspectiva funcional”. Para esse simpósio, destacamos a parte relativa às construções perifrásticas. A abordagem tem, por foco, usos da perífrase Vpassar + a + V2, em registros do século XVIII, conforme: “Passa o erudito filólogo nas pag. 7, 8,9 &c. a tratar das idades da lingua Latina, e do merecimento dos Autores, que nellas escreveraõ.” (Corpus do português), em que se percebe a presença de extenso material interveniente, e outros registros como: “acho que é o começo de tudo, a pessoa passa a se conhecer mais, ...” (século XX - Corpus D & G), com menos material interveniente, nesse sentido, investigamos as motivações no uso da perífrase em estudo. Essa apresentação tem por base teórica o funcionalismo linguístico, principalmente, nos postulados de Traugott & Trousdale (2013), Trousdale (2014), e contribuições da linguística cognitiva, como as pesquisas de Croft (2001). Consideramos material interveniente entre V1 e V2 as palavras que se encontram deslocadas de sua posição tradicional: Sujeito – Verbo – Objeto (S V O).

### **Referências bibliográficas**

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. On the relationship between grammaticalization and constructionalization. *Folia Linguística*, v. 48, n. 2, 2014.

## **AS MÚLTIPLAS INSTANCIÇÕES DOS ADVÉRBIOS PREPOSICIONAIS ANTES DE, DIANTE DE, EM FRENTE A/DE E EM FACE DE: PADRÕES GRAMATICAIS SENSÍVEIS AOS CONTEXTOS DISCURSIVOS**

Fábio Rodrigo Gomes da Costa

O presente trabalho tem como propósito analisar os contextos de usos dos advérbios preposicionais *antes de*, *diante de*, *em frente a/de* e *em face de* e verificar a relação entre

significado/função. A hipótese de investigação é que os advérbios preposicionais são microconstruções gramaticais que apresentam traços de ambas as categorias gramaticais: advérbios e preposições. Além disso, apesar de sua origem espacial, os advérbios preposicionais podem apresentar sentidos derivados a depender do sentido enunciativo (frame pragmático, conforme Fried, 2010), o que confirma a atuação dos contextos de mudança linguística conforme os critérios estabelecidos por Heine (2002), Diewald (2002) e Diewald&Smirnova (2012). Podemos afirmar, por meio dos dados coletados, que as microconstruções analisadas, em contextos locativos, instanciam usos [+preposicionais] e em contextos mais abstratos, instanciam usos [+adverbiais]. O aporte teórico deste estudo está fundamentado no quadro teórico-metodológico da LFCU (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, CROFT, 2001 entre outros). A fim de realizar esta investigação, foram observados usos dos advérbios preposicionais no jornal *Folha de São Paulo* e no jornal *Estadão*, entre os meses de julho e outubro de 2017. Os principais resultados demonstram que o advérbio preposicional *antes de* foi encontrado no sentido de tempo e de efeito/resultado; o *diante de*, no sentido de lugar, de oposição e de causa; o *em face de*, apenas no sentido de causa; e o *em frente a/de*, no sentido de lugar.

**Palavras-chave:** advérbios preposicionais; linguística funcional centrada no uso; mudança linguística.

## Referências bibliográficas

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G. *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam & Philadelphia: Benjamins, p. 103-120, 2002.

DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: *Grammaticalization and Language Change. New reflections*. Amsterdam: Benjamins, p. 111-133, 2012.

FRIED, Mirjan. *Constructionn and frames as interpretive clues*. Belgian Journal of Linguistics, p. 83-102, 2010.

HEINE, Bernd. On the role of the context in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G. *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam & Philadelphia: Benjamins, p. 83-101, 2002.

TRAUGOTT, Elisabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## CONSTRUÇÕES COM O VERBO *DAR* NO PORTUGUÊS ARCAICO: REFLEXÕES PRELIMINARES

Deivid Borges Santos

Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado em andamento que aborda as construções com o verbo dar no português arcaico (PA), período compreendido entre os séculos XIII e XVI, segundo Mattos e Silva (2008). Para tal apresentação, consideram-se aspectos teórico-metodológicos aplicados, bem como, alguns dos resultados preliminares acerca das construções selecionadas. O problema de pesquisa centra-se em compreender quais construções eram realizadas no PA com um verbo recorrente na Língua Portuguesa (LP) em estágio atual, e de que maneira a rede construcional em torno desse verbo pode ser organizada. Tais questões emergiram da detecção de que, no PA, encontram-se exemplos como: "*Ao lançar do pao, ena sela/ deu do cuu maoo/ e quebrou-lh'a sela*" (Cantiga de Escárnio e Maldizer do séc. XIII); "*as armas que elles tynham be~ dava~ synall de quejamdo fora o trabalho em que elles amdara*" (Crônica do Conde D. Pedro de Menezes, séc. XV); "*a viinda a julgar em que nos dara parte da sua victoria*" (Catecismo do séc. XVI). Essas realizações estão em textos editados e disponibilizados no Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM) e não foram investigadas no âmbito da Gramática de Construções (GC). Diante dessa lacuna, a pesquisa, ao enveredar pelo período anterior da língua, poderá fornecer uma visão parcial da gramática do PA e base para um novo entendimento acerca das construções com esse verbo. Dessa forma, objetiva-se: analisar dos aspectos sintático-semânticos e lexicais das construções argumentais com o verbo *dar*; discorrer sobre a GC e suas contribuições para a descrição gramatical do PA; explicar, a partir da Linguística Cognitiva (LC), os processos cognitivos subjacentes à relação de integração na rede de construções desse verbo; investigar os diferentes tipos de laços de herança entre as construções. No atual estágio, esta pesquisa apresenta: revisão da literatura sobre a LC e a GC, bem como a revisão necessária sobre a Linguística Histórica; pesquisa nos corpora do PA digitalizados e disponíveis no CIPM e prévias análises, tendo como base a teoria construcional desenvolvida por Goldberg (1995). Desenvolve-se, assim, uma reflexão para dar conta do entrelaçamento dos estudos em LC com a constituição histórica da LP, no que concerne ao seu período mais recuado, propondo uma análise de estruturas argumentais numa perspectiva histórica, visto que a maior parte dos trabalhos realizados com a GC têm se orientado numa perspectiva sincrônica contemporânea; e, justamente pela aproximação com a Linguística Histórica, essa investigação poderá incrementar as discussões sobre como a teoria se comporta na apuração da mudança linguística e, ao final, propalar os estudos cognitivistas, precisamente os estudos construcionistas, como um caminho teórico-metodológico para a sintaxe histórica.

**Palavras-chave:** gramática de construções; português arcaico; verbo dar.

### **Referências bibliográficas**

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

## **A REDE DAS MICROCONSTRUÇÕES CONECTIVAS CAUSAIS NO PORTUGUÊS ARCAICO**



O objetivo do presente trabalho é apresentar uma proposta de rede para as microconstruções conectivas causais do português arcaico (do século XIII a meados do século XVI), à luz da abordagem construcionista da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; DIESSEL, 2015). Para esse modelo, a língua é uma complexa e dinâmica rede de construções e *links* diversos entre elas, cuja configuração é motivada pelo uso e por processos cognitivos de domínio geral (KEMMER & BARLOW, 2000; BYBEE, 2010). A partir do exame de textos do português arcaico, atestamos uma variedade de microconstruções causais que se constituem pela marcação explícita de um conectivo causal, a saber, *porque*, *porquanto*, *pois que*, *pois*, *ca*, *como*, *segundo*, entre outros. Uma vez que essas construções apresentam formas distintas, assumimos a hipótese de que seus usos apresentam nuances funcionais que as distinguem uma das outras, conforme previsto pelo princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995). Dentre as propriedades investigadas, a que mais se destacou foi o tipo de relação causal, que tratamos aqui em termos de domínios conceptuais, seguindo a proposta de Sweetser (1990), para quem as relações causais podem se estabelecer basicamente em três domínios distintos, quais sejam, o domínio do conteúdo, o domínio epistêmico e o domínio dos atos de fala. De acordo com os resultados obtidos, verificamos que algumas microconstruções apresentam certa preferência por determinados domínios. A microconstrução causal com *ca*, por exemplo, exibe maior preferência pelo domínio epistêmico, enquanto a microconstrução com *porque* se apresenta com maior frequência instanciando relações causais no domínio do conteúdo. Dados os resultados, propomos um esquema de rede construcional com vistas a representar os *links* entre as microconstruções conectivas causais e os três domínios da causalidade, levando em conta a frequência de uso de cada microconstrução no período arcaico do português.

### Referências bibliográficas

- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIESSEL, H. Usage-based Construction Grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D (Eds.), *The Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2015.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: a usage-based conception of language. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (Eds.), *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000, p. vii-xxviii.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

## **A FORMAÇÃO DAS MICROCONSTRUÇÕES UMA VEZ QUE, ASSIM QUE E JÁ QUE NO PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL**

Monique Petin Kale dos Santos

O objetivo do presente trabalho é investigar a formação histórica das microconstruções uma vez que, assim que e já que na língua portuguesa entre os séculos XIII e XIX, com base na macroconstrução abstrata [Xque]CONNECT. Assim sendo, nosso trabalho revela a mudança ocorrida no uso das construções uma vez/ já/ assim e do pronome relativo que, que deixaram de ser um advérbio temporal + complementizador que e se transformaram em uma microconstrução conectiva. Nessa perspectiva, apresenta-se a representação rede construcional a fim de explicitar a formação das microconstruções conectivas. Para tanto, utilizamos o arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, investigamos o fenômeno da mudança linguística, considerando fatores como a frequência de uso das construções linguísticas, e habilidades cognitivas, chunking e analogia, que explicitam os aspectos sintático-semânticos do sistema linguístico. Nossa abordagem teórica, da Construcionalização e Mudanças Construcionais (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2010, 2015). Essa fundamentação abrange os principais pressupostos do Modelo da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), a fim de explicar a mudança da rede linguística, vista como uma rede nós (pareamentos de forma e função) que são conectados de maneira hierárquica. Observamos como esquema abstrato formado pela macroconstrução [Xque]CONNECT colabora para a formação das microconstruções uma vez que, assim que e já que, criando novos nós na rede construcional, observaram-se as três principais propriedades em uma análise composicional, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Verificamos, assim, que a produtividade aumenta em consequência da maior frequência de tipos de elementos que sejam elencados para preencher o slot (X) da construção. Já a esquematicidade se refere ao número de elementos que preenchem o slot (X), pois quanto maior a quantidade desses elementos, mais esquemática será a construção. A composicionalidade refere-se com ao de que a soma das partes da construção não leva ao seu significado. Assim, ao se construcionalizar, as microconstruções conectivas estudadas perdem o sentido de suas partes e se tornam mais opacas.

**Palavras-chave:** microconstruções conectivas; chunking; uma vez que; assim que; já que.

### **Referências bibliográficas**

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, Adele. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; Graeme Trousdale. Gradience, gradualness and grammaticalization: how do they intersect? em Elizabeth Closs Traugott / Graeme Trousdale (eds.), *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. *Construcionalization and constructional changes*. Oxford: University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: Jóhanna Bar dal; Elena Smirnova; Lotte Sommerer; Spike Gildea. (Org.). *Diachronic construction grammar*. 1. ed Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.

## **UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL PARA OS VERBOS CLIMÁTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: OBSERVAÇÕES PRELIMINARES**

Natival Almeida Simões Neto

Na tradição gramatical do português, construções com verbos climáticos, como “*Choveu*” e “*Está nevando*” são tratadas como sendo de sujeito inexistente. No português brasileiro (PB), estudos como o de Duarte (1996) têm sinalizado a tendência ao preenchimento do sujeito, mas o sujeito foneticamente nulo ainda resiste nessas construções. Se observarmos as realizações do inglês (*It rains/ It snows*) e do francês (*Il pleut/ Il neige*), vemos que essas línguas demandam um sujeito expletivo, porém, no PB, o que tem sido observado é a realização de um sujeito pleno, como em “*Algumas cidades nevam no inverno*” e “*Todos os dias choveram muito*”, sugerindo uma mudança na sua estrutura argumental. Neste trabalho, ainda inicial, analisam-se as mencionadas realizações do PB em uma abordagem construcional (GOLDBERG, 2006; TRAGOUTT E TROUSDALE, 2013), considerando os seguintes aspectos: (i) a prototipicidade do padrão transitivo SVO em línguas de tendência agentiva (CIRÍACO, 2014); (ii) um possível desencontro sintático-semântico entre os itens lexicais que integram as construções (SAMPAIO, 2013); (iii) o pano de fundo sócio-histórico e a observação dos mesmos padrões em línguas da família bantu (MATTOS E SILVA, 2004; LUCCHESI E BAXTER, 2009; AVELAR E GALVES, 2014). Espera-se que esta pesquisa contribua para os estudos históricos em perspectiva construcional, destacando aspectos de mudança sintática, aquisição da linguagem e história sociolinguística do PB.

**Palavras-chave:** verbos climáticos; mudança construcional; português brasileiro.

### **Referências bibliográficas**

ARAÚJO, E. A. Construções de tópico, in: LUCCHESI, D; BAXTER, A; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009, p. 232-250.

AVELAR, J.; GALVES, C. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. *Revista Linguística* (Online), v. 30(2), p. 241-288, 2014.

CIRÍACO, L. A construção transitiva em PB: associando a gramática de construções à decomposição lexical. *Alfa*, v. 58, n. 2, p. 401-416, 2014.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro, in: ROBERTS, I. & KATO, M. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica* 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 107-128.

GALVES, C. M. C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, v. 34, p. 7-21, 1998.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KATO, M. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? In: *Cadernos de estudos linguísticos*, n. 17, p.109-132, 1989.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A Transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI, D.;

BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 101-124.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

SAMPAIO, T. F. O Desencontro Sintático-semântico em uma Construção de Tópico: a Construção de Argumento Cindido com SN-Artefato. *Alfa*, v. 57, n. 1, p. 199-227, 2013.

TRAGOUTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: OUP, 2013.

## **MUDANÇA NA REDE CONSTRUCIONAL DO SINTAGMA NOMINAL PARA PRONOME: A CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE A GENTE**

Maria Maura Cezario  
Bruna das Graças Soares

O objetivo deste trabalho é apresentar uma rede construcional dos coletivos de pessoas licenciada pela construção abstrata [(X) N<sub>COLET SG</sub> (Y)], que pode explicar a formação histórica das microconstruções *a gente* (artigo + substantivo), *muita gente*; *o povo*; *todo o mundo*, dentre outras, e a construcionalização da forma pronominal *a gente*, no português. Em outras palavras, a pesquisa visa a observar a mudança que ocorreu com o uso de *a gente* (determinante + substantivo), que deixou de ser SN com valor de coletivo e se tornou um pronome. Dentro dessa perspectiva, desenvolve-se a representação de uma

rede para demonstrar a formação da construção pronominal. A partir do referencial teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, busca-se debruçar sobre os dados nos seus contextos reais de comunicação, unindo o papel da frequência de uso das construções linguísticas a fatores cognitivos que expliquem os aspectos sintático-semânticos do sistema da língua. O modelo teórico utilizado nesta tese é o da Construcionalização/Mudanças Construcionais, com base em Traugott & Trousdale (2013) e Traugott (2015), que entendem o surgimento de uma nova construção através dos micropassos de mudança. O modelo da Gramática de Construções (nos termos de GOLDBERG, 1995; 2006, CROFT, 2001) também foi usada para explicar o conceito de que uma construção é qualquer unidade com pareamento forma-sentido bem como a rede de construções. Para fundamentar a proposta, estabelece-se uma análise qualitativa e quantitativa de dados do século XVI ao XX em corpora de língua escrita, cujo gênero discursivo é composto por cartas. Como o foco da pesquisa é verificar como o esquema abstrato [(X) N<sub>COLET SG</sub> (Y)] contribuiu para a formação da construção pronominal *a gente*, gerando um novo nó na rede, buscaram-se três parâmetros importantes para uma análise construcional: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

**Palavras-chave:** linguística funcional centrada no uso; construcionalização; gramática de construções.

### Referências bibliográficas

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A.E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press. 1993.

HOPPER, P.; TRAUGOTT E. *Grammaticalization*. Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press, 2003. xx – 276.

LOPES, C. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v. 18. p. 174.

TRAUGOTT, E. *Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization*. Draft for a volume on historical construction grammar. Editado por Elena Smirnova Jóhanna Bardal, Spike Gildea e Lotte Sommerer. 02/03/2015.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs &. TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## MARCADORES DISCURSIVOS FOCALIZADORES: UMA ANÁLISE SOB A CONSTRUCCIONALIZAÇÃO GRAMATICAL

Gustavo Ribeiro Patrício Barbosa  
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Este trabalho tem por objetivo tratar da mudança de marcadores discursivos (MDs) focalizadores formados por verbos de percepção cognitiva em configuração imperativa e pelos advérbios focalizadores “só” e “bem”, como, por exemplo, “olha só” e “veja bem”. A fim de cumprir tal objetivo, assumimos os pressupostos da abordagem da construcionalização gramatical, a qual se caracteriza pela instanciação de novos pares forma-sentido que passam a compor a gramática da língua, que, como outros sistemas da cognição humana, consiste de uma rede composta por nós hierarquicamente organizados e formados por construções (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Os dados deste trabalho foram retirados e analisados a partir de um *corpus* escrito da sincronia atual, cujos textos são oriundos de *blogs* de temáticas variadas. Com o levantamento de dados obtido por meio de uma análise qualitativa, nossa hipótese é de que as construções de verbos de percepção cognitiva + advérbio focalizador (“só” ou “bem”) configuram-se como marcadores discursivos, tendo, dentre outras funções mais específicas, o pedido de atenção do interlocutor. Nesse sentido, assumimos, neste trabalho, que a configuração imperativa dos marcadores discursivos analisados, por si só, já configura uma estratégia de focalização, uma vez que sua função discursiva é, principalmente, sequenciar um tópico, podendo operar tanto na organização textual quanto na organização interacional (MARCUSCHI, 1989), além de contribuírem para a coerência discursiva (SCHIFFRIN, 1987). Nesse caso, como os resultados obtidos apontam, é possível propor uma rede construcional a partir dos padrões identificados e analisados.

### Referências bibliográficas

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p. 281-322.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## OS TIPOS DE CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO *ACONTECE QUE* NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Priscilla Hoelz Pacheco

Este trabalho tem como objetivo analisar, em perspectiva sincrônica, os diferentes tipos de uso da construção *acontece que*, com base na proposta de contextos de Diewald (2002, 2006) e Diewald & Smirnova (2012), bem como à luz dos pressupostos funcionalistas e da abordagem construcional da gramática. Por meio dessa análise, visamos contribuir para a compreensão do processo de mudança da construção no português contemporâneo,

que resultou em sua construcionalização gramatical (cf. Traugott & Trousdale, 2013), estabelecendo-se como um pareamento forma<sub>nova</sub>-significado<sub>novo</sub> e, consequentemente, permitiu sua integração paradigmática (cf. Diewald & Smirnova, 2012) na categoria dos conectores do campo semântico do contraste. Nesse sentido, nossa pesquisa tem um caráter prioritariamente qualitativo com dados extraídos do banco de dados Memória Roda Viva, disponível em <http://www.rodaviva.fapesp.br/>, que compreende entrevistas transcritas realizadas no âmbito do programa de televisão Roda Viva, da Tv Cultura. Nosso *corpus* de trabalho consiste na seleção de 71 ocorrências encontradas em entrevistas com pessoas da área política. No que diz respeito aos resultados preliminares, notamos que o estágio inicial de *acontece que*, isto é, seu uso original, como oração matriz de uma construção subjetiva, é pouco frequente na sincronia, com apenas uma ocorrência. Já considerando os três estágios previstos em Diewald (2006), percebemos que o contexto atípico marca um uso da construção voltado pragmaticamente para apontar aspectos negativos, após perguntas, retóricas ou não, com o uso do verbo *acontecer*, como estratégia argumentativa; no contexto crítico, por sua vez, a construção aparece previamente acompanhada do membro exemplar da categoria dos conectivos de contraste, o *mas*, o que, além de apontar para a informação subsequente, reforçando-a, também acarreta em opacidade tanto semântica quanto estrutural, não sendo possível determinar exatamente se o sentido contrajuntivo pertence ao conectivo ou ao *acontece que*; por fim, no contexto isolado, a construção aparece sozinha no enunciado, funcionando como conectivo que realiza operações de oposição e contraste, sem necessidade de qualquer suporte semântico ou estrutural prévio ou posterior, configurando-se como um novo nó na rede de construções.

### Referências bibliográficas

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. In: Special Volume 1: *Constructions all over – case studies and theoretical implications*. 2006.

\_\_\_\_\_; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: *Grammaticalization and Language Change: New reflections*. Davidse, Kristin, Tine Breban, Lieselotte Brems; Tanja Mortelmans (Ed.) [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 111-133.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 300 p.

TRAUGOTT, E.C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

### A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO DE REPENTE: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO

Nastassia Santos Neves Coutinho

O presente trabalho tem como objetivos realizar o percurso histórico da construção “de repente” e seus valores semântico-discursivos e observar os contextos críticos do fenômeno, a fim de identificar as mudanças construcionais envolvidas nessa construção

(TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), procurando mostrar se houve construcionalização. O modelo de Traugott e Trousdale (2013) define a língua como uma rede de construções dentro do sistema linguístico, conceituando construção como um pareamento entre forma e função. Neste modelo, a abordagem do sistema linguístico é vista como um conjunto de nós, que podem ser nós menores, como as próprias construções, que por sua vez são agrupadas em nós maiores que formam a rede linguística. A associação das construções da língua a uma rede de conexões se dá pelo fato de cada construção pertencer a uma outra maior criando os enunciados produzidos pelos falantes, assim a língua constitui uma rede de construções interconectadas. A hipótese é a de que a formação de “de repente” seja um caso de construcionalização, pois deve haver padrões construcionais em que “de repente” se insere e links de heranças com outras construções com valor temporal e de modalizador epistêmico. Para verificar essa hipótese, analisaremos registros da amostra do Corpus do Português, disponível online, que reúne textos da Língua Portuguesa com variedades do Brasil e de Portugal, do século XIII ao XX. Para a análise estatística, utilizaremos o programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Numa análise preliminar verificamos os seguintes valores para a construção “de repente”: tempo (ex: “e vendo de repente uma extraordinária claridade”); modo (ex: “Agora o Vittorio apareceu de repente”); ambíguo (ex: “mas que, se de repente os matassem, como tinham feito ao Cubosama”) e modalizador epistêmico (ex: “De repente perderias o ser e tornarias ao nada d’onde saíste”). Observaremos também os padrões sintáticos em que “de repente” ocorre na oração, como V + de repente; de repente + oração e como esses padrões afetam o valor semântico que a construção assume no enunciado. Nosso estudo diacrônico, ainda em fase inicial, busca identificar o contexto crítico de ocorrência da construção, entre as funções de tempo e modalizador epistêmico, evidenciando a mudança da construção, originalmente de tempo, para possibilidade e reconhecendo o valor de modalizador epistêmico como o mais produtivo no português atual, sendo que um aspecto que ressalta das análises anteriores de Siqueira (2012) e Coutinho (2016) é o de que esse valor ocorre, principalmente, em contextos em que “de repente” é empregado como elemento de reforço do valor de possibilidade, coocorrendo com outros elementos modalizadores (ex: “De repente pode haver algum trecho que não seja muito nítido”).

**Palavras-chave:** modelos funcionais baseados no uso; construcionalização; de repente.

### Referências bibliográficas

COUTINHO, Nastassia Santos Neves. *De repente, não mais que de repente, gramaticalizando*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de pós-graduação em Linguística. Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. Goldvarb X: *A variable rule application for Macintosh and Windows*. 2005. Disponível em: <[http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref)> Acesso em: 29 mai. 2016.

SIQUEIRA, Sirley Ribeiro. *Usos da expressão de repente: trajetória e funcionalidade*. Tese de doutorado (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.



TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## **A MUDANÇA LINGUÍSTICA DA CONSTRUÇÃO “ACONTECE QUE”**

Karina da Silva Corrêa

O presente trabalho tem o objetivo de investigar o fenômeno da mudança linguística no uso da construção “acontece que”. Com base em estudos da linguística funcional centrada no uso, utilizamos os pressupostos teóricos da mudança linguística (MARTELOTTA, 2011; BYBEE, 2015) e da gramaticalização de construções (BYBEE, 2003, 2010, 2015; HEINE, 2003, 2007; HOPPER E TRAUGOTT 2003; TRAUGOTT, 2003) na análise dos dados. Buscamos identificar o processo de gramaticalização sofrido por tal construção através de dados de uso e analisar os micropassos de mudanças ocorridos com a apresentação de uma proposta de mudança por fases. Nossa hipótese é de que ocorreu uma mudança de um uso mais lexical (parte de uma oração subordinada) para um uso mais gramatical (operador argumentativo). A pesquisa está pautada em perspectiva pancrônica a fim de verificar em dados históricos, do século XIV ao século XX, os micropassos da mudança linguística e de observar o uso da construção em dados da contemporaneidade, como operador argumentativo. Utilizamos o método misto para avaliar qualitativa e quantitativamente os dados coletados, visto que analisamos os contextos de uso da construção e buscamos comprovar seu uso a partir de dados estatísticos, além de verificar sua frequência. O corpus do trabalho é composto por textos da modalidade escrita, formal e informal, pesquisados e coletados nos bancos de dados históricos CIPM, PHPB, Domínio Público e Corpus do Português; e do banco de dados contemporâneo do Corpus do Português. O presente trabalho está em andamento, em fase de análise dos dados e, por isso, não apresenta resultados de pesquisa.

**Palavras-chave:** construção; funcionalismo; gramaticalização; mudança linguística.

## **CONSTRUCIONALIZAÇÃO EM UM MONTE DE SN: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO**

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux

Este trabalho consiste em uma análise da formação da construção quantificadora um monte de SN ao longo da história do português, a partir da ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. A hipótese que norteia esta pesquisa é a de que a construção quantificadora é historicamente ligada a uma construção de sentido mais qualitativo. Os usos periféricos da construção mais qualitativa, de modo mais específico da categoria de matéria, proporcionaram mudanças de sentido nessa construção por estarem semanticamente muito distantes de exemplares mais centrais. Observamos, ainda, na construção qualitativa, o aumento da produtividade e esquematicidade e a diminuição da composicionalidade. Percebemos que, na construção quantificadora, há uma mudança de núcleo – já que na construção original esse núcleo correspondia ao monte que era especificado por um tipo de SP, e na construção quantificadora, esse núcleo corresponde ao SN que é quantificado pelo *chunk* um monte de. Após mudanças na forma e no sentido,

constatamos que houve uma construcionalização, a formação de uma nova construção com o sentido de quantificar um SN na língua.

### Referências bibliográficas

ALONSO, K. S. B. *CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUANTITATIVAS E CONSTRUÇÃO DE MODIFICAÇÃO DE GRAU: uma abordagem baseada no uso*. Tese de doutorado em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (Org.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CEZARIO, M. M.; FURTADO, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. *Usage-based construction grammar*. In Ewa Dabrowska and Dagmar Divjak (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*, 295-321. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

FUMAUX, N. C.; ALONSO, K; CEZARIO, M.M. *Construcionalização de um monte de SN: uma abordagem centrada no uso*. Espírito Santo: Revista Percursos Linguísticos, v. 7, n.14, p. 139-158, 2017.

FRANCIS, E. J., MICHAELIS, L. A. (Org.). *Mismatch: form-function incongruity and the architecture of grammar*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2003.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG A.; CASENHISER, D. English Constructions. *Handbook of English Linguistics*. In April McMahon and Bas Aarts (eds.) Blackwell Publishers, 2006.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LANGACKER, R., W. *Possession and possessive constructions*. In *Language and the cognitive construal of the world*. Ed. by John R. Taylor; Robert E. MacLaury. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1995

MARTELOTTA, M. E. *Mudança Linguística: Uma Abordagem Baseada No Uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

RODRIGUES, E. *Concordância verbal com construções partitivas – uma proposta de análise*. Juiz de Fora: Veredas, n.1, p. 93-107, 2011.

TALMY, L. *Grammatical construal: the relation of grammar to cognition*. In: GEERT-AERTS, D. (Org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

TRAUGOTT, E. C. *The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization*. *Cognitive Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, v. 18, n. 4, p. 523-557, 2007.

TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English*. In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (Eds.). *Variation, Selection, Development-Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

**VARIAÇÃO EM ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann  
Rachel Escobar Silvestre

A Língua Portuguesa no Brasil caracteriza-se por apresentar uma pluralidade de normas. No entanto, no que tange ao ensino de Língua Portuguesa, sabe-se que a norma padrão, aquela que, segundo Faraco (2008), é uma construção ideológica baseada em um padrão de escrita literária de escritores portugueses, é a prescrita como adequada a ser seguida no âmbito escolar. No entanto, outras normas concorrem no ensino de Língua Portuguesa, por isso, há um abismo entre a realidade linguística do Brasil e o que tem sido ensinado em sala de aula. Desse modo, esse trabalho tem o objetivo de descrever o comportamento de orações relativas preposicionadas padrão e suas respectivas variantes, as orações cortadoras e copiadoras em dez gêneros textuais: anúncio, artigo, carta de leitor, crônica, entrevistas de jornal/revista, entrevista sociolinguística, notícias, tese/dissertações, editoriais e tirinhas. Esses gêneros foram selecionados com o intuito de se observar como alguns fenômenos linguísticos, como as orações relativas, fenômeno foco deste estudo, são empregadas por falantes do Português Brasileiro em contextos mais ou menos formais e mais ou menos monitorados. As orações relativas correspondem às orações subordinadas adjetivas restritivas da tradição e desempenham função de modificador de uma expressão nominal. Alguns estudiosos, como Tarallo (1983), Kato (1996) e Bispo (2003, 2009), apresentam algumas variantes que concorrem com a relativa padrão, diferente do modelo proposto pela tradição gramatical, nomeadas de relativas não padrão. Nesse *corpus*, foram encontrados 413 relativas preposicionadas. Nossa intuição inicial era a de que haveria mais ocorrências de relativas não padrão nos gêneros que se aproximam de características [+orais], [-monitoradas] e com traços de [-formalidade], o que foi confirmado pelo resultado da análise dos dados. Entretanto, as copiadoras não foram expressivas no *corpus* analisado, pois as 7 ocorrências constatadas não se referiam a contextos preposicionados, portanto, não foram foco desta análise. Foi observado também que ocorreu um expressivo número de relativas cortadoras em gêneros nos quais o grau de atenção e de planejamento é mais exigido, por se tratar de textos escritos científicos, com características [+ formais], como em Artigo (36%) e Teses/Dissertações (22%). Mesmo que prevaleçam as ocorrências de relativas padrão nesses gêneros, é possível relacionarmos essa constatação ao fato de que as cortadoras realmente fazem parte da norma vernacular do brasileiro e que em contextos monitorados, os falantes, muitas vezes, se esforçam para fazer uso de uma estrutura que não é natural de sua gramática.

**AS RELATIVAS APOSITIVAS E O FENÔMENO DO “DESGARRAMENTO”  
EM SALA DE AULA**

Karen Pereira Fernandes de Souza  
Violeta Virginia Rodrigues

O fenômeno do “desgarramento” contraria a premissa de que toda oração subordinada deve vincular-se sintaticamente a uma oração principal ou a um termo dela. Na perspectiva funcionalista, há cláusulas satélites que figuram nos textos sem a sua cláusula núcleo sem causar prejuízo à comunicação/interação entre os falantes. A cláusula relativa apositiva “desgarrada” é uma das estratégias linguísticas em língua portuguesa que visa à ênfase, isto é, à focalização do conteúdo nela veiculado com referência a um sintagma nominal ou a uma porção de texto já mencionada anteriormente no discurso. Na modalidade escrita, estas cláusulas se realizam desvinculadas, sintaticamente, em relação ao sintagma nominal/oracional da cláusula núcleo por meio de um ponto final, mas a relação semântica estabelecida entre elas permanece inalterada, produzindo, inclusive, um efeito pragmático de ênfase. Visando a solucionar a separação da relativa por ponto final do seu antecedente, a gramática tradicional propõe modificações na composição do período no sentido de desfazer a fragmentação, sugerindo substituir, por exemplo, o uso do ponto final pelo uso da vírgula de forma a integralizar a cláusula ao seu núcleo. O propósito dessa reescritura é tornar a nova estrutura adequada às propriedades de suas categorias sintáticas prototípicas de oração subordinada. Diante desse quadro, este trabalho tem como objetivo aliar os resultados obtidos em pesquisas linguísticas sobre “desgarramento” ao ensino, de modo que alunos e professores de língua materna possam refletir sobre a estrutura “desgarrada” e seu cotexto de uso desvinculada da noção de “erro” ou “desvio”. Assim, adotamos o funcionalismo linguístico (MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988; HOPPER & TRAUGOTT, 1993; CHAFE, 1980; DECAT, 1993, 2011, 2014, SILVESTRE & RODRIGUES, 2017) para descrever a cláusula relativa apositiva “desgarrada”, uma vez que no estudo da língua deve haver uma interação entre o nível morfossintático aliado aos níveis semânticos-pragmáticos, juntamente com os cotextos e contextos reais de uso. Selecionamos três grandes amostras da língua portuguesa (Phpb, Varport, Peul), totalizando 1.883 textos. Estes compreendem os séculos XIX, XX e XXI com variados gêneros de domínio jornalístico e, por meio de uma busca quantitativa (com auxílio do programa AntConc) e seleção qualitativa dos dados, desejamos confirmar a seguinte hipótese: o fenômeno do “desgarramento” em relativas apositivas não é uma novidade no PB atual e já se podia observar desde o século XIX. Os resultados obtidos revelam um aumento do uso dessa estrutura ao longo de três sincronias distintas, comprovando a nossa hipótese. De posse desses resultados, propomos aqui exercícios para serem aplicados em turmas de 2º e 3º anos do ensino médio, já que são nesses períodos em que se apresenta aos alunos a articulação de orações.

**Palavras-chaves:** ensino; desgarramento; relativas apositivas.

## **O “DESGARRAMENTO” DE CLÁUSULAS RELATIVAS APOSITIVAS EM ROTEIROS DE CINEMA**

Gabriel Santos da Silveira  
Violeta Virginia Rodrigues

O presente trabalho tem por objetivo descrever as cláusulas hipotáticas relativas apositivas ‘desgarradas’ (cf. Decat: 2011), segundo uma abordagem funcionalista, utilizando roteiros de cinema como corpus. As estruturas relativas ‘desgarradas’ caracterizam-se pelo fato de serem uma unidade de informação à parte e, também, pelo fato de não estarem estruturalmente/sintaticamente integradas a um SN inserido dentro de uma cláusula matriz. A relação entre uma estrutura ‘desgarrada’ e o SN é semântica,

visto que, quando o falante se utiliza do recurso do ‘desgarramento’, dá enfoque, ênfase e destaque a um determinado SN no contexto linguístico. Vejamos um exemplo do fenômeno com um caso de um dos roteiros de nosso corpus - “A Cartomante”: ... E eu podia imaginá-la como uma pessoa boa, inteligente, rica... **Que em algum momento da vida perdeu o rumo, confundiu tudo e escolheu o lado errado...** Acho que no fundo ela é mais uma vítima. Como todos nós. (“A cartomante”, p. 303; §1) Analisando-se o dado antes transcrito, percebe-se que a estrutura relativa apositiva ‘desgarrada’ foi sublinhada e que se separa do SN “pessoa boa, inteligente, rica” por meio de um sinal de pontuação – as reticências –, fazendo um comentário que incide sobre ele. Assim, nota-se que o papel da cláusula “desgarrada” é fazer um adendo, enfatizando, destacando a ideia de um desvio de comportamento humano. De onze roteiros analisados até agora, 57 dados foram encontrados e coletados, sendo 53 desgarradas relativas apositivas, 21 desgarradas circunstanciais e uma desgarrada completiva. Embora nosso foco de análise sejam as relativas, contabilizamos todos os outros casos de “desgarramento” encontrados, a fim de verificar a frequência das relativas no corpus. Os resultados encontrados até o momento evidenciam que estas são bastante produtivas nos roteiros de cinema. Adotando a proposta de Rodrigues (2017), partimos da hipótese de que as “desgarradas” relativas apositivas só são cotextuais, o que as diferencia das circunstanciais e completivas.

## CONSTRUÇÕES CORRELATAS DISJUNTIVAS: USOS DO SÉCULO XIII AO XXI

Jovana Mauricio Acosta de Oliveira

Objetiva-se observar, diacronicamente, os usos das construções correlatas disjuntivas à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). A análise será pautada em construções como a seguinte: Senhora janeleira faz-se linguareira, invejosa, maldizente e ruim. Mulher de janela, ou pública ou tola. Ainda se é em uma janela de onde se descobre o mar, as florestas, os acidentes de uma paisagem e o ar livre e puro, ainda se compreende. A LFCU parte do princípio de que a língua emerge a partir de seu uso e vai sendo moldada em meio a instabilidades. O objeto em análise será tratado como construção, por aderirmos à abordagem construcional nos modelos de Goldberg e Jackendoff (2004), Croft (2007) e Trousdale (2008). De acordo com esses autores, construção é definida como um pareamento de forma e sentido que apresenta significado próprio, esquemático, parcialmente independente das palavras que a compõem, servindo, pois, como um esquema ou modelo que reúne o que é comum a um conjunto de elementos da mesma natureza. Acosta (2016), observou que a construção correlata disjuntiva é uma construção diferente da coordenada, pois apresenta diferenças não só formais, mas também pragmáticas. Pretende-se, portanto, neste trabalho uma análise dos séculos XIII ao XXI, observando a rota de mudança dessas construções. Este trabalho configura-se como ponto de partida para uma proposta futura: a de traçarmos a rota construcional de mudança das correlatas disjuntivas em uso no português. Para tal análise, o corpus sincrônico escrito utilizado é composto por textos retirados de versões eletrônicas da Revista Veja (<http://www.veja.abril.com.br>). Já o corpus escrito diacrônico foi retirado de textos do CIPM (Corpus Informatizado do Português medieval) e do projeto Tycho Brache. Foram encontrados, até o momento, 250 ocorrências no corpus sincrônico e diacrônico.

## O ITEM *TIPO* COMO ARTICULADOR DE CLÁUSULAS NO PB

Heloise Vasconcellos Gomes Thompson

Tomando por base dados reais de uso do Português Brasileiro (PB), Thompson (2013) constatou que o item *tipo*, além de apresentar sua função prototípica de substantivo, pode desempenhar papel de articulador de cláusulas, ligando-as e reforçando a relação semântica por elas partilhadas. Os exemplos a seguir explicitam o uso de *tipo* como articulador. Observe: (1) BEL: Eu trabalho num *call center*, sabe? Telefone o dia inteiro. Às vezes, escuto trezentas pessoas num dia. Em casa, continuo ouvindo vozes reclamando da cobrança do cartão, falando do vencimento, plano *gold*... ouço vozes no banho, na cama, [**tipo** louca mesmo]. (Roteiro de “Chega de Saudade”, 2007) (2) PROFESSORA: A televisão, realmente, podia ter um papel educativo importante. TELMA: Podia, claro! Podia ensinar português, matemática, até alguma coisa útil, [**tipo** fazer um arroz, um café], tem gente que eu conheço que não sabe fazer café! (Roteiro do filme “Bendito Fruto”, de 2004) Em (1), *tipo* introduz uma cláusula comparativa (“*tipo* louca mesmo”), ligando-a à cláusula antecedente (“ouço vozes no banho, na cama”) e reforçando a relação de comparação entre a pessoa que fala e uma pessoa louca, ambas apresentando como característica comum “ouvir vozes”. Em (2), o item introduz uma cláusula de adendo, que constitui um desdobramento do sintagma “alguma coisa útil”. Diante de casos como (1) e (2) e sem encontrar descrição dos mesmos disponível nos compêndios gramaticais, Thompson (2013) elaborou uma proposta de classificação e análise para cláusulas introduzidas por *tipo* com base em preceitos funcionalistas (cf. HEINE, 2003; NEVES, 2001; TRAUGOTT, 2011), especialmente os encontrados em Halliday (2004). Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados encontrados por Thompson (2013) para a análise e descrição de cláusulas introduzidas por *tipo*. Para tanto, foram coletados dados em quatro diferentes *corpora*: o *corpus* Varport, o *corpus* D&G, roteiros de filmes brasileiros e postagens da rede social *Facebook*. Após coleta dos dados, constatou-se que o item *tipo* pode introduzir cláusulas comparativas e de adendo, materializando-se por meio de parataxe ou hipotaxe, nos termos de Halliday (2004). O presente trabalho, então, contribui para a realização de uma descrição linguística baseada no uso, refletindo, assim, seu real funcionamento.

### Referências bibliográficas

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 3.ed. NewYork: Oxford University Press Inc, 2004.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In.: JOSEPH, Brian. & JANDA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2001.

THOMPSON, Heloise Vasconcellos Gomes. *Do léxico à gramática: os diferentes usos de tipo*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalisation and construction grammar. In: CASTILHO, Ataliba T. *História do português paulista*. v. 1. Campinas: IEL/ Unicamp, 2009, p. 93-101.

## **ARTICULAR ORAÇÕES: UM PROCESSO A SER ENSINADO SÓ PARA O ESTUDANTE DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA?**

Luiz Herculano de Sousa Guilherme  
Maria Antônia Paiano do Nascimento  
João Pedro Schneider

Desde 2016 o Campus Gaspar do Instituto Federal de Santa Catarina vem desenvolvendo cursos de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira para estrangeiros com objetivo de promover inclusão de haitianos na região de Gaspar e Blumenau por meio da língua e da cultura. Assim, ficou muito claro que o ensino do Português como Língua Não Materna (PLNM) para esse público deveria levar em conta uma série de fatores, sobretudo aqueles que mostrassem um ensino intercultural, conforme nos ensinam Almeida Filho (2002) e Leffa (2008). Com isso, a necessidade de ensinar a linguagem enquanto prática social (e não apenas como unidades linguísticas), desenvolveu-se no campo de ensino de línguas estrangeiras a chamada abordagem comunicativa. Neste modelo de ensino, busca-se não apenas descrever a língua em si, mas sim o que pode ser feito com ela. Desse modo, ao se pensar que esse ensino precisa ser algo que fuja do simples decorar nomes e regras gramaticais, esse trabalho tem como tema a articulação entre orações com objetivo de mostrar como isso é feito pelos manuais de PLNM. Para executar tal tarefa será realizada uma investigação de cunho qualitativo e quantitativo a fim de ver como se dá o tratamento dessa temática nesses materiais a luz do corrente funcionalista, tendo como base os estudos de Neves (1997) sobre a língua em uso e os trabalhos de Rodrigues (2001) e (2013) a respeito do uso de conectivos em cláusulas. É importante destacar que os trabalhos desses autores servirão de suporte teórico para a construção de estratégias pedagógicas e linguísticas no ensino PLNM para os haitianos.

## **CLÁUSULAS FINAIS E MODAIS: FIOS DA TEIA ARGUMENTATIVA**

Amanda Heiderich Marchon

Este trabalho investiga a impossibilidade de se empreender uma análise linguística que dissocie os níveis sintático, semântico e pragmático, com o fito de propor estratégias pedagógicas mais eficientes para o ensino de língua materna. Mais especificamente, discutiremos como as cláusulas finais e modais se articulam nos níveis micro e macrotextuais, contribuindo, pois, para a organização argumentativa do discurso. Objetivando uma análise que amplie a visão da tradição gramatical e que ultrapasse o nível sentencial, propomos um estudo de interface entre os postulados teóricos da Semântica Argumentativa e do Funcionalismo, priorizando tanto a semântica quanto a sintaxe. Debruçar-nos-emos, portanto, sobre os efeitos de sentido que as estruturas hipotáticas finais e modais mantêm com as porções de discurso em que estão inseridas, compreendidas, nesta investigação, como fios da teia argumentativa empreendida pelo enunciador para envolver o interlocutor. Partindo da hipótese de que as estruturas hipotáticas revelam um matiz argumentativo, o corpus de análise desta investigação será constituído de cláusulas que provém de vinte e quatro (24) artigos de opinião publicados, aos sábados, pelo jornal Folha de São Paulo, na coluna Tendências e Debates, ao longo



do ano de 2014. Essa coluna veicula artigos assinados que, segundo informação editorial, não traduzem o posicionamento do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. Para tanto, essa seção apresenta uma pergunta sobre determinado assunto que suscitou polêmicas ao longo da semana nos noticiários. Os articulistas convidados, ao responderem sim ou não ao questionamento feito pela instância midiática, defendem visões opostas em relação ao tema em tela, aproximando-se ou afastando-se das doxas vigentes, ou seja, do que a sociedade considera politicamente correto. Pode-se questionar, porém, como identificar a doxa vigente, uma vez que o que é tido como verdadeiro para um grupo pode ser considerado inválido para outro. Propomos, então, investigar a doxa que emerge dos pares de textos em análise, por meio do estudo dos implícitos textuais e do reconhecimento de múltiplas vozes nos discursos, postulados estruturados por Ducrot (1981), o que justifica a proposta de um estudo de interface.

### **Referências bibliográficas**

DIAS, Nilza Barrozo. *As cláusulas de finalidade*. Tese de doutoramento. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2002.

DUCROT, Oswald. *Provar e dizer: linguagem e lógica* São Paulo: Global, 1981.

MARCHON, Amanda Heiderich. *As teias da argumentação: um estudo de interface sintático-discursivo da hipotaxe circunstancial*. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2017.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and “subordination”. IN: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

SILVA, Anderson Godinho. *Cláusulas com noção de modo em português: um estudo funcionalista*. Tese de doutoramento em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2011.

### **AS ADVERBIAIS FINAIS E TEMPORAIS EM FOCO: UMA ANÁLISE DAS TIRAS DE HAGAR, O HORRÍVEL**

Natália Crissaff Amaro

Ao contar uma história ou ao narrar um fato, compomos uma narrativa, que consiste, basicamente, na sequenciação de acontecimentos reais ou fictícios. De uma narrativa, fazem parte personagens, os quais atuam em um ou mais espaços definidos, no decorrer do tempo indicado. Suas ações são acompanhadas por circunstâncias para que sejam mais precisas, esclarecidas e detalhadas. Essas circunstâncias também estão presentes nos textos dissertativos, aqueles que expõem um ponto de vista sobre determinado assunto. O autor, ao propor reflexões, defender sua opinião, discorrer sobre uma ideia, criar polêmicas, fomentar o debate e buscar conclusões e soluções, desenvolve sua argumentação indicando as circunstâncias das ações apresentadas. Em ambos tipos textuais, essas circunstâncias são expressas pelos adjuntos adverbiais, que, quando

oracionais, são conhecidos como orações subordinadas adverbiais. Tais orações, na Educação Básica, são apresentadas aos alunos pelo viés da Gramática Tradicional, a qual as identifica como dependentes sintaticamente, assim como as subordinadas substantivas e adjetivas, por meio de exemplos, quase sempre, fora do contexto de uso. Diante disso, essa noção de dependência sintática viabiliza a discussão da heterogeneidade do comportamento das orações subordinadas, principalmente dos graus de vinculação oracional, muito abordado pelos autores do Funcionalismo Linguístico, os quais pressupõem diferentes graus de dependência. Portanto, esta comunicação expõe a pesquisa de mestrado que está sendo realizada sobre as orações subordinadas adverbiais finais e temporais, muito frequentes no *corpus* analisado, as tiras de *Hagar, o Horrível*, a partir das noções funcionalistas de parataxe, hipotaxe e subordinação, considerando as teorias de autores como Halliday (1985) e Hopper & Traugott (1993). Pressupõe-se que as subordinadas temporais aparecem mais no formato desenvolvido, pois apresentam diferentes nuances de sentido, transmitidas, principalmente, pelos conectivos e de que as finais são encontradas mais no formato reduzido, o qual possui menor dependência que o desenvolvido com a chamada oração principal.

### **Referências bibliográficas**

DECAT, Maria Beatriz N. *A articulação hipotática adverbial no português em uso*. In: DECAT, Maria Beatriz N. et al. (org.). *Aspectos da gramática do português*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. *Introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold Publishers, 1985.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

OLIMPIO, Hilda de Oliveira. *Articulação de orações: uma questão sintática, semântica e discursiva*. (Con)textos Linguísticos, Vitória, n. 1, p. 69–78, 2007.

RODRIGUES, Violeta Virginia (Org). *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro, UFRJ, 2016.

### **AS CONSTRUÇÕES CAUSAIS PELA ABORDAGEM FUNCIONALISTA EM CRÔNICAS SOBRE A CIDADE DO RIO NO SÉCULO XX**

Vívian de Sousa Neves Pereira

Este trabalho consiste em estudar as diferentes expressões da relação de causalidade, pela abordagem funcionalista, tomando como corpus, crônicas do século XX que abordam como tema a cidade do Rio de Janeiro. A relação de causalidade é uma das mais, se não a mais importante relação sintático-semântica em diferentes tipos de texto. Em todos os discursos de fala e escrita, o teor explicativo-argumentativo é muito importante e presente. Segundo já estudado em Paiva (1992), a noção de causalidade entendida como condição suficiente extrapola o que se poderia classificar pelo senso-comum de relações causa-efeito, mantendo estreitas as relações com outras, como justificativa e explicação. Para se comprovar uma possível relação causal entre dois fatos, pressupomos que o fato

causa deverá ter acontecido antes da produção do fato consequência, ou seja, uma condição temporal ligada à causalidade. Outro importante ponto é o de que, muitas vezes, a relação causal só será entendida ou justificável, se for analisada através do contexto, ou seja, das informações previamente fornecidas no discurso. Uma contribuição importante para a compreensão das relações causais é fornecida pela proposta de Sweetser (1990), para quem as construções causais operam em três domínios distintos: o do conteúdo, o epistêmico, e o do ato de fala. A relação de causalidade possui diferentes formas de expressão na língua, tanto na modalidade falada, como na escrita, o que enobrece e estimula seu estudo mais detalhado. Tal visão, diferentemente das formalista e normativa, sustenta a necessidade de considerar o uso real da língua e os propósitos comunicativos, como mostra Moura Neves (1999), que a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante. Assim como em outros gêneros textuais, nas crônicas, podemos encontrar diversas formas de expressão de causalidade. Neste trabalho, serão focalizadas as construções justapostas, as construções conectivas (porque, que, já que e como) e as construções com orações reduzidas de infinitivo, gerúndio e participípio.

### **Referências bibliográficas**

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DIK, C. S. *Functional grammar*. Dordrecht-Holland/Cinnaminson-EUA: Foris Publications, 1981.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2nd. Ed. London: Edward Arnold, 1994.

NEVES, M. H. M. de. (Org.) *Gramática do Português Falado*. V. VII. Campinas: Unicamp, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição A. de. *Aspectos Semânticos e discursivos da Relação de Causalidade*. UFRJ, 1992.

\_\_\_\_\_. *Ordenação das cláusulas causais: forma e função*. UFRJ, 1992.

PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. *Gramaticalização e gramática de construções: estabilidade e instabilidade no uso de orações complexas de causa em tempo real*. Revista Letras & Letras, Uberlândia, v. 27, n. 1, p. 51-70, 2011.

PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. *Cláusulas causais introduzidas por porque: da sintaxe ao discurso*. In: MOLLICA, M. C. (Org.). Usos da linguagem e sua relação com a mente humana. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010, p. 55-71.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

### **AS CONSTRUÇÕES-QUE INSUBORDINADAS NO PORTUGUÊS: SIGNIFICADOS CONSTRUCIONAIS**

Este trabalho trata do uso como insubordinadas de construções completivas. O processo de insubordinação foi proposto por Evans (2007, p. 367), e definido como o “uso convencionalizado de uma oração que à primeira vista parece formalmente ser uma oração subordinada”, e vem sendo descrito para várias línguas (Gras, 2016; D'Hertefelt, 2015; Sansiñena, 2015, Hirata-Vale, 2015, 2017, Hirata, Oliveira, Silva, 2017). O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição de construções completivas insubordinadas (CCIs) do português brasileiro para especificar seus contextos discursivos, bem como suas características formais e funcionais. Os dados foram coletados em corpora escrito e falado (Corpus do Português, Corpus Brasileiro, Corpus C-Oral e Iboruna), e analisados segundo critérios morfofossintáticos, semânticos e pragmáticos. Seguindo Gras (2016) e Sansiñena (2015), considera-se que as CCIs podem ser classificadas como construções subjetivas modais, que expressam a atitude do falante em relação ao conteúdo da proposição, e como construções textuais-interacionais, que expressam a conexão entre turnos conversacionais ou textuais, como nas ocorrências seguintes: (1) A mudança do papel da Justiça do Trabalho, convertida em um organismo de arbitragem e mediação pública, a ser requisitado em comum acordo pelas partes em conflito e sem poder normativo, na qual a sentença tem força de lei. Que ela seja feita para produzir acordo e não imposições. (CdP) (2) a gente janta a gente se alimenta tem uma pia do lado tem um fogão e depois uma churrasquera caminhando você já vê bastante flores... que minha mãe gosta de bastante flores na casa para enfeitá. aí você vê um banheiro. (IBORUNA) A análise mostra que há uma extensão funcional no uso de CCIs, que expressam relações além do nível de oração, avaliadas discursivamente. Conclui-se que a consideração de um processo de insubordinação estabelece explicitamente uma conexão com o fato de que as CCIs faziam parte de uma rede de construções anteriormente subordinadas, e passaram a ser usadas em contextos nos quais a oração principal não é realizada, por motivos discursivos e pragmáticos. (FAPESP 2016/05224-2)

## Referências bibliográficas

D'HERTEFELT, S. Insubordination in six Germanic languages. Tese de Doutorado. Katholieke Universiteit Leuven. 2015. EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.), *Finiteness*. Theoretical and Empirical Foundations. Oxford University Press, Oxford, 2007. p. 366-431.

GRAS, P. Revisiting the functional typology of insubordination: Insubordinate queconstructions in Spanish. In: EVANS, N, WATANABE, H. (Eds.) *Dynamics of Insubordination*. Amsterdam: Benjamins. 2016. p. 113-144.

HIRATA-VALE, F. B. M. *O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil*. Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 2015.

HIRATA-VALE, Flávia B. M. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. *Estudos linguísticos*. v. 46, p. 83-97, 2017.

HIRATA-VALE, Flávia B. M.; OLIVEIRA, T. P.; SILVA, C. F. Construções insubordinadas no português do Brasil: completivas e condicionais em análise. *Revista Odisséia*, v. 2, p. 2541, 2017.

SANSIÑENA, M. S. P. *The multiple functional load of que: an interactional approach to insubordinate complement clauses in Spanish*. Tese de Doutorado. Katholieke Universiteit Leuven. 2015.

## **O DESGARRAMENTO SINTÁTICO E O AGARRAMENTO PRAGMÁTICO DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS CIRCUNSTANCIAIS TEMPORAIS**

Sávio André de Souza Cavalcante

Decat (1999, 2009, 2011) observou os efeitos pragmático-discursivos de orações que, embora semanticamente dependentes, figuravam como nova unidade informacional (CHAFE, 1980), *desgarradas* de suas respectivas matrizes. Fomentando a discussão, Rodrigues e Silvestre (2017) propõem que o fenômeno pode atuar além do nível cotextual, já que a matriz da hipotática desgarrada sintaticamente pode estar no contexto discursivo, e não necessariamente materializada verbalmente. Com amparo em tais reflexões, o presente trabalho se propõe a analisar o *desgarramento sintático* de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais, em dados da língua em uso. Propomos que uma estrutura somente com Temporal (sem matriz no cotexto) não estaria *desgarrada* do contexto, e sim *agarrada*, já que, para a devida interpretação, agarra-se nas inferências, em conhecimento compartilhado etc., reflexo de mudança/extensão de dependência (MITHUN, 2008). Portanto, postulamos a existência de um *continuum* de *desgarramento sintático* de Temporais, relacionando-o aos contextos de uso: (i) **desgarramento clássico, cotextual** – matriz recuperável no cotexto; (ii) **desgarramento semicotextual** – matriz ainda recuperável no cotexto, mas com adaptações no ato de fala (contexto de respostas a perguntas com o advérbio interrogativo *quando*); (iii) **agarramento semicontextual/semipragmático** – matriz apresentada como imagem/vídeo (em memes quando); (iv) **agarramento contextual/pragmático** – matriz que só pode ser recuperada a partir de inferências (MARCUSCHI, 2008; BYBEE, 2016, entre outros) dadas pela própria situação comunicativa (em títulos de canções, de livros e discursos de ameaça/repreensão). Conclui-se que tal estratégia textual-discursiva favorece a abertura de molduras ou guias (*guideposts*) (CHAFE, 1984), que direcionam interpretações acerca de estados-de-coisas apresentados por outros meios semióticos ou inferíveis/recuperáveis pelo co(n)texto.

**Palavras-chave:** hipotaxe temporal; *desgarramento sintático*; *agarramento pragmático*; funcionalismo linguístico.

### **Referências bibliográficas**

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

\_\_\_\_\_. How people use adverbial clauses. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY 10, 1984, Berkeley. *Proceedings...* Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984. p. 437-449.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta* (Linguística e Filologia), Belo Horizonte: PUC Minas, v. 2, n. 4, p. 23-38, 1º sem. 1999.

\_\_\_\_\_. Estruturas desgarradas em foco: a função focalizadora de orações em sua ocorrência sem a oração-matriz, no português falado e escrito. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2009, João Pessoa - PB. ABRALIN 40 ANOS – *Anais...* João Pessoa - PB: Idéia, 2009. p. 2141-2151.

\_\_\_\_\_. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MITHUN, Marianne. The extension of dependency beyond the sentence. *Language*, v. 84, n. 1, p. 69-119, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/mithun/pdfs/Mithun%202008%20Dependency%20beyond%20the%20sentence.pdf>>. Acesso em 11 ago. 2018.

RODRIGUES, Violeta Virgínia; SILVESTRE, Aline Ponciano dos Santos. Desgarramento: um novo olhar. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE PESQUISA CONECTIVOS E CONEXÃO DE ORAÇÕES, 1. 2016, Niterói-RJ. *Anais...* Niterói – RJ: Letras da UFF, 2017. p. 217-237. Disponível em: <<https://uffcco.files.wordpress.com/2017/12/anais-do-i-seminc3a1rio-do-cco-publicac3a7c3a3o-com-isbn.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

## **“DESGARRAMENTO” DE CLÁSULAS COMPLETIVAS COM SENTIDO VOLITIVO: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Violeta Virginia Rodrigues  
Gabriela do Couto Baroni

Este trabalho, de base teórica funcionalista, tem por objetivo analisar o fenômeno do *desgarramento* que vem sendo observado em cláusulas completivas com sentido volitivo em português. As estruturas *desgarradas*, conforme Decat (2011), são aquelas que, apesar de consideradas subordinadas e dependentes pela Gramática Tradicional, têm sido utilizadas, tanto na fala quanto na escrita em português, de forma solta e isolada, constituindo um enunciado independente, uma unidade informacional. Para Decat (2011, p. 42), as cláusulas mais propícias ao *desgarramento* são as hipotáticas adverbiais e as relativas apositivas. As completivas, segundo a autora, somente se materializam *desgarradas* se estiverem em uma sequenciação parafrástica, reiterando ou repetindo estruturas sintáticas que foram utilizadas anteriormente no discurso, com o objetivo de enfatizá-las e com propósitos comunicativo-interacionais. No entanto, em nosso *corpus*,

constituindo por mensagens de votos e saudações que circulam na internet e em redes sociais, observamos que completivas com sentido volitivo têm sido recorrentemente utilizadas de forma *desgarrada*, como acontece em “Que seu dia seja leve, tranquilo e repleto de sorrisos”. Ao contrário do previsto por Decat (2011), essa estrutura não faz parte de uma sequenciação parafrástica, mas ocorre por si só, *desgarrada*, conforme atesta Rodrigues (2017). Embora no exemplo fornecido haja a elipse do verbo, é também possível resgatar o sentido volitivo da cláusula, que poderia ser reescrita, sem alteração significativa de sentido, com diferentes verbos desse mesmo grupo semântico: “Espero que seu dia seja leve (...)”, “Desejo que seu dia seja leve (...)”, “Quero que seu dia seja leve (...)”. Assim, parece haver, com base na análise dos dados, uma forte relação entre o grupo semântico do verbo, neste caso, o volitivo, e o *desgarramento* das completivas. Desse modo, pretendemos, neste trabalho, ampliar a descrição das *desgarradas* apresentadas por Decat (2011) com base em Rodrigues (2017), acrescentando, para isso, dados de *desgarramento* de cláusulas completivas com sentido volitivo. Por consequência, este estudo pode também contribuir para as pesquisas sobre a integração sintático-semântica entre cláusulas, pois aponta para a “independência”, tanto sintática quanto semântica, que as estruturas aqui investigadas assumem no contexto discursivo.

### **Referências bibliográficas**

DECAT, Maria Beatriz do Nascimento. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas/SP, Pontes. 2011.

## **DA FALA PARA A ESCRITA: O OUVINTE/ESCREVENTE FRENTE ÀS CLÁUSULAS DESGARRADAS.**

Vitória Benfica da Silva

Partindo de estudos já realizados sobre o *desgarramento* de cláusulas, entende-se que este fenômeno é definido pela autonomia tanto semântica quanto sintática que possuem as chamadas “orações subordinadas”, ou seja, não são de fato subordinadas no sentido estrito da palavra. No trabalho de Silvestre & Rodrigues (2014), foi feita uma análise destas cláusulas, na interface Sintaxe-Prosódia, focando o comportamento das *desgarradas* partindo da escrita em direção ao oral, por meio de roteiros de filmes selecionados. Este trabalho, no mesmo caminho do que já foi feito, toma a direção oposta, partindo da fala para a escrita. Os pressupostos teóricos em que se baseiam esta pesquisa são aqueles sobre o assunto: (a) das cláusulas *desgarradas*, com base em Decat (1999); (b) da relação entre fala e escrita, como em Marcuschi (1997); (c) da prosódia, com apoio nos estudos de Pierrehumbert & Hirschberg (1990) e Soncin e Tenani (2015). A metodologia se fundamenta em um questionário constituído de trechos de filmes, que contém tanto orações consideradas *desgarradas* quanto aquelas consideradas *não desgarradas*. Logo, o objetivo central deste trabalho se baseia em investigar de que modo o usuário da língua percebe, na escrita, as cláusulas *desgarradas* da oralidade. Visando, então, contribuir com os estudos desse tema, este trabalho procura complementar o de Silvestre & Rodrigues (2014), e demonstrar como estas cláusulas *desgarradas* se comportam, dentro do corpus selecionado, da fala para a escrita.

**Palavras-chave:** sintaxe-prosódia; *desgarramento*; fala; escrita.

## A DESSEMANTIZAÇÃO DE “IGUAL”: ANÁLISE DOS ESTÁGIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO EM CONECTORES COMPARATIVOS GRAMATICALIZADOS

Felippe de Oliveira Tota

A literatura linguística mais recente tem-se alicerçado em muitas teorias que evidenciam os processos de mudança. Daí emerge o conceito de *gramaticalização*, o qual, grosso modo, corresponde à atribuição gradual de características mais gramaticais a elementos linguísticos de características mais lexicais. No tangente às conjunções, Barreto (1999) propõe uma descrição pormenorizada desses processos de gramaticalização das conjunções em língua portuguesa, assumindo que tais itens são oriundos da reinterpretação de outras classes gramaticais, ocorrida tanto no latim quanto no próprio português. Por essa mesma via, a pesquisa de Tota (2013) propôs a inserção de mais um conector à lista: a palavra *igual*. Embora o vocábulo funcione também como conjunção, há determinados contextos de uso em que a palavra ainda detém as características lexicais de sua classe prototípica, adjetivo. Por essa razão, Tota (2013) elaborou um continuum lingüístico específico ao termo, fundamentando-se em pressupostos teóricos que investigavam os princípios/estágios de gramaticalização, discutidos em Hopper (1991), Hopper & Traugott (1993), Lehmann (2002) e Heine (2003). Os resultados obtidos no trabalho elucidaram o teor gramatical que *igual* vem assumindo e constatou-lhe a trajetória de mudança; entretanto, ainda se nota a estreita relação que o item mantém com o sentido de comparação, diferente de outros conectores comparativos gramaticalizados – *tipo*, *feito* e *que nem* –, que obedecem ao princípio da *dessemantização*. Assim, o trabalho aqui desenvolvido tem o propósito de 1) descrever os critérios a que a gramaticalização de *igual* foi submetida e 2) apontar os casos em que o item já integra contextos que não envolvem a semântica comparativa. Acredita-se que essa descrição poderá responder as lacunas da proposta defendida por Tota (2013) e esclarecer a não-correspondência entre os contextos reais de interação e os postulados da tradição gramatical.

### Referências bibliográficas

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador: UFBA, 1999. Tese de Doutorado. 2 vol.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.) *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.

HOPPER, P. J. On *Some Principles of Grammaticalization*. In: E. TRAUGOTT and B.HEINE (eds.) *Approaches to Grammaticalization I*, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

\_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge; CUP, 1993.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. v. 2. (revised edition). (Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt, No. 9. Erfurt, 2002.



TOTA, F. O. *De modificador a conector*: um estudo sincrônico de igual. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2013.